



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE
CURSO DE JORNALISMO

ISMIA KARINY CORREIA DA SILVA COSTA

A PERCEÇÃO DA 'PRESENCIALIDADE' COMO DIMENSÃO DE QUALIDADE
NA PRODUÇÃO JORNALÍSTICA

FORTALEZA
2021

ISMIA KARINY CORREIA DA SILVA COSTA

A PERCEPÇÃO DA 'PRESENCIALIDADE' COMO DIMENSÃO DE QUALIDADE NA
PRODUÇÃO JORNALÍSTICA

Monografia apresentada ao Curso de Jornalismo do Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Edgard Patrício de Almeida Filho.

FORTALEZA

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

C872q Costa, Ismia Kariny Correia da Silva.
A percepção da 'presencialidade' como dimensão de qualidade na produção jornalística /
Ismia Kariny Correia da Silva Costa. – 2021.
123 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Instituto
de Cultura e Arte, Curso de Comunicação Social (Jornalismo), Fortaleza, 2021.
Orientação: Prof. Dr. Edgard Patrício de Almeida Filho.

1. Jornalismo. 2. Qualidade. 3. Presencialidade. I. Título

CDD 070.4

ISMIA KARINY CORREIA DA SILVA COSTA

A PERCEPÇÃO DA 'PRESENCIALIDADE' COMO DIMENSÃO DE QUALIDADE NA
PRODUÇÃO JORNALÍSTICA

Monografia apresentada ao Curso de
Jornalismo do Instituto de Cultura e Arte
da Universidade Federal do Ceará, como
requisito parcial para obtenção do Título
de Bacharel em Jornalismo.

Aprovada em: __/__/__.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Edgard Patrício de Almeida Filho (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Ana Claudia Mendes de Andrade e Peres
Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ)

Antônio Melquíades Júnior
Sistema Verdes Mares (SVM)

Monografia dedicada a todos os trabalhadores, pesquisadores e profissionais da saúde que lutaram bravamente em defesa da vida, da ciência e da justiça social.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter me surpreendido tantas vezes e me colocado em caminhos que eu apenas sonhava alcançar. O Senhor sempre foi o meu guia e a minha força.

Aos meus pais, Marizete e Ismael, por me apoiarem e celebrarem comigo todas as conquistas durante a minha graduação. Meus sonhos se realizaram graças a vocês.

Ao Breno, por ter me ajudado nos momentos de ansiedade e desânimo. Seus conselhos me ajudaram a superar parte das minhas inseguranças e me incentivaram ao longo deste projeto. Obrigada por sempre despertar o melhor de mim.

Aos meus irmãos, Netinho, Johnatas e Airlys, por sempre estarem ao meu lado.

Ao meu orientador, Edgard Patrício, pela amizade, a paciência, o cuidado e a atenção dedicada. Suas reflexões, críticas e sugestões tornaram possível este trabalho. Grata por tudo.

Aos participantes da banca examinadora, Ana Claudia Peres e Antônio Melquíades Júnior. Agradeço pelo tempo e conhecimento compartilhado.

Aos colegas do Pibic, Vitória e Caio, devo muito deste trabalho a vocês. Obrigada pelo companheirismo nestes últimos meses.

Agradeço aos meus colegas de estágio, Catalina, Gabi, Júlia, Laís, Marília e Leo, pela parceria e os momentos de descontração. Meu *home-office* foi mais divertido com vocês. Também sou grata às minhas editoras no O POVO, Sara e Ju; e ao Rubens, também colega de redação, pelo ensinamento e troca de experiências.

A todos os meus colegas da UFC e da FAC, por compartilharem comigo tantos momentos de aprendizado. Especialmente a equipe do Especial Descartados, pela excelente parceria que nos levou a conquista do 5º Prêmio Prefeitura de Fortaleza de Jornalismo (categoria Universitário). E também a Karla, Thaynara, Sabrina, Virgiliano e Karol, por todas as vezes que me fizeram sorrir durante os semestres da minha graduação. Espero que a caminhada de vocês seja repleta de flores. Muito obrigada!

“[...]Nós somos irmãos, nós nos sentimos parecidos e iguais; nas cidades, nas aldeias, nos povoados, não porque soframos, com a dor e os desprazeres, a lei e a polícia, mas porque nos une, nivela e agremia o amor da rua. É este mesmo o sentimento imperturbável e indissolúvel, o único que, como a própria vida, resiste às idades e às épocas. Tudo se transforma, tudo varia - o amor, o ódio, o egoísmo. Hoje é mais amargo o riso, mais dolorosa a ironia. Os séculos passam, deslizam, levando as coisas fúteis e os acontecimentos notáveis. Só persiste e fica, legado das gerações cada vez maior, o amor da rua” (RIO, 2012, p. 7).

RESUMO

Diante do quadro da pandemia da Covid-19, que reforçou crises e impactou diretamente as rotinas de trabalho e produção do jornalismo, esse Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) tem como objetivo compreender como a redução da presencialidade pode afetar a qualidade da informação jornalística. Para isso, realiza-se inicialmente uma pesquisa exploratória por meio de revisão bibliográfica, seguida de aplicação de um *survey* com a participação de profissionais jornalistas, docentes e estudantes de jornalismo. Os dados coletados de 112 participantes são utilizados em análise quanti-qualitativa, com a proposta de responder às seguintes questões: até que ponto as limitações provocadas pela pandemia podem afetar o processo de produção da notícia? Em que dimensões a presencialidade é percebida dentro das dinâmicas produtivas do jornalismo? De que maneira é possível produzir informação jornalística de qualidade com restrições de presencialidade? Nesse processo, utilizamos conceitos de Medina (2008; 2016), sobre a arte de tecer o presente, a interação dialógica e a mediação-autoral no jornalismo; de Peres (2015; 2021), sobre testemunho lacunar; e de Salgado (2006), sobre ótica multidimensional das cidades. A partir dos dados coletados, constatamos que 66% dos 112 participantes consideram a dimensão presencialidade com importância acima da média para a qualidade do jornalismo. A mesma tendência é verificada segundo o tempo de experiência. E em relação aos fatores específicos de presencialidade, percebemos maior divergência segundo a função exercida pelos participantes.

Palavras-chave: jornalismo; qualidade; presencialidade.

ABSTRACT

Given the framework of the Covid-19 pandemic, which reinforced crises and directly impacted the work and production routines of journalism, this undergraduated thesis aims to understand how the reduction in presence can affect the quality of journalistic information. For this, an exploratory research is carried out initially through a literature review, followed by the application of a survey with the participation of professional journalists, professors and journalism students. Data collected from 112 participants are used in quanti-qualitative analysis, with the purpose of answering the following questions: to what extent can the limitations caused by the pandemic affect the news production process? In what dimensions is the presence perceived within the productive dynamics of journalism? How is it possible to produce quality journalistic information with presence restrictions? In this process, we use concepts from Medina (2008; 2016), about the art of weaving the present, dialogic interaction and authorial mediation in journalism; from Peres (2015; 2021), on gap in testimony; and from Salgado (2006), on the multidimensional view of cities. From the data collected, we found that 66% of the 112 participants considered the presence dimension as having above-average importance for the quality of journalism. The same trend is verified according to the time of experience. And in relation to specific factors of presence, we noticed greater divergence according to the function performed by the participants.

Keywords: journalism; quality; presence.

RESUMEN

En el marco de la pandemia Covid-19, que reforzó las crisis e impactó directamente en las rutinas de trabajo y producción del periodismo, este Trabajo de Finalización de Curso tiene como objetivo comprender cómo la reducción de presencia puede afectar la calidad de la información periodística. Para ello, se realiza una investigación exploratoria inicialmente a través de una revisión de la literatura, seguida de la aplicación de una encuesta con la participación de periodistas profesionales, profesores y estudiantes de periodismo. Los datos recopilados de 112 participantes se utilizan en un análisis cuanti-cualitativo, con el fin de responder a las siguientes preguntas: ¿en qué medida las limitaciones afectadas por la pandemia pueden afectar el proceso de producción de noticias? ¿En qué dimensiones se percibe la presencia dentro de la dinámica productiva del periodismo? ¿Cómo es posible producir información periodística de calidad con restricciones de presencia? En este proceso utilizamos conceptos de Medina (2008; 2016), sobre el arte de tejer el presente, la interacción dialógica y la mediación autoral en el periodismo; de Peres (2015; 2021), sobre brecha en el testimonio; y de Salgado (2006), sobre la visión multidimensional de la ciudad. A partir de los datos recopilados, encontramos que el 66% de los 112 participantes consideró que la dimensión de presencia tenía una importancia superior a la media para la calidad del periodismo. La misma tendencia se verifica según el tiempo de experiencia. Y en relación a factores específicos de presencia, notamos una mayor divergencia según la función desempeñada por los participantes.

Palabras clave: periodismo; calidad; presencia.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1	– Busca de produções acadêmicas. Chave de busca: “Qualidade + jornalismo”	20
Quadro 2	– Faixa etária dos respondentes	75
Gráfico 1	– Categoria em que se enquadram os respondentes	76
Quadro 3	– Ocupação dos respondentes	76
Gráfico 2	– Experiência profissional dos respondentes	78
Gráfico 3	– Dimensões (veracidade, ética, transparência, responsabilidade social, verificabilidade)	79
Gráfico 4	– Dimensões (pluralidade, precisão, diversidade, interesse público objetividade e independência)	79
Gráfico 5	– Dimensões (atualidade, proximidade, presencialidade, apartidarismo, imparcialidade e subjetividade)	80
Quadro 4	– Conjunto dos resultados das dimensões de qualidade	82
Gráfico 6	– A(o) jornalista ser testemunha ocular dos fatos	84
Gráfico 7	– A(o) jornalista entrevistar pessoalmente as fontes	85
Gráfico 8	– A(o) jornalista realizar entrevista no ambiente das fontes	86
Gráfico 9	– A(o) jornalista ir às ruas em busca de personagens e dados exteriores para as matérias	88
Gráfico 10	– A(o) jornalista ter contato rotineiro com a cidade	89
Gráfico 11	– A(o) jornalista estar atento aos gestos, falas, olhares e expressões da fonte e os sentidos que eles produzem	91
Gráfico 12	– A(o) jornalista entregar-se à experiências e relatos da fonte, sem estar fixo a ideias preestabelecidas	92
Gráfico 13	– O tratamento da informação ser realizado pela(o) jornalista que apurou as informações nas ruas e/ou diretamente com as fontes	93
Gráfico 14	– A(o) repórter interagir presencialmente com (a)o editor(a)	94

Gráfico 15 – A(o) jornalista estar no ambiente físico da redação	96
Quadro 5 – Conjunto dos resultados dos fatores de presencialidade	97
Gráfico 16 – Cruzamento entre funções. A(o) jornalista estar no ambiente da redação	104
Gráfico 17 – Cruzamento entre funções. A(o) jornalista entrevistar pessoalmente as fontes	105
Gráfico 18 – Cruzamento entre funções. A(o) jornalista realizar entrevista no ambiente das fontes	107
Gráfico 19 – Cruzamento entre funções. A(o) jornalista ir às ruas em busca de personagens e dados exteriores para as matérias	108

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	15
1	ESTADO DA ARTE SOBRE QUALIDADE NO JORNALISMO	19
1.1	Qualidade sob a perspectiva da organização	28
1.2	Qualidade como característica do produto e entendida enquanto serviço público	32
1.3	Considerações sobre o estado da arte	37
2	A PRESENCIALIDADE NO JORNALISMO	39
2.1	A dimensão simbólica da rua para João do Rio	40
2.2	A cidade e sua dimensão narrativa	43
2.3	Presença, passagem e a reportagem	49
2.4	Diálogo, jornalismo sentado e os cinco sentidos na apuração	52
2.5	A construção da presença no testemunho	56
2.6	Redução da presencialidade e impactos da pandemia sobre a produção jornalística	59
3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	68
3.1	Levantamentos e reflexões iniciais	68
3.2	Análise da presencialidade	73
4	QUALIDADE E A DIMENSÃO DA PRESENCIALIDADE	75
4.1	Dimensões de qualificação do jornalismo	78
4.2	Resultados gerais sobre a dimensão “presencialidade”	83
4.2.1	<i>A(o) jornalista ser testemunha ocular dos fatos</i>	83
4.2.2	<i>A(o) jornalista entrevistar pessoalmente as fontes</i>	81
4.2.3	<i>A(o) jornalista realizar entrevista no ambiente das fontes</i>	86
4.2.4	<i>A(o) jornalista ir às ruas em busca de personagens e dados exteriores para as matérias</i>	87
4.2.5	<i>A(o) jornalista ter contato rotineiro com a cidade</i>	89
4.2.6	<i>A(o) jornalista estar atento aos gestos, falas, olhares e expressões da fonte e os sentidos que eles produzem</i>	90
4.2.7	<i>A(o) jornalista entregar-se à experiências e relatos da fonte, sem estar fixo a ideias preestabelecidas</i>	92
4.2.8	<i>O tratamento da informação ser realizado pela(o) jornalista que apurou as informações nas ruas e/ou diretamente com as fontes ..</i>	93

4.2.9	<i>A(o) repórter interagir presencialmente com (a)o editor(a)</i>	94
4.2.10	<i>A(o) jornalista estar no ambiente físico da redação</i>	95
4.3	Alguns cruzamentos	98
4.3.1	<i>Tempo de experiência profissional</i>	98
4.3.2	<i>Função no trabalho</i>	100
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	109
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	112
	APÊNDICE A – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS	119

INTRODUÇÃO

O jornalismo tem passado por mudanças estruturais, tanto no seu modelo de negócios, quanto nas rotinas e práticas jornalísticas. Aliás, as mudanças acompanham a própria história do jornalismo, o que enfatiza a sua relação com a dinâmica social, assentada, em grande parte e momentos, no sistema capitalista. Devido ao avanço das tecnologias de comunicação e informação (TICs), o que se observa é o barateamento do custo de produção e de publicação de conteúdos, resultando em novas dinâmicas mercadológicas que priorizam a velocidade e a produtividade em alta demanda, dentro das rotinas do jornalismo (PRAZERES e RATIER, 2019). Essas mudanças, lembram Nicoletti e Mick (2018), são paralelas ao acirramento da concorrência e da precarização do trabalho jornalístico, sobretudo em cenário recorrente de cortes e enxugamento das redações em diversas empresas do setor. Com equipes mais reduzidas e uma situação laboral deficiente, jornalistas passam a violar princípios éticos e deontológicos, colocando em risco a qualidade da sua performance e, conseqüentemente, a qualidade da informação veiculada para o público (NICOLETTI e MICK; 2018). Mais uma crise no jornalismo, que se intensifica em meio aos ataques à democracia, às fake news e, recentemente, à pandemia do novo coronavírus, que provocou rupturas na sociedade.

É evidente que o jornalismo, mesmo diante de crises multifacetadas, deve permanecer produzindo informação de qualidade. Esse é um requisito necessário para que às organizações jornalísticas sejam capazes de se manter como instituição social de referência para as sociedades democráticas (GUERRA, 2016). Ser ponte entre diferentes grupos sociais, traduzir informações e interpretar a realidade são elementos primordiais da atividade jornalística. São, inclusive, práticas consolidadas sob a ótica do direito do público à informação. Partindo dessa reflexão, entendemos que a problemática em torno da qualidade no jornalismo permanece atual e relevante, e deve ser matéria de debate entre pesquisadores, audiência, empresas e profissionais jornalistas. Afinal, com o surgimento de novos modelos e práticas jornalísticas, o jornalismo se depara com novos dilemas, que desafiam seus princípios éticos e a sua responsabilidade perante a sociedade. E, por conseqüência, a qualidade da atividade e do produto jornalístico podem ser

impactados por essas mudanças. Por essa razão, optamos pela abordagem do tema nesta monografia.

O interesse pela temática da qualidade do jornalismo, simultaneamente, cresceu com os estudos desenvolvidos no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), da Universidade Federal do Ceará (UFC), sob a orientação do Dr. Prof. Edgard Patrício de Almeida Filho, professor vinculado ao Curso de Jornalismo/Instituto de Cultura e Arte e do Programa de Pós-graduação em Comunicação da UFC (PPGCOM/UFC). O projeto, sob o tema ‘A qualidade no jornalismo – construção de uma matriz de indicadores vinculados à produção e ao consumo da informação’, se desenvolveu entre 2020 e 2021. Ele surge como desdobramento de ciclos anteriores da pesquisa, que se debruçam sobre as mudanças gráfico-editoriais das páginas impressas do jornal O Povo, de Fortaleza - CE. Nesse novo ciclo, voltado para o estudo da qualidade, a proposta é a construção de uma matriz de indicadores da excelência jornalística.

Para isso, foi realizada inicialmente uma revisão bibliográfica para dar conta dos principais conceitos que, conforme o projeto¹, “estruturam a pesquisa, em torno das transformações no jornalismo, suas rotinas produtivas e produção textual no paradigma identificado como ‘jornalismo de comunicação’” (PIBIC, 2020). O objetivo também é identificar em que momentos da cadeia de produção do jornalismo a qualidade pode ser aferida e quais atores participam desse processo de aferição. A pesquisa, de caráter exploratório, pretende realizar aplicação de questionários e entrevistas em profundidade com esses atores que atestam a qualidade do jornalismo, como forma de alcançar os indicadores que validam essa percepção. A análise de conteúdo e a análise do discurso entram como opções metodológicas do trabalho (PIBIC, 2020).

Esta monografia, apresentada como requisito para a conclusão do Curso de Jornalismo da UFC, é resultante de reflexões do projeto de pesquisa desenvolvido no âmbito do PIBIC (2020/2021). Nosso objetivo principal é compreender como a redução da presencialidade pode afetar a qualidade da informação jornalística veiculada para o público. Para isso, iremos primeiramente

¹ As informações sobre o projeto de pesquisa “A qualidade no jornalismo – construção de uma matriz de indicadores vinculados à produção e ao consumo da informação” partem de acesso disponibilizado para a autora desta monografia, como participante do grupo de pesquisa.

identificar em quais dimensões a presencialidade se encontra dentro da cadeia de produção do jornalismo e que fatores contribuem para a noção de presencialidade. Em seguida, iremos examinar quais desses fatores são considerados mais importantes para profissionais jornalistas, docentes e estudantes de jornalismo. A partir desses procedimentos, tentaremos responder às nossas questões de pesquisa: até que ponto as limitações provocadas pela pandemia podem afetar o processo de produção da notícia? Em que dimensões a presencialidade é percebida dentro das dinâmicas produtivas do jornalismo? De que maneira é possível produzir informação jornalística de qualidade com restrições de presencialidade?

Além desta introdução, o trabalho está dividido em quatro partes. O Capítulo 1, 'Estado da Arte sobre Qualidade no Jornalismo', apresenta um panorama do que está sendo pesquisado e discutido nos últimos cinco anos acerca da qualidade no jornalismo. Para isso, considera-se ainda o contexto de crises, precarização do trabalho e de mudanças estruturais, que são tendências teóricas nas pesquisas acadêmicas brasileiras sobre jornalismo (conforme DANTAS et al., 2017) e conceitos-chave para nos orientar nas reflexões sobre qualidade no jornalismo, tendo em vista o seu caráter de instituição social (GUERREIRO NETO, 2012). Pelo menos duas perspectivas são abordadas nos trabalhos elencados pelo estado da arte: 'Qualidade sob a perspectiva da organização' e a 'Qualidade como característica do produto e entendida enquanto serviço público'.

A segunda parte, 'A Presencialidade no Jornalismo' é constituída pelo referencial teórico, que dá subsídios para a análise a ser realizada pela pesquisa, a partir dos resultados obtidos por meio de *survey*, divulgado online para estudantes, profissionais e docentes de jornalismo. Nesse capítulo, nos aprofundamos sobre a dimensão da presencialidade, a partir de uma reflexão sobre o espaço urbano e a sua relação com a atividade de produção do jornalismo. Discorreremos também sobre a concepção simbólica das ruas e da cidade; e traçamos relações entre a percepção dos sujeitos que constroem narrativas sobre elas. Em seguida, concluímos o capítulo apresentando os impactos da pandemia sobre a presencialidade na produção jornalística.

No Capítulo 3, descrevemos os procedimentos metodológicos utilizados para atingir os objetivos propostos. Em suma, trata-se de uma pesquisa do tipo

exploratória, sustentada inicialmente por revisão bibliográfica. Esse método é útil pois proporciona maior familiaridade com o problema a ser estudado (GIL, 2002). Em relação à pesquisa empírica, estabelecemos a coleta de dados por meio de um *survey*, com resultados submetidos a uma análise quanti-qualitativa. Os resultados são expostos no capítulo 4. Logo em seguida, são efetuadas as considerações finais, e, por último, apresentamos a relação de referências bibliográficas.

1 ESTADO DA ARTE SOBRE QUALIDADE NO JORNALISMO

As mudanças e transformações no jornalismo também repercutem na percepção que a pesquisa acadêmica tem desses movimentos. Então, se queremos discutir a qualidade da informação jornalística, numa perspectiva crítica, devemos nos apropriar de como as investigações do campo vêm analisando esse cenário – o estado da arte da pesquisa acadêmica sobre a qualidade da produção jornalística. Para a seleção deste estado da arte, recorreremos a trabalhos publicados no acervo de periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e do Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, em busca das palavras-chave “qualidade + jornalismo”, no período de 2015 a 2020. Devido aos poucos resultados obtidos, e de forma a alcançar a percepção de autores internacionais, estendemos as buscas para os termos em espanhol (calidad + periodismo) e inglês (quality + journalism), nas oito bases selecionadas para a pesquisa. Essas bases também incluem ferramentas de busca como os anais da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor) e da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós); além de anais da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), da Asociación Española de Investigación de la Comunicación (AE-IC) e o Google Acadêmico. A busca foi realizada entre os dias 17 de dezembro de 2020 e 13 de janeiro de 2021.

Quadro 1 – Busca de produções acadêmicas. Chave de busca: “Qualidade + jornalismo”

TÍTULO E TIPO	AUTOR	FONTE	CONCEITOS PRINCIPAIS	OPÇÕES METODOLÓGICAS	CONCLUSÕES
Qualidade no Jornalismo: percursos estrangeiros, problemas brasileiros (artigo)	Ébida Santos, Liziane Guazina (2020)	Google Acadêmico	1) Jornal de qualidade e jornal de prestígio (MERRIL, 1968); 2) Jornalismo de qualidade ou qualidade jornalística (BOGART, 1991; ANDERSON, 2014; SHAPIRO, ALBANESE e DOYLE, 2006; LACY e ROSENSTIEL, 2015; MCQUAIL, 1992, 2012; SCHULZ, 2000; VEHKOO, 2010; PICARD, 2004)) 3) Qualidade editorial (BOGART, 2014);	Revisão bibliográfica	1) A qualidade jornalística é um conceito em disputa ou formação, também influenciado pelo contexto social e cultural. Dessa forma, deve ser observado no espaço-tempo no qual está inserido. 2) O conceito de qualidade também pode ser transformado, a partir das mudanças de percepção dos diversos grupos sociais, para além das mudanças técnico-práticas 2) Parâmetros de verificação também devem ser considerados em próximos estudos sobre a qualidade no jornalismo.
O fake é fast? Velocidade, desinformação, qualidade do jornalismo e media literacy (artigo)	Michelle Prazeres, Rodrigo Ratier (2020)	Google Acadêmico	1) Aceleração social do tempo (ROSA, 2010); 2) Hiperinformação (ROMERO-RODRIGUEZ et al., 2018); 3) <i>Fake news</i> ou notícia falsa (WARDLE, 2017; ALLCOTT; GENTZKOW, 2017; TANDOC JR. et al., 2017; RIBEIRO; ORTELLADO, 2018); 4) Infoxicação (ROMERO-RODRIGUEZ et al., 2018); 5) Desinformação (PINHEIRO e BRITO, 2014).	Revisão bibliográfica	1) As informações falsas se misturam às notícias reais e rápidas, em meio aos excessos de dados na rede, caracterizados pela hiperinformação e infoxicação; 2) O excesso de informação na rede borra as bordas entre jornalismo legítimo e notícia falsa para um receptor sobrecarregado; 3) O 'bom jornalismo' pode concorrer com as notícias falsas, fazendo frente ao 'fast', e ocupando o espaço digital com diversidade, pluralidade, e resgatando os cânones do jornalismo; 4) As saídas para as notícias falsas e intencionais estariam relacionadas às políticas de regulação e à educação para a mídia e formação da audiência, nas iniciativas de media literacy.
Qualidade em	Josenildo	SBPJor	1) Norma Qualidade ISO 9000 (ISO	Análise de	1) Na análise do requisito "Pluralidade", duas das

TÍTULO E TIPO	AUTOR	FONTE	CONCEITOS PRINCIPAIS	OPÇÕES METODOLÓGICAS	CONCLUSÕES
<p>jornalismo: avaliação experimental dos requisitos pluralidade e relevância em três veículos brasileiros</p> <p>(artigo)</p>	<p>Luiz Guerra Liliane Feitoza Jussara Gonçalves</p> <p>(2019)</p>		<p>ABNT 9000:2105, p. vi)</p>	<p>Conteúdo</p>	<p>três produções apresentaram bom desempenho no indicador de representatividade; e ainda equilíbrio, em um grau razoável, entre as partes envolvidas nos conflitos.</p> <p>2) Há ainda uma boa margem de coincidência entre a avaliação de relevância feita pelas produções e a avaliação feita pela equipe com o uso da Matriz de Relevância e do Qualijor</p> <p>3) Por outro lado, foram revelados problemas como uma cobertura descalibrada de temas. E, embora haja pontos de vistas diferentes pelas partes em conflito, os argumentos apresentados nas pautas não são confrontados entre si.</p>
<p>Influências da Precarização na Qualidade Jornalística: Construção de uma Matriz de Indicadores</p> <p>(artigo)</p>	<p>Janara Nicoletti, Jacques Mick</p> <p>(2018)</p>	<p>Google Acadêmico</p>	<p>1) Precarização do trabalho (STANDING, 2014; DRUCK, 2011; ANTUNES, 2015; ALVES, 2013; HARVEY, 1992; MÉSZÁROS, 2011; DUBET, 2014; SENNET, 2015);</p> <p>2) condições de trabalho dos jornalistas (ÖRNEBRIG, 2018; 2016; ACCARDO, 1995; WEAVER; WILLNAT, 2012, 2014; SCHUDSON, 1981; THURMAN; MALIK; SCHOLL, 2012; GARCIA, 2009; MIRANDA, 2017; MELLADO et al, 2017; HANITZSCH; HANUSCH, 2017; MICK; LIMA, 2013; FIGARO; NONATO; GROHMANN, 2013; HELOANI, 2003; ADGHIRNI, 2017);</p> <p>3) qualidade do trabalho ou job quality (EUROFOUND, 2012; 2014; CLARK, 2015);</p> <p>4) qualidade jornalística (ANDERSON,</p>	<p>Revisão bibliográfica</p>	<p>1) A matriz de indicadores proposta pelos autores visa correlacionar condições de trabalho e qualidade da informação jornalística, contudo ainda é necessário avançar nas delimitações e na compreensão de cada categoria e indicadores apresentados;</p> <p>2) A percepção sobre os efeitos da condição laboral na qualidade da produção jornalística também deve ser avaliada levando em consideração as nuances sociais e econômicas do país e a variação entre cada região brasileira;</p>

TÍTULO E TIPO	AUTOR	FONTE	CONCEITOS PRINCIPAIS	OPÇÕES METODOLÓGICAS	CONCLUSÕES
			2014; LACY; ROSENSTIEL, 2015; PICARD, 1998, 2000; CERQUEIRA, 2010; ROTHBERG, 2010; COELHO; MARTÍN, 2004; MARINHO, 2011).		
Por uma agenda de pesquisa em qualidade no jornalismo (artigo)	Danilo Rothberg, Bibiana Alcântara Garrido (2018)	SBPJor	1) Qualidade no jornalismo (BERTRAND, 2002; CHRISTOFOLETTI, 2008, 2010) 2) Regulação e autorregulação da mídia (PUDEPHATT, 2011; MENDEL; SALOMON, 2011) 3) Indicadores de qualidade da mídia segundo a Unesco (2010) 4) Requisitos para qualidade em culturas organizacionais, segundo International Standardization & Accreditation Services 9001 (ISAS, 2016)	Revisão bibliográfica	1) Processos que sustentam o conceito de qualidade jornalística são complexos, tanto em sua definição quanto nas interpretações e maneiras de ser colocado em prática, por isso a implantação de sistemas de gestão depende de recursos humanos e financeiros significativos 2) Códigos editoriais e de ética podem servir como peças de marketing estratégico para alavancar a imagem no mercado. O desafio estaria em pensar a padronização e normatização ética para além da perspectiva econômica, para que o desenvolvimento democrático do jornalismo seja possível 3) Indicadores de qualidade jornalística aliados à prática de sistemas de gestão podem auxiliar no monitoramento das organizações jornalísticas, além de contribuir para a avaliação de suas características desejáveis ou que precisam ser evitadas
Ranking Q-Avalia da Qualidade Jornalística Brasil-Portugal 2018: uma avaliação experimental (artigo)	Josenildo Luiz Guerra (2018)	SBPJor	1) Perspectiva estratégica da qualidade (PALADINI, 2005; GUERRA, 2010 a e b; SWANEPOEL, 2012) 2) Norma Qualidade ISO 9000 (ISO ABNT 9000:2105, p. vi) 3) Qualidade no jornalismo (LACY, ROSENSTIEL, 2015; VEHKO, 2009/2010; MEYER, KIM, 2003)	Pesquisa bibliográfica e documental; Análise de Conteúdo	1) Nenhuma das produções avaliadas pelo sistema Q-Avalia têm um sistema interno de <i>accountability</i> adequadamente desenvolvido. Os resultados indicam, entretanto, que há um estágio inicial de "despertar" para a adoção de mecanismos como este. 2) Métodos e critérios que ofereçam procedimentos regulares de avaliação ainda são escassos

TÍTULO E TIPO	AUTOR	FONTE	CONCEITOS PRINCIPAIS	OPÇÕES METODOLÓGICAS	CONCLUSÕES
					3) Processos de avaliação de qualidade são importantes para produzir avaliações técnicas e cientificamente avançadas e ainda podem ser referências para a incorporação de boas práticas de gestão e produção de conteúdo.
Gestão da Qualidade Editorial: aplicação do software Q-Avalia para análise de jornais do Nordeste (artigo)	Juliana Correia Almeida, Josafá Bonifácio da Silva Neto (2018)	SBPJor	1) Qualidade no jornalismo, segundo Pinto e Marinho (2003); 2) Norma Qualidade ISO 9000 (ISO ABNT 9000:2105, p. vi)	Pesquisa documental e análise de conteúdo	1) As produções apresentaram baixo desempenho nas categorias avaliadas. 2) Os autores concluem que há uma "urgência" para o desenvolvimento e aplicação de instrumentos que permitam a avaliação da qualidade jornalística desses veículos, tanto como reivindicação como para o cumprimento de ações e práticas de transparência das suas atividades.
Qualidade e transparência editorial: um estudo exploratório dos jornais do centro-oeste (artigo)	Ébida Santos, Fernando Oliveira Paulino, Liziane Guazina, Lucas Lopes (2018)	SBPJor	1) Qualidade no jornalismo (CHRISTOFOLLETI, 2010; LACY e ROSENTIEL, 2015; MCQUAIL, 1992)	Análise de conteúdo e análise de dados	1) Pontuação/conceito média obtidos pelos jornais da região Centro-Oeste não têm diferença significativa em relação às demais regiões. 2) Jornais de referência tiveram melhor pontuação em indicadores específicos, como projeto editorial, identificação de conflitos de interesse e código de ética. Apesar disso, todos os resultados foram baixos, e pioram em relação à correção de erros, qualificação profissional e métricas e procedimentos para avaliação da qualidade editorial 3) Os resultados indicam que, além de tema pouco estudado, accountability é pouco aplicado por veículos jornalísticos impressos.

TÍTULO E TIPO	AUTOR	FONTE	CONCEITOS PRINCIPAIS	OPÇÕES METODOLÓGICAS	CONCLUSÕES
<p>Toward a taxonomy of newspaper information quality: An experimental model and test applied to Venezuela dimensions found in information quality.</p> <p>(artigo)</p>	<p>Luis M Romero-Rodríguez, Ignacio Aguaded (2018)</p>	<p>Periódicos CAPES</p>	<p>1) Qualidade da informação julgada no contexto das liberdades e valores ocidentais (McQuail, 1992; Shultz, 2000) 2) Meios de comunicação têm papel fundamental na criação e institucionalização de realidades (Gieber, 1964; Searle, 1997; Watzlawick, 1976: 173), na manutenção da democracia e tomada de decisões de seus públicos (Shoemaker, 2006; Shoemaker e Cohen, 2006)</p>	<p>Coleta (enquete e questionário) e análise de dados</p>	<p>1) A qualidade da informação não pode ser avaliada ou verificada apenas por meio do produto final, sob o risco de ser incompleta ou subjetiva.</p> <p>2) Uma avaliação completa deve considerar diferentes aspectos na criação do produto informativo, e ainda aqueles que tem mais ou menos relevância no processo de produção</p> <p>3) Discursos de confronto e polarização no ambiente político da Venezuela são retratados no conteúdo midiático e evidenciados em aspectos como acesso a fontes de informação, censura, omissão e dispensas injustificadas.</p> <p>4) Fontes de financiamento e condições trabalhistas também acabam repercutindo no produto final, tendo em vista seu impacto em aspectos como salário e benefícios trabalhistas; repercutem também o tipo de contrato, formação, perfil do corpus jornalístico, entre outros.</p>
<p>Indicadores transnacionales de calidad informativa basados en la experiencia de periodistas locales: estudio de casos en medios digitales de Alemania, España y</p>	<p>Rubén Rivas-de-Roca, Francisco J. Caro-González, Mar García-Gordillo (2020)</p>	<p>AE-IC</p>	<p>1) Ciberjornalismo e alteração na dinâmica produtiva (COSTA-SÁNCHEZ, 2012) 2) Culturas jornalísticas (Henkel; Thurman; Deffner, 2019) 3) Função social do jornalismo o (De-Vreese; Esser; Hopmann, 2017)</p>	<p>Estudo de casos múltiplos, entrevistas semiestruturadas</p>	<p>1) Há diferenças na concepção de qualidade do jornalismo local. O informante alemão tende a construção de parâmetros segundo o processo de produção da notícia (gatekeeping) em prática coerente com sua cultura voltada para o profissionalismo. De outro modo, no Reino Unido, os elementos remetem ao papel de vigilante da profissão e descrição factual, embora não haja uma concepção intervencionista na bibliografia do país. E no caso espanhol, a notícia é o objeto que deve ter qualidade.</p> <p>2) Foram localizados sete parâmetros de qualidade pela pesquisa, sendo cinco dentro do gatekeeping</p>

TÍTULO E TIPO	AUTOR	FONTE	CONCEITOS PRINCIPAIS	OPÇÕES METODOLÓGICAS	CONCLUSÕES
Reino Unido (artigo)					(comprometimento, transparência, reflexividade, qualidade do produto e descrição dos fatos) e dois da newsmaking (qualidade como benefício social e vigilância do poder),
Valuable Journalism Measuring news quality from a user's perspective (artigo)	Irene Costera Meijer, Hildebrand P. Bijleveld (2016)	Periódicos CAPES	<p>1) Jornalismo de valor (cf. Costera Meijer 2013a, tradução nossa)</p> <p>2) Papel do jornalismo na democracia (Allan 2010; Dahlgren 1995; Schudson 2008)</p> <p>3) Uses and gratification (Katz, Blumler, & Gurevitch, 1974)</p> <p>4) Expectativas da audiência local (Aldridge 2007; Costera Meijer 2010, 2013b; Costera Meijer et al. 2010; Heider, McCombs, and Poindexter 2005; Poindexter, Heider, e McCombs 2006; Rosenstiel et al. 2007)</p>	Survey; entrevista em profundidade; análises fatoriais exploratórias e confirmatórias	<p>1) Para os autores, as quatro dimensões do "jornalismo valioso" - urgência, conexão pública, compreensão da região e capacidade de resposta do público, ilustram como as práticas de seleção de notícias dos usuários são mais - inclusivas do que os jornalistas costumam assumir e menos triviais do que as métricas da Web sugerem.</p> <p>2) Urgência significa que mais pessoas querem se informar dos eventos e incidentes mais próximos. Conexão pública demonstra a tendência das pessoas em buscarem assuntos que possam ser úteis para a socialização. A compreensão da região revela que a audiência local quer estar ciente das histórias da comunidade e de tópicos familiares. E a quarta, se trata do relacionamento do público com os veículos do jornalismo, a partir do feedback e participação.</p>
Towards quality journalism in Ecuador: perspectives of journalists and media consumers (artigo)	Javier Odriozola-Chéné, Iván Rodrigo-Mendizábal (2017)	Google Acadêmico	<p>1) Credibilidade da informação (Rodrigo-Mendizábal, 2012, p. 55)</p> <p>2) Fatores condicionantes no desenvolvimento da profissão jornalística (Shoemaker e Reese, 2014)</p> <p>3) Qualidade jornalística (Bogart, 1989; De Pablos-Coello & MateosMartín, 2004; Gómez-Mompart & Palau-Sampio, 2013; McInerney & Bird, 2005; Pellegrini, Puente, Porath, Mujica, & Grassau, 2011;</p>	Survey, SPSS, entrevista em profundidade, análise de dados	<p>1) A credibilidade concedida pelos cidadãos aos meios de comunicação e jornalistas é afetada pelas diferentes formas de compreender a comunicação jornalística e o processo de informação.</p> <p>2) Esse embate na definição da profissão é um dos motivos pelos quais a credibilidade dos jornalistas é inferior aos do veículo em que eles trabalham</p>

TÍTULO E TIPO	AUTOR	FONTE	CONCEITOS PRINCIPAIS	OPÇÕES METODOLÓGICAS	CONCLUSÕES
			Red de Periodismo de Calidad, 2006; Shapiro, 2010; Teramo, 2006; Wimmer & Dominick, 1996)		
La calidad periodística en caso de desastres naturales: cobertura televisiva de un terremoto en Chile (artigo)	Silvia Pellegrini, Soledad Puente, Daniela Grassau (2015)	Google Acadêmico	<p>1) Cobertura em desastres naturais (Anand, 2005; Luther e Zhou, 2005; Quarantelli, 1996; Liu, 2009; e outros)</p> <p>2) Qualidade + telejornalismo (CROVI e LOZANO, 2005)</p> <p>3) Memória solta vs. memória emblemática (STERN, 2002)</p>	Revisão de literatura, entrevista em profundidade, análise de conteúdo	<p>1) O instrumento de análise utilizado pelos autores se mostrou útil para medir os padrões jornalísticos presentes e ausentes nos desastres, além de ser capaz de dar conta das diferenças de produção em momentos distintos da cobertura midiática.</p> <p>2) As variáveis de qualidade jornalística, como a hierarquia temática, o enfoque, o alcance das consequências e o uso de fontes também são afetados e modificados de forma moderada ao decorrer do tempo</p> <p>3) Também foi percebida alta presença de opinião e especulação por parte dos jornalistas, além do uso de recursos para aumentar a emotividade da situação.</p>
Estudio exploratorio de la calidad en el periodismo digital en Castilla-La Mancha (artigo)	Belén Galletero Campos, Vanesa Saiz Echezarreta (2018)	Periódicos CAPES	<p>1) Ecologia dos meios regionais, caracterizado pela precariedade e alta dependência de financiamento público (GALLETERO, 2018)</p> <p>2) cibermidia (LÓPEZ ET AL, 2005:40)</p> <p>3) Qualidade jornalística (PICARD, 2004; DE PABLOS e MATEOS, 2004; DE LA TORRE e TERÁMO, 2015)</p>	Etnografia virtual, planilha sistemática de análise com uso de livro de código	<p>1) O trabalho proporciona orientação baseada em critérios da academia sobre qualidade, e seus resultados podem contribuir com a apresentação de uma metodologia de análise</p> <p>2) No geral, os meios avaliados carecem de propostas originais e inovadoras para as potencialidades do meio digital</p>
In the Service of Good Journalism and Audience Interests?	Silke Fürst (2020)	Periódicos CAPES	<p>1) Compreensão da qualidade das notícias entre os diferentes grupos da sociedade (Lacy & Rosenstiel, 2015; Meier, 2019; Molyneux & Coddington, 2020).</p>	Pesquisa bibliográfica	<p>1) Para maximizar o tráfego, muitas redações têm como objetivo produzir e atualizar um grande número de histórias de "sucesso rápido". No entanto, isso é acompanhado por uma diminuição</p>

TÍTULO E TIPO	AUTOR	FONTE	CONCEITOS PRINCIPAIS	OPÇÕES METODOLÓGICAS	CONCLUSÕES
How Audience Metrics Affect News Quality (artigo)			<p>2) As opiniões pessoais desempenham um papel significativamente mais limitado nas expectativas dos usuários sobre o jornalismo (Abdenour & Riffe, 2019; Costera Meijer, 2013; Heise, Loosen, Reimer, & Schmidt, 2014; Neuberger, 2014; van der Wurff & Schoenbach, 2014).</p> <p>3) Critérios de qualidade (Arnold, 2008; Belair-Gagnon, 2019; Blanchett Neheli, 2018; Eisenegger et al., 2017; Lacy & Rosenstiel, 2015, pp. 27–28; Magin, 2019; McQuail, 1992; Meier, 2019)</p>		<p>da cobertura original, jornalismo investigativo e diversidade de fontes.</p> <p>2) Os jornalistas selecionam, apresentam e acompanham cada vez mais tópicos dependendo do número de audiência, sem se atentar a relevância jornalística e o valor noticioso. Com isso, há um aumento de notícias informais em destaque, enquanto alguns tópicos de interesse público recebem pouca ou nenhuma investigação e cobertura.</p> <p>3) O uso de métricas de audiência estimula a tabloidização de formatos e estilos de apresentação de notícias, incluindo clickbaiting, sensacionalismo e um foco mais forte em conteúdo visual.</p>

Elaborado pela autora

Os trabalhos desenvolvidos nos últimos cinco anos sobre a qualidade do jornalismo parecem apontar para pelo menos duas perspectivas: 1) a qualidade sob a perspectiva da organização; e 2) a qualidade como característica do produto e entendida enquanto serviço público. A partir da leitura de artigos científicos e demais trabalhos relacionados à temática da qualidade do jornalismo, foi possível perceber uma questão comum a jornalistas, acadêmicos e ao público em geral: “Quais são os padrões ou critérios que atestam a qualidade dos produtos informativos?”. De acordo com Romero-Rodríguez e Aguaded (2016), uma das principais limitações em estabelecer critérios para medir a qualidade da informação é que o termo engloba várias dimensões, em que os produtos informativos ainda estariam relacionados a padrões vinculados a normas e valores. Para os autores, aspectos como o processo de produção ou mesmo de pré-informação devem ser considerados na avaliação de qualidade, haja vista tratar-se de um processo complexo.

Isso ocorre mesmo quando outros aspectos como a importância da cobertura, a origem das informações, os tipos e variedades das fontes e mesmo explicações claras também são importantes para garantir uma informação de qualidade. (ROMERO-RODRÍGUEZ e AGUADED, 2016, p. 1331, tradução nossa)

Romero-Rodríguez e Aguaded (2016) também questionam se é possível produzir informação de qualidade em um quadro de déficit democrático, onde não há recursos legais ou políticos para exercer a atividade jornalística. Eles argumentam que a qualidade informativa é julgada no contexto das liberdades e valores ocidentais, tendo em vista a abordagem quanto a variedade de fontes, de diversidade de pontos de vista, e a composição dos interesses dos acionistas do meio de comunicação.

1.1 Qualidade sob a perspectiva da organização

No geral, tendo em vista as limitações de referências universais do que seria a “excelência jornalística”, a busca pela definição de qualidade é costumeiramente realizada a partir da percepção de quem trabalha ou estuda o jornalismo, afirmam Santos e Guazina (2020b). Ou seja, a partir de análises acadêmicas e da opinião dos profissionais é possível realizar um esforço para a identificação e categorização do que seria o “bom jornalismo”. Elas continuam:

De acordo com Lacy e Rosenstiel (2015), os acadêmicos analisam a qualidade sob as óticas da demanda e da produção. A demanda enfatiza a

interação entre as necessidades dos consumidores, além das notícias e dos conteúdos. A abordagem pela produção tem de especificar as características do conteúdo que estão associadas com níveis mais elevados de qualidade. Ambas as abordagens definem a qualidade do jornalismo como uma questão de grau e demonstram não ser tão simples como ter ou não qualidade. (SANTOS e GUAZINA, 2020b, p. 35)

O conceito de qualidade também costuma ser analisado a partir das tensões entre outras esferas envolvidas nesse processo de definição e que também podem se beneficiar do bom jornalismo (SANTOS et al., 2018). São elas as próprias empresas, que podem entender a qualidade como investimento estratégico; os observatórios de imprensa; e os órgãos governamentais, considerando o papel fundamental que a instituição jornalística exerce na democracia e na tomada de decisões do público.

Já Guerra (2016) considera que há pelo menos duas grandes lacunas na discussão sobre a qualidade jornalística. Uma é a “incipiente e dispersa elaboração do tema no ambiente acadêmico” (2016, p. 2 e 3) e a segunda a “ausência de métodos e critérios mínimos capazes de aferir a qualidade editorial em níveis aceitáveis de confiabilidade” (GUERRA, 2016, p. 2 e 3). Sem esses métodos e critérios a discussão pode ficar limitada a aspectos subjetivos, políticos ou ideológicos (ALMEIDA e NETO, 2018). Em seu artigo ‘Qualidade editorial: proposta de um ambiente e de uma ferramenta para avaliação de qualidade’, Guerra (2016) apresenta um sistema de avaliação da qualidade editorial, baseado na norma Qualidade ISO 9000². A plataforma reúne um conjunto de requisitos que podem servir de norte para produção do jornalismo de qualidade.

“Uma síntese possível do conceito de qualidade destaca a comparação entre características apresentadas pelos produtos e os requisitos: a) necessários para o seu funcionamento; e b) esperados pelos usuários. Quanto mais próximas as características estiverem dos requisitos, maior a qualidade” (GUERRA, 2016, p. 8)

Em 2018, dois anos após a publicação do artigo, esse sistema estaria consolidado como o Q-Avalia, um software que se destina a “operacionalizar, armazenar, gerar relatórios e tornar públicas avaliações de qualidade editorial” (GUERRA, 2018). O sistema foi utilizado por Guerra (2018) para avaliar produções de organizações jornalísticas segundo as suas práticas de gestão editorial, que

² Certificação que atesta o padrão de qualidade de uma empresa. No Brasil, é editada pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT).

sejam voltadas para a implementação de instrumentos internos de *accountability*. Os resultados foram publicados em artigos, a partir de análises de veículos regionais, nacionais e internacionais. Entre eles se destaca a publicação ‘Ranking Q-Avalia da Qualidade Jornalística Brasil-Portugal 2018: uma avaliação experimental’ (GUERRA, 2018).

Na publicação, foram selecionadas igualmente seis produções brasileiras e portuguesas para a avaliação experimental, que gerou um ranking de desempenho entre as produções avaliadas. As categorias analisadas foram: 1) compromissos e credenciais básicas para o jornalismo; 2) ações de correção e melhoria de desempenho; 3) relacionamento com a audiência e a sociedade. Embora os resultados indiquem que há um estágio inicial para a adoção de mecanismos de *accountability* nessas produções, nenhuma apresentou um sistema interno de “prestação de contas” adequadamente desenvolvido.

Resultados semelhantes foram capturados em artigos como ‘Qualidade e transparência editorial: um estudo exploratório dos jornais do centro-oeste’, de SANTOS et al (2018); e ‘Gestão da Qualidade Editorial: aplicação do software Q-Avalia para análise de jornais do Nordeste’ (ALMEIDA e NETO, 2018), de autores que utilizaram o mesmo sistema de avaliação de qualidade na análise de produções jornalísticas de veículos regionais brasileiros. Essas avaliações experimentais fazem parte dos esforços do Programa de Pesquisa em Qualidade, Inovação e Tecnologia Aplicadas ao Jornalismo (Qualijor), no âmbito do projeto Jornalismo e *Accountability* no Brasil, desenvolvido pela Rede Nacional de Observatórios de Imprensa (Renoi). Ao todo, 24 jornais brasileiros de diferentes regiões seriam alcançados pela pesquisa, que é também vinculada ao Laboratório de Estudos em Jornalismo (Lejor) da Universidade Federal de Sergipe (UFS).

Guerra, Feitoza e Gonçalves (2019), na publicação ‘Qualidade em jornalismo: avaliação experimental dos requisitos pluralidade e relevância em três veículos brasileiros’, apresentam metodologias alternativas que podem ser aplicadas em avaliações da atividade jornalística. Os autores seguem as premissas e definições contidas na norma de Qualidade ISO 9000 para aprimorar e testar ferramentas que possam servir para o planejamento e execução dos veículos de comunicação. Essas metodologias, segundo Guerra, Feitoza e Gonçalves (2019),

foram desenvolvidas no âmbito de uma proposta de Pesquisa Aplicada em Jornalismo.

Por Pesquisa Aplicada em Jornalismo, e seu potencial desdobramento em Desenvolvimento Experimental, entende-se o conjunto de conhecimentos próprios sobre o jornalismo ou derivados de outras áreas, destinado a sistematizar um entendimento sobre a atividade, tendo em vista a sua execução. Tal formulação visa reunir e sistematizar conceitos, fundamentos e relações para dar conta de um modo de fazer. Dessa sistematização, extrai-se um problema de pesquisa que é necessariamente um problema prático – uma limitação ou insuficiência do modo de fazer convencional – para o qual se busca uma solução inovadora capaz de gerar melhoria de desempenho. Essa solução inovadora pode requerer um instrumento igualmente inovador para sua implementação, do que resulta a necessidade de Desenvolvimento Experimental, isto é, construir algo capaz de implementar a inovação criada. (GUERRA, FEITOZA e GONÇALVES, 2019, n.p)

No artigo é utilizado o software Qualijor (sistema de gestão orientado para a qualidade editorial), para medir o desempenho das produções a partir dos requisitos Pluralidade e Relevância. Os requisitos foram mensurados levando em consideração variáveis como tipo dos relatos e equilíbrio de pontos de vista, para identificar o Índice de Pluralidade Jornalística (IPJ) na cobertura; e o número de fontes acionadas por ponto de vista e a sua distribuição nas matérias, para o Indicador de Representatividade das Fontes (IRF). Para medir a relevância os autores recorreram a "Matriz de Relevância", que corresponde à estruturação de um conjunto de valores-notícia aplicados na análise das produções. A pesquisa tomou por base critérios dessa matriz que, no entanto, não foram detalhados no artigo original.

Embora as produções tenham apresentado bom desempenho no indicador de representatividade das fontes e, de forma razoável, equilíbrio entre as partes envolvidas em conflitos; também foram percebidos problemas como cobertura descalibrada dos temas e falta de confronto nos argumentos apresentados pelas matérias. Por essa razão, Guerra, Feitoza e Gonçalves (2019) se debruçam em recomendações para solucionar estes problemas. Com o diagnóstico, os autores puderam identificar a necessidade de os veículos jornalísticos trabalharem melhor o seu planejamento de cobertura e o mapeamento das áreas de interesse. Outra sugestão foi o investimento em pautas que visem confrontar argumentos entre as partes em conflito, como forma de tornar as produções mais consistentes, plurais, e menos saturadas em conteúdo. Por se tratar de uma avaliação, os autores reconhecem que os resultados podem ser inconclusivos. No entanto, sugerem que

os relatórios possam contribuir para as empresas “em seus processos internos de discussão e reflexão sobre suas práticas jornalísticas”. (GUERRA, FEITOZA e GONÇALVES, 2019, p. 20).

Para Rothberg e Garrido (2018), os meios de comunicação devem investir no aperfeiçoamento de suas ferramentas e práticas “a fim de suprir não só os desejos, mas também as necessidades de formação sociopolítica dos diversos públicos” (p. 3). Assim, a qualidade seria entendida sob três perspectivas: 1) a qualidade como diferencial competitivo, pelo qual uma empresa consegue promover uma boa imagem e se destacar em relação às outras; 2) como cultura organizacional, que “padroniza procedimentos, reduz desperdícios, otimiza recursos e atende rapidamente às demandas que recebe” (CHRISTOFOLLETI, 2010, p. 14; *apud* ROTHBERG e GARRIDO, 2018, p. 3); e 3) a qualidade como responsabilidade social, com “ênfase sobre procedimentos de acompanhamento da recepção do conteúdo e consideração de feedbacks na formulação e reformulação das rotinas produtivas” (ROTHBERG e GARRIDO, 2018, p. 3). Essas perspectivas são apresentadas a partir de revisão bibliográfica sobre o tema da qualidade no jornalismo, contudo, sem aprofundar-se em seus critérios de mensuração.

1.2 Qualidade como característica do produto e entendida enquanto serviço público

Enquanto na literatura latino-americana interessa a qualidade entendida como uma responsabilidade social do jornalismo, escolas como a norte-americana e a alemã se inclinam, respectivamente, para estudos da qualidade segundo a orientação comercial e o aspecto profissional da instituição (RIVAS-DE-ROCA, CARO-GONZÁLEZ e GARCÍA-GORDILLO, 2020). A essas correntes se une o conceito de cultura jornalística, que compreende “as atitudes dos profissionais da informação em função dos elementos sociais, epistemológicos e éticos, associados à história de cada país”, pontuam Rivas-de-Roca, Caro-González e García Gordillo (2020, p. 41). Em estudo intitulado ‘Indicadores transnacionales de calidad informativa basados en la experiencia de periodistas locales: estudio de casos en medios digitales de Alemania, España y Reino Unido’ (2020), os pesquisadores se propõem a identificar parâmetros que determinem o valor de excelência da atividade jornalística. Para isso, recorrem a estudos de casos múltiplos e a entrevistas semiestruturadas, com profissionais da mídia local da Alemanha, Espanha e Reino

Unido. A ideia é explorar a percepção de qualidade destes profissionais e construir, em próximos trabalhos, uma proposta de indicadores de qualidade jornalística derivados da profissão. O resultado da pesquisa foi capaz de alcançar sete parâmetros, categorizados entre aqueles relacionados ao *gatekeeping*, como comprometimento, transparência, reflexividade, qualidade do produto e descrição dos fatos; e ao *newsmaking*, como a qualidade como benefício social e vigilância do poder.

Rivas-de-Roca, Caro-González e García Gordillo (2020) também endossam argumento de Sánchez-Tabernerero (2008), que já apontava a qualidade como detentora de uma dimensão objetiva, relacionada a padrões deontológicos, e de uma dimensão mais subjetiva, voltada para a percepção do público. Dessa forma, entendem que a qualidade pode ser mensurável por sistemas quantificáveis, mas “pode não coincidir com o que agrada ao público” (2020, p. 41). Para eles, a imprensa de referência pode ser útil para calibrar a qualidade da informação. Entretanto, defendem que “são as publicações locais que lidam com as necessidades diárias do público, por isso constituem um objeto ideal para avaliar a qualidade jornalística” (2020, p. 41). Assim como a Internet, que permite que as notícias alcancem maior número de pessoas. Um problema identificado, todavia, é a tendência para o uso de informações de origem não jornalística e o hábito da leitura “scan”³, em que as informações encontradas nem sempre são bem aproveitadas. (RIVAS-DE-ROCA, CARO-GONZÁLEZ e GARCÍA-GORDILLO, 2020). Essa prática tem feito parâmetros comuns na medição da qualidade (gênero, fontes, tratamento etc) perderem sua eficácia, concluem.

Também nesse contexto, o jornalismo em ambiente digital passou a adotar lógicas da cultura relacionada às tecnologias, “que o reconfiguram e mexem nas suas estruturas, incidindo na produção, na distribuição e na recepção de seus produtos, bem como na periodicidade dos ciclos e nas dinâmicas mercadológicas da indústria da informação” (PRAZERES e RATIER, 2019, p. 2, tradução nossa). Esse novo ritmo pressionou jornalistas a produzirem em alta demanda, tomando o excesso e a aceleração como regras, o que repercute na ausência da checagem, da apuração aprofundada, e na produção de informações sem uma fonte confiável,

³ Leitura “scan” ou “scanning” se refere ao hábito de leitura rápida guiada pela busca de palavras-chave, frases ou ideias específicas nos textos.

colocando em negligência os critérios clássicos de noticiabilidade (PRAZERES e RATIER, 2019). Essas práticas são um risco dentro do ecossistema informativo de alta qualidade, pois colocam em cheque a própria ideologia profissional do jornalismo, enfraquecendo conceitos como “verdade”, “confiabilidade” e “responsabilidade social”. Além disso, informações apuradas de forma negligente podem se misturar a notícias reais e ganhar repercussão, em um cenário já fragilizado pela hiperinformação e infoxicação nas redes digitais, enfatizam Prazeres e Ratier (2019).

A ideia da verdade jornalística como uma soma da apuração correta dos fatos (nas matérias individuais) constituindo a “fundação sobre o que tudo mais se sustenta” – contexto, interpretação, debate e toda a comunicação pública – é tributária de um ecossistema informativo de alta qualidade. Se a fundação é débil, tudo o mais balança. (PRAZERES; RATIER, 2020, p. 88)

Outra novidade proporcionada por essa cultura tecnológica é o uso das métricas de audiência para orientar a produção de conteúdo na internet. Para jornalistas, elas se tornaram ainda um *feedback* do sucesso ou fracasso de suas produções (FÜRST, 2020). Além de influenciarem diretamente na definição de tópicos mais atraentes para o público, que poderiam ser incluídos em suas reportagens, como forma de gerar mais tráfego e destaque para o veículo em que trabalham. De acordo com Fürst (2020), “o monitoramento, a análise e a otimização das métricas de audiência requerem recursos, reduzindo ainda mais o já escasso tempo, dinheiro e pessoal alocado para a produção de notícias” (p. 272, tradução nossa). Com a redução desses recursos, a qualidade da cobertura noticiosa sofre um impacto negativo. E, a longo prazo, a própria percepção dos jornalistas sobre o que é notícia de qualidade e um bom trabalho jornalístico pode se modificar, reflete Fürst (2020).

Para maximizar o tráfego, muitas redações têm como objetivo produzir um grande número de histórias de “sucesso rápido” e um suprimento potencialmente diverso de conteúdo atualizado. No entanto, isso é acompanhado por uma diminuição da cobertura original, de jornalismo investigativo e de diversidade de fontes. (...) os jornalistas cada vez mais selecionam, apresentam e acompanham os tópicos dependendo do número de audiência e independentemente da relevância jornalística e do valor noticioso. Isso tende a levar a um aumento de notícias informais com maior destaque, enquanto alguns tópicos de interesse público provavelmente receberão pouca ou nenhuma investigação e cobertura. Essa tendência reduz a abrangência da cobertura e enfraquece claramente a independência jornalística e os valores editoriais. (FÜRST, 2020, p. 276, tradução nossa)

Nessa conjuntura marcada pela disputa de atenção do usuário, Prazeres e Ratier (2019) defendem o *slow journalism*⁴ como uma alternativa para a qualidade, traduzida em uma comunicação de produção mais lenta voltada para o contexto e a compreensão, e pela credibilidade e a acurácia das informações divulgadas. “A vigilância epistemológica sobre a qualidade jornalística contribui para a retomada da confiança no jornalismo como esfera de mediação da realidade, ancorada em práticas éticas e responsáveis” (p. 87), também afirmam os autores.

Retornando a questão das métricas da audiência, Meijer e Bijleveld (2016), destacando reflexão de Kormelink e Meijer (2016), argumentam que as métricas da web são instrumentos limitados para medir os interesses dos usuários, porque embora o clique possa significar interesse na notícia, nem sempre a pessoa precisará clicar na notícia para estar bem informada. Por isso, para compreender o uso da notícia por parte do usuário, os acadêmicos de jornalismo costumam empregar uma abordagem da Teoria de Usos e Gratificações (U&G) em suas pesquisas, relatam Meijer e Bijleveld (2016). Essa teoria explica que os consumidores recorrem a um dado meio de comunicação, considerando as gratificações que esperam e recebem deles - tal relação entre a audiência e a instância midiática também nos remete ao conceito de “contrato de comunicação”, de Charaudeau (2004), que já tratava dessa expectativa pragmática entre o “eu” enunciador e o “tu” receptor, em uma troca comunicacional.

Assim, baseados também na Teoria de Usos e Gratificações, Meijer e Bijleveld (2016) tentam estabelecer dimensões para o que chamam de “jornalismo valioso”:

Jornalismo Valioso pretende preencher conceitualmente a lacuna entre os critérios de marketing (popularidade) e as dimensões jornalísticas (importância social). Sugerimos que suas quatro dimensões - urgência, conexão pública, compreensão da região e capacidade de resposta do público - ilustram como as práticas de seleção de notícias dos usuários são mais inclusivas do que os jornalistas costumam assumir e menos triviais do que as métricas da Web sugerem. (MEIJER e BIJLEVELD, 2016, p. 834 e 835, tradução nossa).

A dimensão “Urgência” significa que mais pessoas querem se atualizar dos eventos e incidentes mais próximos, além da facilidade de acesso a plataformas com informações bem instruídas sobre esses eventos. “Conexão pública” demonstra

⁴ Jornalismo lento, em português.

a tendência das pessoas em buscar assuntos que possam ser úteis para a socialização e servir de tópicos de conversa (dinâmica já discutida pela Teoria da *Agenda Setting*). A “compreensão da região” revela que a audiência local quer estar ciente das histórias da comunidade. Já a dimensão “capacidade de resposta do público” trata do relacionamento que a audiência mantém com os veículos do jornalismo, contribuindo com questões de interesse, além do *feedback* e da participação pública.

A necessidade de mais informações sobre o uso, necessidades e desejos do público em relação às notícias - e, portanto, de um instrumento de pesquisa U&G revisado e atualizado - é sentida com mais urgência entre estudiosos e produtores de notícias regionais e locais. Na Europa Ocidental, as emissoras e jornais regionais e locais estão perdendo uma parcela maior de telespectadores e leitores e em um ritmo mais rápido do que os jornais e emissoras nacionais (MEIJER e BIJLEVELD, 2016, p. 828, tradução nossa).

Para além dos interesses subjetivos do público no consumo de notícias, e apesar da fragilidade com que se discute o jornalismo em tempos de crise de credibilidade e de capital, vale reforçar que é na própria crise que o jornalismo reafirma a sua importância. Eventos como desastres de ordem natural ou humana, rupturas democráticas, e mesmo a pandemia atual, são situações imprevistas que afetam amplos setores da sociedade (PELLEGRINI; PUENTE; GRASSAU, 2015). Nessas situações, cresce a necessidade do público por informações; e aumenta-se a cobrança para o cumprimento da responsabilidade social do jornalismo.

Independentemente da sua origem – responsabilidade natural ou humana –, trata-se de eventos em que o trabalho dos departamentos de notícias é posto à prova na sua capacidade de reação profissional e no seu papel social. Os desastres, entendidos como eventos imprevistos, repentinos, muitas vezes perigosos e até inexplicáveis (Lozano, 2006), geram a necessidade de acesso a informações de todos os tipos, mas ao mesmo tempo, também prejudicam o fluxo adequado de informações que é exigido dessas necessidades de informação (PELLEGRINI; PUENTE; GRASSAU, 2015, p. 251, tradução nossa).

Nessa linha de pensamento, Pellegrini, Puente e Grassau (2015) propõem uma reflexão acadêmica que possa ajudar jornalistas a desenvolver um trabalho de qualidade sob alta pressão e urgência. Para isso, as autoras recorrem a uma análise quantitativa de conteúdo para medir a presença ou a ausência de critérios de qualidade jornalística na cobertura de desastres naturais na televisão. A ideia é desenvolver um instrumento que possa dar conta das diferenças de produção em momentos distintos da cobertura, que possam servir de base para orientar os profissionais a como reagir diante de situações de desastre. Em especial, porque a

partir dos resultados foi percebida alta presença de opinião e especulação na cobertura midiática, além do uso de recursos para aumentar a emocionalidade da situação – um indício do que poderia ser o uso de sensacionalismo no tratamento das informações.

1.3 Considerações sobre o estado da arte

Como indicado por autores elencados neste estado da arte, o tema da qualidade no jornalismo trata-se de um conceito multidimensional, que possui um amplo espectro teórico-metodológico. Parte considerável das pesquisas que tratam da qualidade, no Brasil, são voltadas para a gestão da qualidade editorial como instrumento de *accountability*. Enquanto na literatura internacional, que também se dedica à construção de indicadores e instrumentos de avaliação da qualidade, são considerados parâmetros mais diversificados, que não necessariamente correspondem a exigências técnicas ou requisitos para construção de normas organizacionais. O que se pode constatar, entretanto, é que a qualidade não está vinculada unicamente aos princípios que regem a atividade jornalística ou aos processos orientados pelas organizações empresariais. Ela é também influenciada pelo contexto mais amplo, do cenário sociopolítico-cultural e a ordem jurídica vigente na região em que o jornalismo é praticado. Ou seja, a excelência do jornalismo deve ser observada tanto da perspectiva da rotina de trabalho e dos padrões organizacionais, quanto na relação que pode ser feita com instâncias exteriores à própria instituição.

Outro ponto apresentado é que a qualidade é uma questão de grau, que não se restringe a dualidade de ser ou não uma produção de excelência (SANTOS e GUAZINA, 2020b). Mas o bom jornalismo praticado hoje seria o mesmo de amanhã? Devido às novas dinâmicas produtivas e o público cada vez mais exigente, Fürst (2020) entende que a concepção de qualidade para os jornalistas pode ser modificada e que princípios antes considerados importantes para os profissionais podem ser negligenciados. Se os próprios jornalistas podem mudar sua percepção sobre os valores editoriais, é provável que a audiência também passe por uma reorientação de valores no consumo das notícias. O público e os profissionais compartilhariam dos mesmos parâmetros de definição dessa qualidade? Essa é uma questão a ser respondida. Entretanto, conforme os trabalhos aqui apresentados, a discussão sobre a qualidade ainda precisa avançar na definição de indicadores para

dar conta desses valores e princípios que correspondem ao bom jornalismo. Ou seja, é necessário se construir critérios ‘mensuráveis’ da qualidade jornalística.

No esforço para dar seguimento às iniciativas de estudo sobre a qualidade no jornalismo, o grupo de pesquisadores do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC da Universidade Federal do Ceará (UFC), da qual a autora desta monografia voluntariamente faz parte, deu início ao projeto ‘A qualidade no jornalismo – construção de uma matriz de indicadores vinculados à produção e ao consumo da informação’. No período de setembro de 2020 a agosto de 2021, avançamos na elaboração de possíveis dimensões da qualidade jornalística, estabelecendo relações com as diferentes etapas em que essa qualidade pode ser aferida. Identificamos pelo menos quatro momentos da produção jornalística que incorporam essas dimensões: organização do trabalho, rotina de trabalho, produto e relação com a audiência. Nesta monografia, nos interessa avaliar uma dessas dimensões identificadas, “presencialidade”, que será trabalhada conforme as rotinas de trabalho.

A dimensão “presencialidade” nos parece relevante diante do quadro da pandemia da Covid-19, que reforçou crises e impactou diretamente as rotinas do jornalismo, sobretudo no primeiro semestre de 2020. O recorte justifica-se tendo em vista que a crise na saúde promoveu uma limitação de acesso presencial às fontes, às ruas e às cidades, ao restringir a mobilidade de diversas categorias trabalhistas. Além disso, obrigou diversos setores a adotar um novo modelo de trabalho – o *home office*. Todas essas mudanças cooperam para um cenário de precarização do trabalho e das condições de produção do jornalismo. Considerando a importância global desse evento e o impacto sobre a rotina e as práticas jornalísticas, faz-se necessário questionar: até que ponto as limitações provocadas pela pandemia podem afetar o processo de produção da notícia? Em que dimensões a presencialidade é percebida dentro das dinâmicas produtivas do jornalismo? De que maneira é possível produzir informação jornalística de qualidade com restrições de presencialidade?

2 A PRESENCIALIDADE NO JORNALISMO

Da faculdade aos tempos de “foca”⁵, esta é umas das primeiras expressões que iniciantes no jornalismo escutam: “lugar de repórter é na rua”. A rua é reconhecida como o lugar onde os fatos acontecem, onde as fontes se reúnem e a informação está à espera para ser colhida. Todavia, a história do jornalismo nos revela que nem sempre a rua foi o campo de atuação dos jornalistas. Os primeiros profissionais da informação tinham interesses mais ambíguos. O jornalismo era produzido com dois pés na literatura e ganhava forma na intimidade do próprio lar.

De acordo com Santos (2016), pelo menos três passagens marcam a relação dos jornalistas com o espaço – e, conseqüentemente, com o tempo. Segundo a acadêmica, o primeiro deslocamento, da casa para a rua, ocorre quando o jornalista deixa o conforto da sua residência para ocupar a cidade, no intuito de domesticá-la – iniciativa inspirada principalmente pela ação dos fisiologistas e cronistas, que se dedicavam às ruas para documentar os tipos urbanos e estrangeiros. Em seguida, com a industrialização da imprensa, há a formação das redações. As novas demandas administrativas e de controle da produção provocam a desocupação da cidade, configurando, assim, o segundo deslocamento. Já a terceira passagem ocorre quando o profissional deixa a rua e o escritório para retornar ao ambiente doméstico. As redações e os gabinetes voltam a ocupar o espaço da casa, diante da ascensão do “*home office*” e das facilidades proporcionadas pelas tecnologias (SANTOS, 2016):

“Se há poucos anos profissionais como Ricardo Kotscho (1986) preconizavam que lugar de repórter era na rua, hoje o jornalista ‘bate em retirada’. Se, como vimos, jornalistas pioneiros transpuseram a porta que dá acesso à cidade para se embrenhar num mundo de aventuras que só o espaço público fornecia, hoje, na cidade sem portas, convertem-se em interlocutores em trânsito permanente. **Ou talvez nem em ‘trânsito’, uma vez que a ausência de deslocamento também condiciona a economia de tempo.** Antes mesmo do advento da Internet e de outros aplicativos de comunicação instantânea, Virilio (1993, p. 14) já reclamava de ‘um urbanismo sem urbanidade em que o tato e o contato cedem lugar ao impacto televisual’”. (SANTOS, 2016, n.p, grifo nosso)

Para Santos (2016), a urgência do tempo provocou uma crise no espaço. “Não é mais o tempo de passagem que serve de padrão para o espaço percorrido, mas sim a velocidade, a distância-velocidade, que tornou-

⁵ Jornalistas recém-formados são chamados de “foca”.

se a medida, a dimensão privilegiada tanto do espaço quanto do tempo“ (SANTOS, 2016, n.p). A autora lembra uma época, no entanto, em que “o sujeito urbano desperdiçava o tempo para ganhar o espaço” (2016, n.p), quando *flâneurs* e fisiologistas vagavam pela cidade, se perdendo entre a multidão para perfilar os tipos urbanos que compõem o cenário público.

Fora para diminuir este estranhamento em relação ao espaço da rua e à multidão de estranhos que por ela vagavam que teria surgido na Paris do começo do século XIX, segundo Benjamin (1994a), a figura do fisiologista. Este tipo tinha por ofício aplacar o medo que as pessoas tinham da cidade descrevendo a primeira literatura sobre as ruas e os tipos que nela habitavam: a “panorâmica”. Dentro deste gênero, havia os fascículos em formato de bolso chamados de “fisiologias”, que se ocupavam da descrição de tipos humanos que circulavam nas feiras de Paris. Mais tarde, dedicaram-se à consagração da cidade, perfilando suas ruas, seus panoramas, tudo para tornar apazível a ameaça do outro estranho e do espaço “estrangeiro”. (SANTOS, 2016, n.p)

A rua convidava jornalistas para se aventurar entre seus blocos e vielas, a registrar os assuntos modernos, com seus prazeres e desprazeres. Misturar-se e observar a cidade era mais do que a prática de um fisiologista. Era o instinto que os movia na arte de flunar - atividade da qual João do Rio⁶ é considerado pioneiro, no contexto brasileiro. Segundo Medina (2016), “o repórter vai à rua” é categoria inaugurada pelo repórter-cronista. O tipo de jornalismo praticado à época de João do Rio, entre a passagem do século XIX para o século XX, era fruto da reprodução de telegramas e comentários fundamentados em juízos de valor dos escritores, esclarece Medina (2016). “Paulo Barreto questionou, pela primeira vez, a origem fechada da informação e instituiu o hábito de ir à rua buscar dados exteriores ao subjetivismo do escritor” (MEDINA, 2016, p. 66).

2.1 A dimensão simbólica da rua para João do Rio

Para Paulo Barreto, também referenciado nesta monografia como João do Rio, a rua é mais do que a etimologia a apresenta e o dicionário a define. A rua tem alma e tem história. Ela é, juntamente com a cidade, expressão emblemática da época moderna vivenciada pelo escritor (SALGADO, 2006). Não é por acaso que as narrativas de João do Rio conseguem apreender com desenvoltura os sintomas e facetas dessa modernidade. O jornalista escreve sobre a rua com a expertise de um

⁶ Pseudônimo do autor e jornalista Paulo Barreto (1881-1921), cujo nome verdadeiro ainda gera controvérsia, devido às numerosas assinaturas fictícias que utilizava no ofício de escritor.

observador sensível, atento aos movimentos das ruas, praças, entre outros locais públicos do Rio de Janeiro, como se estivesse em todos os lugares ao mesmo tempo e ciente de todos os acontecimentos (SALGADO, 2006).

As autoras Ana Lúcia Oliveira e Rosa Gens, que escreveram o prefácio da edição da Nova Fronteira de “A Alma Encantadora das Ruas” (RIO, 2012) explicam o contexto do Rio de Janeiro à época em que Paulo Barreto flanava entre a grande massa e pelas ruas da metrópole. A cidade era considerada centro político, comercial e populacional do país, sobretudo devido a intensificação das atividades de importação. O Rio de Janeiro respirava modernidade e era influenciado pela moda e euforia consumista da Europa e da América, detalham:

O Rio respira a modernidade, mas é uma cidade que parou a si mesma no tempo — sua estrutura urbana é velha, ultrapassada, e defronta-se com numerosos problemas de desenvolvimento. Foi uma época agitada, entre o saneamento, revoltas, a derrubada de velhos prédios, abertura de avenidas: enfim, o “Rio civiliza-se” em determinados pontos de sua superfície, mas a miséria continua. (RIO, 2012, p. 4).

O cenário de demolições e reconstruções, a velocidade dos tráfegos e dos veículos, as agitações políticas e sociais, as modas e costumes da vida privada e pública, se tornam atrativos para João do Rio. A *flânerie* leva-o a intimidade com as ruas, a desvendá-las tal qual detetive fareja suas histórias. O jornalista vai mais a fundo e entende que, assim como a criança cresce e se desenvolve, as ruas podem ganhar forma, idade e memória:

São assim as ruas de todas as cidades, com vida e destinos iguais aos do homem. Por que nascem elas? Da necessidade de alargamento das grandes colmeias sociais, de interesses comerciais, dizem. Mas ninguém o sabe. Um belo dia, alinha-se um tarrascal, corta-se um trecho de chácara, aterra-se um lameiro, e aí está: nasceu mais uma rua. Nasceu para evoluir, para ensaiar os primeiros passos, para balbuciar, crescer, criar uma individualidade. Os homens têm no cérebro a sensação dessa semelhança, e assim como dizem de um rapagão: — Quem há de pensar que vi este menino a engatinhar! Murmuram: — Quem há de dizer que esta rua há dez anos só tinha uma casa! (RIO, 2012, p. 10)

Na concepção de João do Rio, a rua é ainda “a mais igualitária, a mais socialista, a mais niveladora das obras humanas” (RIO, 2012, p. 8). O autor constrói a dimensão simbólica da rua por meio de “um processo imagístico que se embasa na emotividade” e que serve de “ponto de partida para a caracterização do humano”, dizem Oliveira e Gens (RIO, 2012, p. 4). As crônicas em “A Alma Encantadora das Ruas” exemplificam o estilo do autor, que se aproveita da observação subjetiva da

realidade, para descrever a forma de ser dos personagens urbanos, encontrados pelo cronista na sua atividade de *flâneur*. Afinal, flanar, como ele descreve, é “ir por aí de manhã, de dia, à noite, meter-se nas rodas da população” (RIO, 2012, p. 9):

Que significa flanar? Flanar é ser vagabundo e refletir, é ser basbaque e comentar, ter o vírus da observação ligado ao da vadiagem. Flanar é ir por aí, de manhã, de dia, à noite, meter-se nas rodas da população [...] é estar sem fazer nada e achar absolutamente necessário ir até um sítio lóbrego, para deixar de lá ir, levado pela primeira impressão, por um dito que faz sorrir, um perfil que interessa, um par jovem cujo riso de amor causa inveja (RIO, 2012, p. 9).

Ao deixar o interior das salas de redação e ir às ruas em busca de novas fontes, Paulo Barreto conseguiu perfilar diferentes tipos humanos, plurais e individualizados, conforme Medina (2016). Suas produções são resultadas de um olhar atento, voltado para figuras que são consideradas à margem da sociedade. Presidiários, migrantes, prostitutas, ciganos, marinheiros e trabalhadores braçais são alguns dos tipos que interessam a João do Rio. Essa inclinação de estar entre a massa é o que leva Paulo Barreto a atingir a categoria da “humanização” em seus relatos, sugere Medina (2016). “Como estágio primário de um amadurecimento, é claro que o resultado se configura numa observação individualizada e emotiva, e a técnica de entrevista num diálogo bastante egocentrizado” (MEDINA, 2016, p. 66). Ainda assim, mesmo diante da valorização da objetividade na prática jornalística, especialmente com a ascensão do jornalismo empresarial, podemos ver que a disposição curiosa e a observação sensível são características essenciais para os repórteres.

Essa humanização mencionada por Medina (2016) também é percebida na abordagem de Paulo Barreto sobre a rua. De acordo com Salgado (2006), o repórter-cronista humaniza a rua de duas formas: a primeira, ironizando a definição dada por dicionaristas, que a tratam exclusivamente pelo seu caráter material, ao defini-la como um “alinhado de fachadas”. Em segundo, ao conferir à rua uma outra natureza, espiritual. Para o cronista, a rua é um fator das cidades, ela tem alma:

Oh! sim, as ruas têm alma! Há ruas honestas, ruas ambíguas, ruas sinistras, ruas nobres, delicadas, trágicas, depravadas, puras, infames, ruas sem história, ruas tão velhas que bastam para contar a evolução de uma cidade inteira, ruas guerreiras, revoltosas, medrosas, spleenéticas, snobs, ruas aristocráticas, ruas amorosas, ruas covardes, que ficam sem pinga de sangue (RIO, 2012, p. 15).

De forma mais ampla, os espaços sociais tiveram papel importante nas produções de Paulo Barreto. Suas crônicas são ambientadas em igrejas, favelas, cabarés, cortiços entre outros lugares do Rio de Janeiro; e documentam o contexto histórico da época, com todas as suas contradições sociais. De acordo com Salgado (2006), “a acuidade de observação de João do Rio se manifesta mais sutilmente na superação do tempo jornalístico imediato (o presente, o acontecido hoje) num tempo rico como anúncio do futuro” (SALGADO, 2006, p. 65 e 66). Outras características da produção de João do Rio são elencadas pelo pesquisador, como o aprofundamento das informações e a contextualização histórica; a descrição dos ambientes; os diálogos e os recursos literários, que dão ritmo narrativo à reportagem. Considerando esses elementos na produção de Paulo Barreto, assimilados pela prática do *flâneur* e da observação das ruas, é possível entender o papel do jornalista como intérprete da realidade.

2.2 A cidade e sua dimensão narrativa

A partir das obras de João do Rio, Salgado (2006) também analisa a representação da cidade na narrativa jornalístico-literária. Partindo de uma discussão que considera o seu caráter multidisciplinar, o autor nos direciona a uma reflexão sobre a dimensão sociológica, filosófica, política e histórica da cidade, se pautando ainda pelo aspecto da cidade como “obra de arte consciente, produto da natureza, obra coletiva do ser humano; ou a cidade como escrita, mito, ideal, sonho, utopia – até mesmo, como palco da vida” (SALGADO, 2006, p. 94). Para isso, inicialmente o autor se vale da ideia apresentada por Ronik (1988), de que a cidade seria como um “ímã”. Ou seja, ela atrai, reúne e concentra os homens como se fosse um campo magnético, antes mesmo de se tornar um local permanente de trabalho e moradia. Em seguida, ele recorda a construção da cidade em diferentes períodos históricos, até chegar à época moderna.

Segundo Salgado (2006), algumas marcas da cidade moderna são as fábricas, as ferrovias e seus engenhos de vapor, além das grandes avenidas, os bulevares e a segregação espacial decorrente da mercantilização e da organização do Estado moderno. Esses fatores afetam profundamente o cenário urbano, juntamente com os processos de modernização, que levavam as metrópoles a enfrentar um contínuo processo de demolições, construções e reconstruções. Nesse

contexto, Salgado (2006) ressalta que as questões urbanas não poderiam ser afastadas de sua relação com as dimensões econômicas da vida na cidade, tendo em vista que elas se tornam expressões do capitalismo. A expansão dos negócios, o aumento da oferta de trabalho, o custeio de obras públicas geridas pelo poder em um ritmo maior e mais acelerado, são outros signos dessa modernidade (SALGADO, 2006).

A cidade também se renova como fruto de um sistema mais amplo de planejamento urbano. A criação de mercados centrais, pontes, sistemas de saneamento e fornecimento de água; e o desenvolvimento de áreas de lazer, com parques verdes e monumentos culturais, dá nova configuração à cidade. Além disso, trazem uma nova percepção do cotidiano às massas (SALGADO, 2006). Salgado ressalta que a principal expressão dessas mudanças são os *bulevares*⁷.

Não é surpresa, portanto, que numa paisagem assim delineada a rua e a multidão adquiram importância crucial nos cenários das cidades – agora, metrópoles – modernas. Afinal, o elemento humano parece ganhar mais força, vigor, consistência nas cenas citadinas, e, no contexto desses processos de modernização urbanística, Paris é uma *imago* a ser imitada. Situação, aliás, que se propaga em boa parte do mundo e chega ao Rio de Janeiro, capital da recém-implantada República, em processo de modernização, e espaço e personagem dos textos de João do Rio, especialmente de *A alma encantadora das ruas* (SALGADO, 2006, p. 109, grifo do autor)

Até aqui, o pesquisador faz uma revisão diacrônica do conceito de cidade, sob a perspectiva da “ação coletiva” e como um “produto da imaginação criadora do ser humano” (SALGADO, 2006, p. 110 e 111). Essa reflexão tem como base a ideia de Rolnik (1988), da cidade como um ímã, dentro dos processos de sedentarização. Ele continua: “À proporção que os espaços territoriais são ocupados, surgem relatos e registros que documentam as experiências diversas e dão expressão à história da cidade” (2006, p. 110 e 111). Com isso, o autor nos apresenta a dimensão escrita da cidade, que se revela por meio da memória - tendo, inclusive, escritores e jornalistas como alguns dos seus principais documentadores.

Por fim, Salgado (2006) resgata pensamento de Sérgio Paulo Rouanet (1992), que tenta responder a seguinte pergunta, sobre a perspectiva do filósofo alemão Walter Benjamin: “É a cidade que habita os homens ou são eles que moram nela?”. Tal questionamento foi trazido à tona durante o simpósio “Sete perguntas a

⁷ Tipo de via urbana larga, geralmente arborizada.

Walter Benjamin”, que mais tarde se tornaria edição da Revista da Universidade de São Paulo (USP), em 1992. Para Rouanet, Benjamin responderia que “o homem habita uma cidade real e é habitado por uma cidade de sonho” (SALGADO, 2006, p. 118).

O que chama a atenção na resposta de Rouanet é o fato de que aflora no texto o caráter intrínseco da cidade à vida real ou onírica do ser humano – sejam personagens reais, sejam imaginárias ou alegóricas, como faz questão de ressaltar. Isso remete a cidade ao universo da literatura onde assume condição privilegiada nas teias que tecem as narrativas literárias universais [...] Sonho, mito, fantasia, utopia ou realidade, ruas e avenidas concretas ou veredas textuais, personagens de carne e osso ou com alma de papel e corpo de fonemas e palavras – **o que importa é não perder de vista a cidade em sua multifacetada existência.** (SALGADO, 2006, p. 119 e 120, grifo nosso)

Não perder a cidade de vista – ou talvez percebê-la como lugar onde residem todas as histórias, recorda Peres (2015) – é o que torna possível jornalistas aguçarem os sentidos para “o labirinto das ruas que desenham a cidade e sua cartografia física e simbólica” (PERES, 2015, p. 153). Em seu artigo “Cidades visíveis: a esquina da experiência urbana com o jornalismo”, publicado pela revista Rumores, da Universidade de São Paulo (USP), em 2015, a acadêmica aprofunda o debate sobre a cidade vista como metáfora e lugar de passagem. A partir de análise de produções veiculadas em jornais impressos, ela discute a linguagem das ruas e identifica nas narrativas pistas enunciativas que revelam a cidade para além do seu traçado geográfico.

Conforme Peres (2015), há uma rede de discursos que se recusam a adotar a concepção positivista de cidade, embora o jornalismo em si seja um herdeiro do positivismo, quando se refere ao seu discurso ordenador. Essa cidade da qual fala Peres é uma “cidade transumante”, diz ela. E a todo instante elabora “textos que fazem conhecer subjetividades e marcas próprias, e que não podem passar despercebidos, seja do discurso do Estado, do discurso midiático ou do discurso das próprias intervenções urbanas” (p. 157 e 158). Nesse âmbito, como sujeito que escreve e constrói a cidade, o jornalista é incentivado a reorientar seu olhar sobre ela, a criar novos mapas imaginários que o tire da comodidade da visão racionalista (PERES, 2015). Complementa:

(...) ao modelo de um flâneur – e, por conseguinte, de um paisagista –, cabe ao jornalista, que não se rende à rotina e a agendas oficiais, encontrar um ponto de equilíbrio entre o que está próximo e o longínquo, desenvolver a

capacidade de surpreender-se com o trivial, o corriqueiro, ao mesmo tempo que torna familiar aquilo que lhe é estranho. (PERES, 2015, p. 155)

Dessa forma, no entendimento da pesquisadora, o jornalista precisa descobrir novas formas de enxergar o “espetáculo das ruas”, de redescobrir a paisagem da cidade. Ela recorre à figura do *flâneur* para demonstrar que a narrativa também pode ser um convite a essa cidade, tendo em vista que cada texto sobre ela é feito de ruas, esquinas, pontes e praças. Assim, conclui Peres (2015), a cidade geográfica vira ponto de partida para cidades feitas de texto.

As cidades, no entanto, são diferentes umas das outras – tanto na forma em que são construídas quanto na forma em que são apreendidas. Todas elas refletem dinâmicas sociais complexas, como bem apresentado por Silva (2006), em seu livro ‘Os incomodados não se retiram: Fortaleza em questão’ (1992). A obra, que faz análise da paisagem de Fortaleza, destrincha aspectos do desenvolvimento urbano que contribuem significativamente para alterações nas relações socioespaciais da cidade. Silva (1992) detalha como a população de menor poder aquisitivo, que migrou do campo para a cidade em busca de melhores oportunidades, é deslocada para as periferias. Esse fluxo migratório é intensificado em meio a expansão do espaço urbano, com a ascensão da indústria automobilística, que permitiu que a população de classe média e alta pudessem se deslocar entre áreas da cidade. "Antes, quando não existiam transportes de massa capazes de atingir grandes distâncias, as famílias procuravam se acomodar nas áreas centrais ou nas proximidades destas" (SILVA, 1992, p. 97 e 98). Com o transporte de massa, entretanto, a população mais elitizada pôde se transferir para bairros mais distantes da área central das cidades. Assim, provocando uma redistribuição geográfica da população, conforme suas condições sociais (SILVA, 1992).

A partir da alteração do espaço urbano e da reorganização demográfica, são formados os bairros destinados ao comércio e aos serviços, ao lado de bairros industriais, portuários e residenciais. "A cidade agora é local ambivalente, onde se dá o confronto das classes onde se institui de forma mais perceptível a luta pelo espaço", sintetiza Silva (1992). Frente à essas necessidades, também reforçadas pela carência de habitação, que surgem os movimentos sociais, com engajamento das massas proletárias (SILVA, 1992). A discussão apresentada por Silva (1992) se

fundamenta no direito à cidade e na crítica ao abuso de poder político, que condiciona a população a se tornar cabresto eleitoral em troca de ter suas reivindicações atendidas.

E mesmo assim, a distribuição de serviços e equipamentos públicos ocorre de maneira desigual, priorizando sempre áreas com moradores de médio e alto poder aquisitivo. Lá, não são distribuídos apenas equipamentos e serviços básicos, mas também são instalados equipamentos voltados para o lazer e atividades desportivas, por exemplo. O planejamento urbano, conforme argumenta Silva (1992) em sua análise, deveria manter íntima relação com as carências detectadas pelos movimentos populares e levar em consideração a participação popular. "Entretanto, a orientação do crescimento da cidade, a definição de áreas de adensamento demográfico, o assentamento de equipamentos e de serviços ficam à mercê daqueles que detêm o poder e que tomam essas decisões em gabinete" (SILVA, 1992, p. 95).

Trazer a periferia para a discussão sobre a cidade é importante pois, assim como coloca Silveira (2021), a periferia é habitualmente tratada como "lugar simbólico dos mais pobres", com seus valores particularizados a partir do ambiente da favela e das marcas da segregação e da pobreza. Desse modo, "materializando a distância da periferia para com o cotidiano da prática profissional jornalística, a arraigada tendência da cultura política brasileira de desprezo ao periférico seria assim discursivamente reproduzida no noticiário" (p. 45 e 46). A abordagem da periferia no jornalismo, então, seguiria a mesma lógica da perspectiva dominante, com enquadramentos voltados para a falta de condições básicas de saneamento; desordem, crime organizado, violência etc. (SILVEIRA, 2021).

O tom do discurso jornalístico sobre as periferias começou a se modificar na virada do século XX para o XXI. De acordo com Silveira (2016), a ressignificação simbólica da periferia se deu em razão do controle da inflação e à retomada do crescimento econômico no País. Assim, a cobertura deixou de se pautar apenas na falta de recursos. Os movimentos sociais também tiveram um papel importante nessa ressignificação, ao gerar redes que "favoreceram a circulação de ações e produtos culturais de certo modo independentes do sistema de difusão da grande mídia" (FREITAS, 2008, n.p). Outra relação seria o acesso a tecnologias necessárias

para implementar a comunicação midiática e o desenvolvimento de produtos culturais, pondera Freitas (2008):

Certamente ambos os aspectos não estão dissociados de condições econômicas, de questões mercadológicas, que dizem respeito tanto ao modo como os moradores da periferia produzem, fazem circular e consomem os bens culturais gerados nas periferias. (FREITAS, 2008, n.p)

Essas produções carregam narrativas construídas pelos próprios moradores das periferias e, por causa disso, se distanciam das abordagens estigmatizadas, presentes na grande mídia. Zanetti (2011), ao analisar produções audiovisuais de comunidades periféricas de São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte, identifica que “a ‘positivação’ da imagem dos espaços das periferias e seus moradores se efetiva através de um discurso de luta e superação, de adesão à arte e à cultura, de valorização do homem comum e da vida em comunidade”. Essas narrativas, é claro, não tentam “esconder” a violência, a criminalidade, a pobreza e a discriminação. Conforme Zanetti (2011), parte da estratégia de positivação da periferia tem como propósito apresentar os territórios periféricos como “lugares possíveis de se viver” (p. 10), mostrando ainda que a questão do tráfico de drogas, por exemplo, “existe em pontos específicos das comunidades e não envolve a maioria de seus moradores” (ZANETTI, 2011, p. 10).

Isto posto, tentamos refletir se o “estar presente” em algumas cidades e regiões – como as periféricas – não seria mais relevante ou mais necessário para o jornalismo do que estar em outras, quando se trata de conferir qualidade à produção jornalística. Afinal, quais cidades estão presentes nos noticiários que lemos diariamente? De que forma elas são retratadas? Como esses enquadramentos ajudam a população dessas cidades a se reconhecer como pertencente de uma comunidade, que possui histórias diversas e uma identidade particular? Henrique e Patrício (2017) chegam à seguinte conclusão, ao analisar como a periferia está inserida nas narrativas de produções audiovisuais de grupos de jovens vinculados aos Centros Urbanos de Cultura, Arte, Ciência e Esporte (Cuca), da Prefeitura de Fortaleza:

A compreensão das diferentes experiências nos territórios aponta para a complexidade da construção de discursos atravessados pelos cotidianos, pelas narrativas consumidas e resignificadas. As configurações heterogêneas, as formas de nomear e dar forma às vivências, ao morar, ao viver, ao ser identificado com determinada área constroem assim relações de poder e de diferenciação do ser periferia, distâncias simbólicas que abundam de

significados uma distância física que pareceria ínfima (um quarteirão, uma rua, uma praça que divide). (HENRIQUE e PATRÍCIO, 2017, p. 235)

Ou seja, há uma pluralidade de experiências na periferia – que é tão diversa quanto são as cidades – e que não podem ser enquadradas no discurso estereotipado da violência, do abandono, da criminalidade e da pobreza. E para o jornalismo ser capaz de capturar essas experiências, ele precisa estar presente. Ele deve ser produzido “de”, “para” e “com” essas comunidades. Essa representatividade de profissionais oriundos das comunidades periféricas deveria ser indispensável para as organizações jornalísticas. No entanto, muitos profissionais, ao perceberem que não há espaço para narrar suas histórias da maneira que as vivenciam e reconhecem, encontram em iniciativas de jornalismo independente a oportunidade para defender suas pautas e sua ideologia (NONATO; PACHI FILHO; CAMARGO, 2020). Em suma, “vincular-se a uma comunidade da periferia é compreender as injunções sociais e simbólicas a que essa população está submetida e que são constitutivas de sua história” (NONATO; PACHI FILHO; CAMARGO, 2020, p. 20 e 21).

2.3 Presença, passagem e a reportagem

Até aqui, tentamos compreender a dimensão simbólica das ruas, a natureza da cidade e a sua relação com a vida cotidiana das pessoas e com a percepção dos sujeitos que constroem as suas narrativas. Essas diferentes concepções situam e ilustram o papel que o repórter deve assumir como intérprete da realidade e narrador dos acontecimentos. A condição da reportagem como gênero essencial do jornalismo, como dito em tópicos anteriores deste capítulo, remonta aos primórdios da atividade jornalística. A partir das produções de João do Rio, a categoria “repórter” foi inaugurada; e a reportagem recebe estatuto de gênero quando o jornalismo adquire caráter empresarial, no final do século XIX (SALGADO, 2006; MEDINA, 2016).

Com essas transformações, a reportagem passa a ter características específicas, que a diferenciam, de certa forma, das produções literárias. Conforme Cláudio Abramo (1988; a partir de Salgado 2006), a reportagem é uma narrativa que depende do poder de observação do narrador e da sua forma de transmitir essa observação. Abramo, no entanto, faz a ressalva de que uma observação cuidadosa nem sempre irá produzir uma boa reportagem. Porém, assinala: “Uma observação

cuidadosa de um fato histórico pode se constituir história e uma observação cuidadosa de um fato não histórico [sic] é tipicamente uma reportagem” (ABRAMO, 1988, p. 111 *apud* SALGADO, 2006, p. 143). Como exemplo, ele recorda a qualidade da observação (e narração) de Tucídides, que ajudou, na Idade Moderna, na identificação da doença que teria atingido os habitantes de Atenas, durante a Guerra do Peloponeso.

Esse tipo de observação também é prestigiado no caso dos repórteres que cobrem o cotidiano. Nessa situação, a rua assume espaço privilegiado nas narrativas do jornalismo, ressalta Salgado (2006). A modelo de João do Rio, ele ilustra que o repórter deve ter faro e fidelidade em sua atuação jornalística. O conceito é emprestado por Medina (1978):

Faro, traduzido em linguagem técnica do jornalismo moderno, é a capacidade de antecipar informações pelo convívio com os fatos em movimento no presente histórico; e a fidelidade do repórter pode ser traduzida como observação da realidade e captação de dados objetivos, exteriores ao observador (MEDINA, 1978, p. 59 *apud* SALGADO, 2006, p. 153)

Porém, com as transformações contínuas do jornalismo, somadas às reconfigurações da era digital e suas implicações no aceleração do tempo e no estreitamento do espaço, o ofício de jornalistas volta a mudar (MEDINA, 2016). Repórteres de rua voltam a se fechar nos gabinetes das redações e se convertem a “redatores de mesa”. Essa mudança, que ocorre há pelo menos meio século, é impulsionada pela ascensão das plataformas de difusão e pelas demandas de um público cada vez mais exigente e participativo (SANTOS, 2016). Espera-se do jornalista contemporâneo que ele faça mais do que ir às ruas encontrar material para produzir notícias. O profissional deve ser multitarefa, lidar com atividades simultâneas de reportagem, redação, edição, entre outras (SANTOS, 2016).

Segundo Adghirni (2016), a alteração nas rotinas produtivas do jornalismo, advindas da incorporação das tecnologias digitais, pode ainda sugerir que a presença do jornalista no local dos fatos é dispensável. Afinal, as ferramentas tecnológicas promoveram certa facilidade na produção de conteúdo e na cobertura dos acontecimentos a distância. Entretanto, na percepção da autora, “é impossível conceber o exercício do jornalismo sem a presença do jornalista [...] porque para haver jornalismo, é necessário o uso dos cinco sentidos do jornalista preconizado por Ka-

puscinki: estar, ver, ouvir, compartilhar e pensar” (ADGHIRNI, a partir de MEDINA, 2016, p. 251)⁸. Adghirni complementa:

Estar presente é o primeiro mandamento. Em seguida, ver. Olhar. Enxergar. Observar. Depois, é preciso ouvir. Escutar, compreender. Três verbos que devem ser conjugados na origem da confecção jornalística. Compartilhar e pensar seriam as etapas finais do ato presencial. O repórter não está sozinho na cena do acontecimento. Seja na cobertura do jogo de futebol ou na cobertura de guerra. Ele viu, ouviu, conversou, interagiu. E finalmente pensa em tudo o que presenciou. Pensa por si como ser autônomo, como testemunha, como autor de narrativas e pensa em como levar o leitor/ouvinte/espectador a pensar. Sem o pensamento o ato seria presenciado por uma testemunha cega e muda. (ADGHIRNI, a partir de MEDINA, 2016, p. 251 e 252).

Para o repórter, estar “em campo” ou no “local dos eventos” é marcador significativo que atribui credibilidade ao seu trabalho de mediador social, por meio da noção de veracidade. Segundo Zelizer (1993), a autenticidade evocada pela presença do jornalista é o que lhe confere autoridade e reforça a importância da sua ideologia profissional. É o que diferencia a informação jornalística dos boatos compartilhados por telefones sem fio. É por isso que, no cenário de reconfigurações do jornalismo, o empobrecimento desse papel de mediação preocupa, tendo em vista que muitos profissionais se tornam meros “redatores de mesa”. O senso crítico e a observação sensível da realidade se perdem no ato de “cozinhar”⁹ informações ou publicá-las como resultado de uma apuração distante e superficial.

Esse pensamento lembra o que Cremilda Medina, fiel defensora do “ato presencial”, compreende sobre a mediação autoral dentro do jornalismo. A jornalista e pesquisadora sustenta alguns dos posicionamentos já citados neste capítulo, como a importância da observação da realidade na prática da reportagem e da superação do instante jornalístico para a construção das narrativas. Junto a essas concepções, a autora defende o que chama de “arte de tecer o presente”, conceito relacionado à interpretação da realidade. Para isso, o jornalista precisa ir além da simples descrição dos fatos em suas produções.

“A arte de tecer o presente” (1973) também é título de livro publicado por Cremilda Medina, juntamente com Paulo Roberto Leandro. Na obra, os autores ana-

⁸ O artigo “A presença do repórter no jornalismo digital”, de autoria da pesquisadora Zélia Leal Adghirni, foi publicado integralmente por Cremilda Medina, em seu livro “Ato presencial: mistério e transformação” (2016). A obra foi consultada pela autora desta monografia e está presente nas referências deste trabalho.

⁹ “Cozinhar” é expressão utilizada para se referir a prática de reescrever notícias publicadas em outros jornais, dando-lhes crédito.

lisam reportagens interpretativas veiculadas por jornais brasileiros em 1972 e 1973, durante a ditadura militar. À época, a censura estabelecida tentava reprimir a prática do jornalismo interpretativo. Mesmo nesse cenário, havia jornalistas que buscavam aprofundamento dos temas do cotidiano (MEDINA, 2016). Avaliando essas produções, Medina e Leandro identificam quatro linhas de interpretação na reportagem: protagonismo, contexto social, raízes histórico-culturais e diagnósticos/prognósticos. O livro, segundo Medina, registra tendências autorais na reportagem.

Os tempos mudam, mas as tentativas de repressão à liberdade de imprensa permanecem. Em circunstâncias como essa, o jornalismo investigativo deve se manter como um baluarte, em defesa dos interesses da sociedade e na missão de expor os desvios dos poderes. Medina aprofunda e ressalta o papel dos jornalistas como mediadores autorais, também em defesa, de forma mais geral, do direito à informação:

Se quisermos medir a profundidade sócio-cultural desse direito democrático que amplia a liberdade de expressão das empresas, instituições e profissionais da comunicação, um bom sinalizador é constatar até que ponto a narrativa oferece polifonia e polissemia. Só uma mediação autoral, preparada pelo acervo técnico da profissão, pelos valores de cumplicidade com o Outro e pela intuição estética criativa pode reger múltiplas vozes (polifonia) e múltiplos e contraditórios significados (polissemia). Uma dialogia que leva à construção narrativa entre vozes oficiais e vozes dos que atuam e sofrem o cotidiano, entre saberes locais (comuns, tradicionais, populares) e saberes acadêmicos, entre cidadãos organizados e excluídos, entre diferentes faixas etárias, entre visões de mundo em conflito - enfim, o complexo Signo da Relação. (MEDINA, 2016, p. 275 e 276)

Assim, a boa reportagem deve apresentar características autorais, fruto de uma observação cuidadosa e interpretativa da realidade, possível principalmente com a presença do repórter em campo. Essa presença, segundo Medina, é indispensável para o signo da relação e a arte de tecer o presente: “Quem vai à rua, atento e curioso coletor dos gestos, dos paladares, dos sons, dos olhares e dos falares descobre como escrever o modo de ser do outro” (MEDINA, 2016, p. 277). Ou seja, descobre que “a matéria-prima estética nasce no contato real”, e, assim, pode dar vazão a diferentes estruturas narrativas que contrariam o modelo da pirâmide invertida (MEDINA, 2016, p. 277).

2.4 Diálogo, jornalismo sentado e os cinco sentidos na apuração

As reflexões de Medina (2016) sobre a autoria na produção do jornalismo, nos faz refletir sobre o principal instrumento de captação da informação: a entrevista. Não basta apenas a presença física em campo, o contato com os cinco sentidos humanos também é valioso e insubstituível na prática do jornalismo (MEDINA, 2016). O Signo da Relação, diz Medina (2016), depende da capacidade dialógica humana, que não se detém ao tecnicismo objetivo e distante da entrevista dirigida e verticalizada.

Nessas trocas comunicacionais, onde a notícia e a reportagem são produtos, os três sujeitos desta relação dialógica se interligam: a fonte de informação, o repórter e o receptor. A fonte, porque transmite sua subjetividade ao repórter e, em contrapartida, também está sensível as subjetividades do seu interlocutor. O repórter, porque a ele cabe o papel de interpretar a experiência, memória e as emoções relatadas pela fonte, de uma perspectiva individualizada, mas ciente de suas implicações sociais – também, nesse processo, se revela ao entrevistado com suas próprias subjetividades. E o receptor, como descreve Medina (2008), “recebe os impulsos do entrevistado, que passam pela motivação desencadeada pelo entrevistador, e vai se humanizar, generalizar no grande rio da comunicação anônima” (MEDINA, 2008, p. 6). O repórter, acrescentamos, também recebe esse impulso humanizador, no que entendemos ser uma relação recíproca. É nesse processo que ocorre o fenômeno da identificação e se constitui o diálogo interativo, de que fala Medina:

Desenvolver a técnica da entrevista nas suas virtudes dialógicas não significa uma atitude idealista. No cotidiano do homem contemporâneo há espaço para o diálogo possível. Estão aí experiências ou exceções à regra que provam o grau de concretização da entrevista na comunicação coletiva. Sua maior ou menor comunicação está diretamente relacionada com a humanização do contato interativo: quando, em um desses raros momentos, ambos entrevistado e entrevistador saem “alterados” do encontro, a técnica foi ultrapassada pela “intimidade” entre o EU e o TU. Tanto um como outro se modificaram, alguma coisa aconteceu que os perturbou, fez-se luz em certo conceito ou comportamento, elucidou-se determinada autocompreensão ou compreensão do mundo. Ou seja, realizou-se o Diálogo Possível. (MEDINA, 2008, p. 7)

Como esclarece Medina (2016), o Diálogo Possível acontece quando a entrevista ultrapassa a técnica e ancora-se na interação transformadora, movimento necessário para se absorver o que está fora dos limites da consciência. De acordo com a acadêmica, o Diálogo Possível encontra-se na literatura e no jornalismo, cada

um à sua forma, seja na circunstância social presente, seja na transcendência dessa circunstância real. Ambos, entretanto, compartilham das utopias humanas, apreendidas pelo contato com os cinco sentidos humanos, que levam ao que Octávio Paz denomina “comunhão poética” (MEDINA, 2016).

Ainda que a entrevista jornalística coloque o entrevistado no centro do diálogo, a dialogia é dependente da postura de todos os sujeitos que participam da interação, conforme Medina (2016). Nesse ato comunicacional, a aparência agressiva do jornalista dá lugar à camaradagem, e a fonte se sente confortável para um bate-papo na base da interação (MEDINA, 2016). Essa postura, é claro, não descarta o senso crítico do entrevistador-repórter, essencial em seu papel de narrador da atualidade e intérprete do real. Apenas considera a necessidade do repórter se distanciar de seu próprio juízo de valor e preconceitos, para compreender o universo relatado pelo entrevistado.

Outros traços, listados por Medina (2008) podem dar conta das qualidades de um bom entrevistador: a sensibilidade diferenciada, que se manifesta através do gesto, do olhar e da atitude corporal; o toque criador, que se revela diante de imprevistos; e a confiança e aceitação mútua na relação, quando se cultiva um relacionamento com o entrevistado. A autora ainda acrescenta:

O jornalista que investiga o fato social, que enriquece suas preocupações imediatas com ambição filosófica, esse não se encontra por aí com facilidade. As dificuldades da sobrevivência, a luta competitiva pelo pão de cada dia, a falta de círculos de estudo alternativos à rotina técnica provocam empobrecimento no repertório. Em todo caso, impõe-se que, um dia, o jornalista avance na decifração do Real, este tomado como categoria bem mais geral do que a notícia e seu estrito sentido técnico. (MEDINA, 2008, p. 32)

Para chegar nesse estágio, o jornalista precisa compreender as nuances da interação social transformadora, desenvolver a intuição afetiva do ato relacional ao vivo, presencial (MEDINA, 2016). Com as vantagens da era digital, no entanto, o ato presencial parece ter se enfraquecido. As novas dinâmicas de trabalho favorecem o uso de recursos remotos, e a praticidade das ferramentas tecnológicas contribuem para que a produção seja realizada a distância. Com apenas uma chamada de vídeo, ligação ou mensagem instantânea, uma série de atividades podem ser concluídas. Embora não se descarte as contribuições positivas das tecnologias para o avanço da prática jornalística, quando se leva em conta as

condutas típicas do chamado “jornalismo sentado”¹⁰, temos um motivo de preocupação.

Waltz (2015) recorda que, na primeira metade do século XIX, a prática de coleta de notícia era o que distinguia jornalistas de outros grupos profissionais. Ser jornalista tinha como pressuposto "relatar o campo, apurar a informação, dominar a arte da entrevista" (p.125). Essa realidade, entretanto, é bem diferente da que percebemos nos últimos anos. Conforme Waltz (2015), as rotinas de trabalho impostas aos profissionais na segunda década do século XXI tem colocado em xeque seu papel de mediador - pensamento compartilhado também por Medina (2016). A sobrecarga de tarefas, conforme o pesquisador, também compromete a qualidade informativa do noticiário. São problemas que afetam amplos setores do jornalismo, mas são especialmente identificados na produção para o ambiente digital.

Algumas dessas percepções foram capturadas por Waltz (2015), em seu artigo “O ‘Jornalista Sentado’ e Condições de Produção: Considerações Sobre Práticas Profissionais na Comunicação em Rede”. A partir de entrevista com um grupo de jornalistas de diferentes veículos sediados no Rio de Janeiro, o pesquisador tentou mapear construções simbólicas sobre a influência da sedentarização na produção jornalística. Entre os relatos, os profissionais comentaram sobre as dificuldades de sair da redação para os ambientes urbanos; sobre a contribuição do ato de "flanar" para o desenvolvimento de pautas relevantes; sobre as dificuldades de acesso à fonte, diante da consolidação das assessorias de imprensa, que se tornaram mais rígidas e restritas; e, ainda, sobre a queda da criatividade entre profissionais iniciantes no jornalismo (WALTZ, 2015) – em especial, quando se leva em consideração que, para crescer profissionalmente no jornalismo, os profissionais devem produzir grandes reportagens e furos que os façam se destacar (WALTZ, 2015). Nessa situação, é importante o desenvolvimento crítico do jornalista e a boa relação com as fontes, que só podem ser cultivadas a partir do contato direto com os profissionais. E onde as fontes estão? Nas ruas, nos espaços urbanos.

¹⁰ O conceito de jornalismo sentado se refere ao tratamento de informações por parte de profissionais que não foram designados para coletá-las em campo, em contato direto com a fonte. Essa concepção faz oposição ao jornalismo "em pé", correspondente a interação direta com as fontes (conforme WALTZ, 2015).

2.5 A construção da presença no testemunho

Como mencionado anteriormente, no tópico '2.3 Presença, passagem e a reportagem', a presença do repórter no local dos eventos está diretamente relacionada a percepção da autenticidade na produção jornalística. Ao consumir um conteúdo noticioso ou uma reportagem, o público percebe marcadores enunciativos que indicam a veracidade da informação divulgada. Seja por meio de imagens, seja por meios de sons e narrativas que possam situar o ambiente e contexto de onde a informação é originada. O papel da mídia, nesse caso, é de mediação. Ser os olhos e ouvidos da sociedade, pelo privilégio de estar presente em eventos importantes, que podem repercutir na vida cotidiana de indivíduos e grupos sociais.

Ir a campo, apurar informações, conversar com as pessoas, tudo isso faz parte da atuação do repórter. Por conseguinte, são atividades que ganham ainda mais significado, quando avaliadas sobre a ótica do testemunho ocular (na literatura internacional, *eyewitnessing*). O jornalista não apenas ouviu relatos sobre incidentes, desastres e guerras. Ele esteve lá, presenciou, vivenciou, e por isso está apto a testemunhar sobre esses eventos. O conceito de testemunha, no entanto, tem amplos significados, mesmo entre os estudos de jornalismo. Categorias como "testemunho móvel", "testemunho imersivo", "testemunho em rede", entre outros, foram surgindo para dar conta das diferentes dinâmicas dos atos de testemunho (PANTTI et al., 2019).

Em relação ao jornalismo, há duas diferenças que devem ser pontuadas, quanto aos papéis da fonte e do jornalista. O jornalista que atua na cobertura de guerras, conflitos e desastres deve relatar os acontecimentos de uma perspectiva distanciada, objetiva – embora exista uma tendência que apoia a subjetividade jornalística em certos tipos de narrativas. Já as fontes, possuem um papel que deve ser mais ativo: o de transmitir responsabilidade moral, de forma a encorajar “os destinatários da mensagem a agirem em resposta à violência situacional ou estrutural” (PANTTI et al., 2019, p. 5). Na literatura internacional, esse papel está diretamente relacionado ao conceito de “*bear witness*” (em português, “testemunhar” ou “dar testemunho”). Esses dois papéis englobam o chamado “testemunho mediático” (PERES, 2021)

De acordo com Pantti et al. (2019), a academia continua a progredir nas definições de testemunho, e, mais recentemente, a audiência foi reconhecida como uma testemunha de “segunda mão”. Esse papel do público recorda a concepção de Cremilda Medina sobre a interação transformadora, visto que a audiência, ao tomar consciência dos eventos testemunhados pelas fontes e relatados pelos repórteres, deve reagir de forma ativa em prol da justiça social. Nessa circunstância, mais uma vez, o jornalista é incentivado a cumprir seu papel de mediador, de produtor de significados. Como diz Medina (2016), o jornalista deve ser capaz de transformar informação em comunicação; de fazer conexões e interpretar os fatos e o momento histórico, em “um ato cênico e narrativo, que persegue o tutano com paixão até tocar de perto a substância humana” (MEDINA, 2016, p. 216).

O conceito de testemunho, conforme a literatura convencional, submete o ato à presença corporal do indivíduo no evento, a um “estar lá”, para que, de fato, o relato seja considerado um testemunho. Porém, mesmo que um indivíduo estivesse de corpo presente no local do acontecimento, não há garantias de que o seu relato, a sua versão, corresponde de forma precisa aos eventos ocorridos (PERES, 2021). A possibilidade de ruídos e mal-entendidos permanece, e cabe ao jornalista encontrar o “meio-termo” entre as versões, para se aproximar o quanto puder da verdade. Dessa forma, no entendimento de Peres (2021), o ato de testemunho é, antes de tudo, sobre aquilo que lhe escapa:

Testemunho no jornalismo, sugerimos, deve ser assumido não apenas como uma “matriz de verdade presumida”, mas principalmente como matriz de lacuna de verdade. Significa dizer que, para ocupar o abismo que sempre vai existir entre a experiência e o discurso, entre o real e o simbólico, são imprescindíveis as pontes construídas a partir da linguagem, mas ao mesmo tempo, significa admitir que aquilo a que chamamos de esforço de verdade nos aproxima do acontecimento sem nos deixar atados a ele. **A matriz de lacuna de verdade funciona, portanto, como uma orientação de que o testemunho, que sempre esteve ligado às noções de verdade e ao que pode capturar do acontecimento, ele é antes sobre o que lhe escapa** (BRAND, 2009). Nesse sentido, é dessa característica que o jornalismo deve ser credor. (PERES, 2021, p. 33, grifo nosso)

Uma questão, no entanto, deve ser levada em consideração ao se discutir a presencialidade, principalmente quando levada em consideração a inserção tecnológica nas práticas jornalísticas e as suas implicações na superação do espaço-tempo: O elemento físico é um fator essencial para a construção ou a percepção da presença? Nossa tendência é acreditar que a presença pode existir, mesmo em si-

tuações de distanciamento físico, por meio dos “efeitos de presença”, como colocado por Peres (2021). A autora defende que essa presença, vital para o testemunho, pode ser construída por meio da narrativa jornalística. Pode não necessariamente revelar que o acontecimento ocorreu da forma que está relatado, mas que ele foi apreendido daquela maneira. Ou seja, esse “efeito de presença” é realizado por meio da linguagem e depende acima de tudo dos elementos utilizados pelo jornalista, enquanto autor, para desdobrar o testemunho em relatos.

Alguns dos recursos utilizados pelo repórter para conferir esse efeito de presença à narrativa, como sugere Peres, são a inserção de notas e vozes em cena, a inclusão de pensamentos e o aprofundamento de detalhes. “(...) podemos dizer que, nesse tipo de narrativa, a presença é evocada não como um comprovante de verdade, mas para nos colocar, se não como responsáveis, pelo menos sensíveis ao evento narrado”, defende a pesquisadora (PERES, 2021, p. 33). De acordo com Peres, o testemunho jornalístico deve ser assumido “não apenas como uma ‘matriz de verdade presumida’, mas principalmente como matriz de lacuna de verdade” (PERES, 2021, p. 33). Assim, através dessa postura, o jornalista deixa a rigidez da objetividade para assumir o campo subjetivo da narrativa, construindo seus relatos sem se “desviar das implicações que o risco acarreta”, ela sustenta (2021, p. 35).

Estar fisicamente presente, entretanto, ainda é percebido como um fator de confiabilidade para o jornalismo. Nikki Usher, professora de mídia da Universidade de Illinois, em entrevista para o *Columbia Journalism Review*¹¹ (2020), afirma que há um potencial para a deslegitimação, quando se olha para as transmissões ao vivo realizadas por repórteres diretamente de suas casas, durante a pandemia. Afinal, como reportar de casa torna os profissionais diferentes do público? Essa é a preocupação de Usher. O uso de estratégias tecnológicas para a apuração e reprodução do fato jornalístico pode ser um ganho para a narrativa jornalística e a imersão da audiência nas históricas contadas pelos jornais. A realidade aumentada, por exemplo, já tem sido utilizada por grandes veículos jornalísticos para transmitir suas reportagens com riqueza de detalhes, que proporcionam uma experiência mais realística dessas narrativas. Aplicativos e redes sociais como o Whatsapp e o Facebook, entre

¹¹ MARGALIT, Ruth. Out of Nowhere: what’s lost and won as newsrooms close their offices for good. What’s lost and won as newsrooms close their offices for good. 2020. Disponível em: https://www.cjr.org/special_report/out-of-nowhere.php. Acesso em: 22 maio 2021.

tantos outros, podem ser úteis para alcançar fontes sem se preocupar com deslocamentos e a limitação do tempo disponível para as entrevistas.

São inúmeras as vantagens tecnológicas – incluindo os benefícios que elas podem gerar para as empresas de jornalismo, que querem cortar despesas e obter lucro. Entretanto, como afirma Salgado (JÚNIOR et al., 2020) “é fundamental para o exercício do Jornalismo com J maiúsculo ir à campo, fazer a reportagem, (...) ser uma testemunha ocular daquilo que ele está cobrindo” (00:48:01 – 00:48:23). Até mesmo “do ponto de vista da sensibilização, do estabelecimento do diálogo, das trocas que existem entre entrevistados e entrevistadores” (JÚNIOR et al., 2020, 00:49:36 - 00:49:53).

O que deve nos preocupar, também em outra perspectiva, é sobre como as tecnologias não chegam ao alcance da população da mesma forma. Devemos nos questionar se essa adaptação tecnológica nas práticas jornalísticas não seria mais uma forma de exclusão, como elabora Restrepo (2013), em artigo para o Observatório da Imprensa, intitulado ‘Internet exige um jornalismo de melhor qualidade’:

Enquanto for o fim da comunicação e houver interesse público, o jornalista não cairá na indiferença e na frieza dos 'esquizóides'. Outro conflito também se abre, o da equidade, por exemplo. Quem tem telefone para expressar sua opinião na mídia e nos espaços digitais é apenas um grupo. Assim como olhamos a sociedade por meio de pesquisas, que excluem quem não tem telefone ou não responde, também temos a ideia de ver a sociedade como um grande cibercafé onde “todos” se comunicam por esses meios. No entanto, no mundo existem diferenças entre ricos e pobres em informações. (RESTREPO, 2013, online)

Desse modo, devemos avaliar: para quem esse jornalismo está sendo produzido? Como alcançar, de forma remota, o público e as fontes que não tem acesso a essas tecnologias? Esses questionamentos nos levam a crer que, embora o elemento físico não seja necessário para a construção da presencialidade, ele ainda é um fator essencial para a produção de um jornalismo democrático, igualitário e consequentemente de melhor qualidade.

2.6 Redução da presencialidade e impactos da pandemia sobre a produção jornalística

Em 11 de março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declara a pandemia da Covid-19. O primeiro óbito causado pela pandemia no Brasil ocorreu em 17 de março de 2020, na cidade de Miguel Pereira, no Rio de Janeiro. A vítima era uma trabalhadora doméstica, que prestava serviços a uma mulher recém-

chegada de uma viagem à Itália. Com o avanço da doença, diversos países decretaram quarentena, provocando a paralisação de serviços e atividades econômicas, como forma de conter a propagação da contaminação com o vírus. No Brasil, em poucas semanas, diversos estados já haviam decretado *lockdown*¹². Os decretos permitiam apenas a continuação dos serviços considerados essenciais – entre eles, o jornalismo. Até setembro de 2021, foram mais de 21,2 milhões de casos de Covid-19 e mais de 590 mil mortes no Brasil, de acordo com o Ministério da Saúde. Em dados globais, A Universidade John Hopkins já contabiliza mais de 219 milhões de casos e 4,55 milhões de mortes decorrentes do novo coronavírus.

Diante de um quadro como esses, o papel do jornalismo como mediador social e organizador do caos informativo é reforçado. Acima de tudo, pela sua contribuição para a estabilidade social, como instituição que promove a democracia e defende os interesses da sociedade. Para os jornalistas, narrar os acontecimentos da emergência na saúde é um desafio, sobretudo diante da intensificação de vulnerabilidades historicamente associadas à instituição, como os ataques à imprensa e a precarização do trabalho. Na pandemia, mesmo que o jornalismo seja considerado serviço essencial, boa parte das redações adotaram o trabalho remoto ou o modelo híbrido, quando decretado o período de quarentena. Algumas pesquisas apontam os impactos da pandemia sobre o trabalho dos jornalistas e comunicadores.

Em levantamento realizado pelo Centro de Pesquisa Comunicação e Trabalho (CPCT), da Universidade de São Paulo (USP), com 994 profissionais da comunicação, 68% dos respondentes afirmaram trabalhar em home-office na pandemia. Outros 20% dos respondentes destacaram estar em jornada mista de trabalho. Os dados foram obtidos por meio da pesquisa ‘Como trabalharam os comunicadores no contexto de um ano da pandemia de Covid-19’¹³, que alcança profissionais oriundos de todos os Estados do Brasil, do Distrito Federal, um do México e outro da Holanda.

¹² Bloqueio total de uma cidade ou região, como protocolo utilizado pela Justiça ou o Estado em situações extremas.

¹³ Disponível em: http://www2.eca.usp.br/comunicacaoetrabalho/publicacoes_cpct/como-trabalham-os-comunicadores-no-contexto-de-um-ano-da-pandemia-de-covid-19-1-ano-e-500-mil-mortes/ Acesso em: 20 de agosto de 2021.

Diante das limitações da presencialidade, as rotinas sofrem alterações. Os profissionais se veem obrigados a realizar suas atividades laborais diretamente de suas casas, sem acesso presencial às ruas e as fontes; sem contato pessoal com seus colegas e gestores. Para alguns, essa realocação é traduzida em uma melhor otimização do tempo, quando se leva em conta que o tempo de deslocamento para o trabalho deixa de fazer parte da rotina¹⁴. Os trabalhadores podem, então, dispor de horários livres para dedicar a outras atividades, como cuidar dos filhos, da casa, começar um novo hobby etc. A tecnologia, nesse caso, pode ser uma aliada.

Em contrapartida, essa mesma tecnologia que permite a interação mediada e suspende a necessidade da presença física, pode se tornar um elemento que favorece a intensificação da jornada de trabalho. Com o auxílio da internet, dos computadores e dos smartphones, há uma facilidade de contato, que leva a uma noção equivocada de que o trabalhador está (ou precisa estar) disponível a todo momento para cumprir certas demandas. Nessa lógica, os limites entre tempo para o trabalho e para as atividades domésticas são embaçados. Esse movimento é capturado pela pesquisa do CPCT/USP (FIGARO, 2021), em que respondentes declararam não ter seus horários livres respeitados. Os comentários também ressaltam a exigência de disponibilidade, o aumento na demanda por produtividade, excesso de trabalho sem aumento de salário, o medo de perder o emprego, a falta de confiança, a dificuldade em se desligar do trabalho, a exaustão física e mental, entre uma série de outras questões que afetam a rotina desses profissionais. E, conseqüentemente, também afetam a qualidade da sua performance.

Um fator que pode ter contribuído para esse cenário de sobrecarga e precarização é o despreparo das empresas para atuar a partir do teletrabalho, tendo em vista que a realocação dos escritórios e das redações ocorreu de forma repentina. No entanto, em contexto de um ano da pandemia, as adaptações para tornar o trabalho a distância mais adequado para os trabalhadores já deveriam ser uma realidade. Ao longo desse período, muitos trabalhadores atuaram sem suporte técnico ou amparo normativo por parte das empresas. Esse é o caso de 55% dos respondentes da pesquisa do CPCT/USP, que afirmaram utilizar seus próprios

¹⁴ A partir de "Remote Possibilities", artigo publicado por Feven Merid no portal Columbia Journalism Review. Disponível em: https://www.cjr.org/the_media_today/pandemic-office-return-work-from-home.php. Acesso em: 20 de agosto de 2021

equipamentos e recursos pessoais para o trabalho. “A combinação entre deficiência técnica e normativa, densificação e intensificação do trabalho caracterizam, assim, a face da precariedade do trabalho remoto em comunicação durante a pandemia” (FIGARO, 2021). As consequências, conforme os pesquisadores, podem ser identificadas no produto do trabalho e no corpo-si do trabalhador.

Para os profissionais de iniciativas independentes de jornalismo, contudo, o home office pode não ser uma novidade. Patrício (2020) argumenta que diante da precariedade de recursos financeiros e infraestruturais, parte dos profissionais dessas iniciativas já desenvolviam seus trabalhos diretamente de suas casas. Mesmo antes da pandemia, muitas dessas iniciativas costumavam ter suas sedes instaladas nas residências de trabalhadores, ele sustenta. Essa percepção é apoiada em dados levantados pelo grupo de pesquisa Práxis no Jornalismo (PráxisJor), vinculado ao Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará (UFC). No primeiro momento da pandemia, em 2020, os pesquisadores alcançaram 17 iniciativas de jornalismo independente do Ceará, para questioná-las em relação aos impactos causados pela pandemia nas suas rotinas de produção. Dentre 71 participantes referidos por essas 17 iniciativas, apenas 23,9% (17) afirmaram não trabalhar em modelo home office antes da emergência na saúde pública. “Por conta disso, o receio de perda do trabalho ou de redução salarial convive, ao mesmo tempo, e num espectro mais amplo, à continuidade ou não do funcionamento da própria iniciativa, e não só de seus postos de trabalho” (PATRÍCIO, 2020).

Essas preocupações são compartilhadas por profissionais também em cenário internacional, assim revela pesquisa desenvolvida em 2020 pelo Journalism and the Pandemic Project¹⁵, sob a organização de Julie Posetti, Emily Bell e Pete Brown; e vinculada ao International Center for Journalists¹⁶ (ICFJ) e do Tow Center for Digital Journalism¹⁷ da Columbia University. O levantamento¹⁸ contou com a participação de 1406 respondentes, entre jornalistas, editores, CEOs e outros trabalhadores, de pelo menos 125 países, sendo os principais: Estados Unidos,

¹⁵ Projeto Jornalismo e Pandemia

¹⁶ Centro Internacional para Jornalistas

¹⁷ Centro de Reboque para Jornalismo Digital (tradução livre)

¹⁸ Journalism and the pandemic: a global snapshot of impacts. 2021. Disponível em: <https://www.icfj.org/our-work/journalism-and-pandemic-survey>. Acesso em: 21 maio 2021.

Índia, Nigéria, Reino Unido e Brasil. Destes, 17% afirmaram que a receita das organizações de notícias em que atuam caiu mais de 75% desde o início da pandemia, e outros 43% indicaram uma queda em mais da metade. Como estratégia para lidar com a crise financeira, as organizações precisaram recorrer a medidas como corte de salários, demissões e fechamento de estabelecimentos, segundo 89% dos respondentes da pesquisa do ICFJ (POSETTI, BELL e BROWN, 2020). Também 7% dos participantes relataram que pontos de vendas encerraram suas edições impressas e 11% afirmaram que as tiragens foram reduzidas, como forma de conter os impactos orçamentários.

Entre as principais necessidades dos trabalhadores na atuação durante a pandemia, 76% dos respondentes da pesquisa do ICFJ (POSETTI, BELL e BROWN, 2020) apontaram a carência de suporte no financiamento para os custos operacionais – incluindo salários. Outras necessidades listadas são o apoio à saúde mental e bem-estar (62%); treinamento em verificação avançada e checagem de fatos (67%); treinamento em tecnologias para reportagens e publicações remotas (67%); e para a construção de reportagens científicas e de saúde/médicas (66%). Esses dados revelam algumas das dificuldades que os profissionais tiveram que enfrentar, diante de uma migração repentina para um modelo de trabalho ao qual não estavam acostumados ou adequadamente preparados para atuar.

Com o trabalho remoto, as práticas de apuração também sofreram alterações. Os profissionais participantes da pesquisa do ICFJ (POSETTI, BELL e BROWN, 2020) afirmaram realizar mais entrevistas por aplicativos de áudio e vídeo, e-mail e telefone (67%), além de utilizarem mais pesquisas da internet (50%) e se apoiarem mais em declarações de fontes oficiais e governamentais. Curiosamente, ao mesmo tempo em que os jornalistas se tornam mais dependentes dessas fontes, eles também as identificaram como as principais propagadoras de desinformação: líderes políticos e oficiais eleitos (46%) ficam em segundo lugar nessa categoria, perdendo apenas para os cidadãos comuns (49%). Agências governamentais e seus representantes (25%) e redes de *trolls* vinculadas ao estado (23%) ocupam o sexto e sétimo lugares. Conforme os colaboradores da pesquisa, esse quadro preocupa, tendo em vista o risco de

fragilizar o papel dos jornalistas de levar os governantes ao escrutínio público, especialmente em relação às suas respostas à pandemia.

Conforme as publicações apresentadas neste capítulo, podemos afirmar que há um longo caminho para percorrer até que as empresas estejam preparadas para atuar de forma adequada nessa modalidade de trabalho remoto. São muitas as contradições e paradoxos presentes no discurso dos profissionais sobre o trabalho em *home office* e sua performance na cobertura da pandemia. Essa modalidade de teletrabalho já existia em peso em muitos países e foi ampliada com a emergência na saúde mundial, trazendo desafios inúmeros para diversas categorias trabalhistas. No caso do jornalismo, outras preocupações ainda permanecem. Em artigo para o *Columbia Journalism Review* (2020), intitulado ‘Out of Nowhere’, Ruth Margalit relata que os jornais precisarão compensar o que se perde nas relações de trabalho distantes do escritório, como “o elogio improvisado, o pequeno discurso estimulante, a transparência que advém de poder passar pela sala de conferências” (MARGALIT, 2020, online, tradução nossa). Perde-se ainda a possibilidade do compartilhar de experiências entre diferentes gerações de profissionais, no ambiente das redações. Segundo Margalit (2020), esse prejuízo é maior para os iniciantes no jornalismo. Soma-se a isso o distanciamento das ruas e das fontes, intensificado pela situação de pandemia – embora já se tornasse uma realidade em muitas redações, devido as práticas do jornalismo sentado e da virtualização das atividades.

Essa também é a percepção do jornalista cearense Melquíades Júnior¹⁹, em entrevista para o Pauta.Jor, evento promovido pelo curso de jornalismo da UFC, por meio de transmissões ao vivo no Youtube. A transmissão contou também com a participação de Ronaldo Salgado, Cremilda Medina e mediação de Edgard Patrício, professor do curso de jornalismo. Questionado sobre a possibilidade de as redações voltarem aos mesmos níveis de presencialidade do período pré-pandemia, ou se haveria um fortalecimento do trabalho em home-office, Melquíades fez a seguinte ressalva:

¹⁹ Melquíades Júnior é repórter especial do Sistema Verdes Mares, com 18 anos de atuação, reconhecido por acumular mais de 20 prêmios nacionais e dois internacionais de jornalismo. Também é produtor do documentário “Doce Veneno”, de 2020, selecionado em festivais de pelo menos seis países. E em 2019, ganhou o prêmio Vladimir Herzog, com sua reportagem ‘Matança da PM em Milagres e a invenção da resistência’, trazendo pela primeira vez a conquista dessa premiação para um veículo cearense.

Mesmo nas redações em período pré-pandemia, nós percebíamos já um distanciamento. Aí já estou falando de um outro distanciamento. Mas de quê? As reportagens resolvidas por telefone e só por telefone. Nós estamos vivendo um contingenciamento em que, de fato, elas são feitas assim. (...)o repórter, às vezes, na redação, ele ligou para um órgão, ligou para uma fonte oficial, colocando essas aspas do que seria essa fonte oficial, e resolveu. Então, o que eu percebi é que já tem havido nas redações um distanciamento, na medida em que reduziu essas saídas de repórteres. Eu estou falando das redações em geral, até pelo que eu percebo dos meus colegas. Não falo só de onde eu trabalho, não. Mas, assim, das redações em geral, de que você tem menos pessoas saindo porque há um consenso vindo a partir de não sei quem, mas, sobretudo, dentro de uma hierarquia, de que “liga para lá, checka isso aqui rapidinho e resolve”. (JÚNIOR et al., 2020, 00:37:51 – 00:39:10)

O jornalista também endossou declaração de Cremilda Medina, ao sustentar que o “espaço lá fora continua necessário”, e que estamos apenas vivendo um momento de contingenciamento. Segundo Medina, os jornalistas estão apenas esperando a oportunidade de bater asas:

Se nós não vamos à sociedade como mediadores sociais e autores de uma costura, de uma grande mediação, não é possível fazer isso isoladamente no plano das ideias. Porque nós temos que ir à ação humana. A ação humana é que conforma esse grande eixo que é a reportagem - essa é a alma do jornalismo. O comentário, a opinião, o editorial, a reflexão, são muito importantes, mas elas estão em complementaridade com a escuta presente, da escuta de todos os sentidos. (JÚNIOR et al., 2020, 00:25:16 – 00:26:09)

Por outro lado, já considerando as possibilidades do modelo de trabalho remoto se consolidar no cenário pós-pandemia do jornalismo, muitos profissionais têm visualizado uma oportunidade de atuar em possíveis “postos avançados” das redações. Esse ponto também é destacado no artigo de Margalit para o *Columbia Journalism Review* (2020). Essas sucursais de redações, como ela sugere, podem contribuir para que profissionais concorram a vagas sem se preocupar com as dificuldades de deslocamento. Assim, alcançando as periferias e trazendo mais diversidade para as empresas, tanto do ponto de vista da cultura organizacional, quanto do olhar sobre suas práticas e o resultado de seus produtos. Margalit complementa, a partir de declaração de Anup Kaphle, editor-chefe do *Kathmandu Post*:

Como o vírus confinou os jornalistas em suas casas, ele forçou os meios de comunicação a pensar além dos limites da geografia. Para Kaphle, a ideia de um escritório descentralizado vai além de questões de conveniência ou economia financeira para a missão central de sua revista: “A razão pela qual é importante ter uma redação global é garantir que nossas histórias sejam contadas da maneira certa”, disse ele. “Isso significa não apenas que tipo de países estamos cobrindo, mas quem está cobrindo esses países... Quem conecta os pontos e identifica todos esses padrões e diz por que a história é

importante, não apenas para os leitores dos EUA, mas também por que é tão importante para as pessoas que vivem lá”. Questões de representação - quais histórias são contadas, como e para quem - sempre foram cruciais no jornalismo, embora sejam pouco pensadas; a súbita mudança de perspectiva trazida pelo trabalho remoto deixou claro como a própria redação, em todos os seus aspectos sociais e colaborativos, pode ser um lugar de exclusão. (MARGALIT, 2020, online, tradução nossa)

Devido à complexidade do acontecimento pandêmico, surgem reflexões éticas sobre como lidar, em situação de distanciamento, com fontes enlutadas ou que vivenciaram traumas; ou de como abordar outros temas delicados, sem se deixar cair na armadilha do sensacionalismo. São questões que permeiam a atividade jornalística, mas que se reforçam em um cenário de desordem social. E, ainda, em um contexto que boatos e desinformação se propagam com facilidade na rede, dificultando ainda mais o trabalho dos jornalistas. Essas reflexões são expostas pela pesquisadora Márcia Franz Amaral, professora do curso de Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (PPGCOM/UFSM), em entrevista²⁰ ao Observatório da Ética Jornalística (objETHOS), do Departamento de Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (PPGJOR) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Amaral afirma que na cobertura de acontecimentos extremos não há como aplicar regras absolutas.

A primeira recomendação é não expor pessoas em situações vulneráveis. No caso de isso acontecer, deve-se questionar o quanto a exposição das pessoas afetadas nos auxilia a conhecer melhor este acontecimento. É difícil dimensionar a abordagem entre o público e o privado. No início da cobertura sobre a Covid-19, vimos certo exagero na individualização de quem teria trazido o vírus, com histórias de casamentos e noivados que teriam disseminado-o, ou até o local de trabalho de cada um dos primeiros infectados. (OBJETHOS, 2020, p. 18)

A pesquisadora acredita que a crise na pandemia permitiu ao jornalismo resgatar a sua importância social, reforçando seus laços com os cidadãos. Recordes de audiência têm sido superados e os grandes jornais se tornaram cada vez mais procurados pelo público nesses tempos de pandemia, segundo ela percebe. (OBJETHOS, 2020). Essa declaração encontra suporte em resultados da pesquisa do ICFJ (POSETTI, BELL e BROWN, 2020), em que 43% dos 1406 entrevistados perceberam aumento na confiança do público em seu jornalismo ou na sua

²⁰ A entrevista, realizada por Dairan Paul e Denise Becker, faz parte de uma coletânea publicada pelo objETHOS no e-book “Ética Jornalística e Pandemia: entrevistas com especialistas”, lançado em dezembro de 2020 e divulgado pela Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj). Disponível em: <https://fenaj.org.br/objethos-lanca-o-e-book-etica-jornalistica-e-pandemia-entrevistas-com-especialistas/>. Acesso em: 23 de agosto de 2021.

organização de notícias. O envolvimento do público também se intensificou nesse período, segundo 38% dos respondentes; e outros 61% expressaram se sentir mais comprometidos com o jornalismo, como resultado da pandemia.

Para Amaral (OBJETHOS, 2020), uma questão a ser pontuada, no entanto, é o "deserto de notícias" em diversas regiões do País que impede os cidadãos dessas localidades mais periféricas de terem acesso a informações importantes para a sua vida cotidiana. Ela também comenta que o discurso adotado por grande parte da mídia tem sido voltado para as classes média e alta, sem muita novidade em relação aos cuidados com a pandemia. Ou seja, ainda permanece focado na questão da lavagem das mãos, do distanciamento social, do uso de máscaras, entre outras. "Aí cabe o discurso de que não contrair o vírus só depende de nós, ou seja, há culpabilização antecipada dos futuros afetados" (OBJETHOS, 2020, p. 13). Em adição, Amaral recorda que há camadas da população que podem se proteger mais do que as outras. A pesquisadora continua:

Neste começo de pandemia, ainda de maneira incipiente, algumas matérias jornalísticas passam a abordar a dura realidade das zonas periféricas, das comunidades indígenas e dos marginalizados. Mas tratam-se de matérias "sobre" estas comunidades e não de matérias "para" estas comunidades, direcionamento que a televisão aberta e o rádio poderiam fazer. (OBJETHOS, 2020, p. 14)

De acordo com a pesquisadora, o jornalismo deve participar de forma crítica e efetiva desse momento delicado para a sociedade: "Esta é uma grande oportunidade para o jornalismo escancarar problemas brasileiros e debater formas originais de enfrentá-los. Mas há que se duvidar que esta grande imprensa sustentará estes temas por muito tempo", conclui Amaral (OBJETHOS, 2020, p. 15).

A partir das colocações presentes neste capítulo, prosseguimos para a análise da presencialidade como dimensão de qualidade do jornalismo. Os procedimentos metodológicos são detalhados a seguir.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 Levantamentos e reflexões iniciais

Como já indicado anteriormente, esta monografia é um dos produtos resultantes da pesquisa realizada junto ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC da Universidade Federal do Ceará (UFC), durante os meses de setembro de 2020 a agosto de 2021, intitulado 'A qualidade no jornalismo – construção de uma matriz de indicadores vinculados à produção e ao consumo da informação'. O projeto, de caráter exploratório, tem como proposta estabelecer bases para a definição da qualidade do jornalismo. Os objetivos são: 1) identificar em que momentos da cadeia de produção ela pode ser aferida; 2) identificar que atores sociais participam desse processo; e 3) construir uma matriz de indicadores utilizados por esses mesmos atores na percepção da qualidade jornalística²¹.

Para isso, iniciamos nossas atividades do grupo com leituras e discussões voltadas para tendências teóricas dentro das pesquisas acadêmicas sobre o jornalismo, que pudessem ao mesmo tempo nos orientar nas reflexões sobre a qualidade jornalística. Nos debruçamos sobre estudos em torno das transformações no jornalismo e suas rotinas produtivas, com olhar especial para pesquisas que alcançassem os impactos da crise pandêmica sobre a instituição, as práticas e os profissionais que atuam no jornalismo. Essas discussões realizadas em grupo foram registradas e serviram como contextualização e direcionamento para nossas próximas leituras e para a definição da pesquisa empírica.

Inicialmente, definimos que a análise empírica do projeto seria focada no ambiente de processos de produção do jornalismo. E os perfis definidos para nossa primeira abordagem seriam profissionais jornalistas, docentes e estudantes de jornalismo. Em um segundo momento, também consideramos a possibilidade de alcançar a audiência, por entendê-la como participante ativa nesse processo de percepção da qualidade jornalística, tendo em vista seu papel como consumidora da informação veiculada.

A segunda etapa do projeto é composta por uma pesquisa exploratória. Conforme Gil (2002), este tipo de pesquisa "têm como objetivo proporcionar maior

²¹ As informações sobre o projeto foram consultadas diretamente pela autora dessa monografia, como participante do grupo de pesquisa.

familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses" (p. 41), além de aprimorar ideias ou descoberta de intuições. Essas pesquisas costumam ter um planejamento flexível e possibilitam a consideração de aspectos variados sobre o fato estudado. São utilizadas "especialmente quando o tema escolhido é pouco explorado e torna-se difícil sobre ele formular hipóteses precisas e operacionalizáveis" (GIL, 2008, p. 27). Ainda segundo Gil (2002), uma das etapas do trabalho exploratório é o levantamento bibliográfico, que costuma ser desenvolvido com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos.

Nossa revisão bibliográfica é constituída de trabalhos produzidos entre os anos 2015 e 2020, dentro da temática da qualidade do jornalismo. O levantamento realizado contemplou as palavras-chave "qualidade + jornalismo". Devido aos poucos resultados obtidos, recorremos a versões traduzidas para o espanhol (calidad + periodismo) e inglês (quality + journalism). As buscas foram realizadas entre os dias 17 de dezembro de 2020 e 13 de janeiro de 2021, em oito bases online: os anais dos eventos SBPJor²², Compós²³, Alaic²⁴, Intercom²⁵ e AE-IC²⁶; e a base de dados do Periódicos da CAPES²⁷, Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES e o Google Acadêmico. Como resultado, obtivemos 64 trabalhos que tratam do tema, entre artigos, teses e dissertações. Após triagem, orientada por uma leitura panorâmica das produções e sua aderência à pesquisa, restaram 37 trabalhos com relação e contribuição direta para a discussão sobre a qualidade do jornalismo. Nesta monografia, no entanto, utilizamos apenas 15 desses trabalhos, por considerá-los mais específicos dentro do recorte estabelecido para este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Dessa forma, com um número mais delimitado, poderíamos nos dedicar a uma leitura mais precisa e voltada para nossas questões e objetivos particulares, segundo orientação de Gerhardt e Silveira (2009) sobre a construção de um estado da arte:

Expor resumidamente as principais ideias já discutidas por outros autores que trataram do problema, levantando críticas e dúvidas, quando for o caso.
Explicar no que seu trabalho vai se diferenciar dos trabalhos já produzidos

²² Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor)

²³ Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós)

²⁴ Associação Latinoamericana de Investigadores em Comunicação

²⁵ Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom)

²⁶ Asociación Española de Investigación de la Comunicación (AE-IC)

²⁷ Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)

sobre o problema a ser trabalhado e/ou no que vai contribuir para seu conhecimento. **Quanto ao quadro teórico, o erro mais frequente é formulá-lo de forma genérica ou abstrata demais, quando o que interessa é que ele seja adequado ao recorte temático a ser investigado;** quanto à formulação das hipóteses ou das questões, não basta enunciá-las no projeto, é preciso também justificá-las uma a uma em texto argumentativo (GERHARDT e SILVEIRA, 2009, p. 66, grifo nosso)

Esses 37 trabalhos encontrados formam nosso estado da arte sobre a qualidade jornalística. Além disso, foram fundamentais para a definição dos primeiros indicadores de qualidade do jornalismo propostos em nossa sistematização. Com base em nossas leituras, foi possível encontrar dezenas de indicadores de qualidades, que se incorporam a 17 principais: objetividade, subjetividade, pluralidade, veracidade, interesse público, transparência, responsabilidade social, independência, apartidarismo, imparcialidade, verificabilidade, precisão, proximidade, atualidade, diversidade, presencialidade e ética.

Como esses indicadores passaram a incorporar outros de menor nível, optamos por referenciá-los de outra forma. Assim, eles passaram a ser considerados como “dimensões de qualidade do jornalismo” e não mais “indicadores de qualidade”, devido a abrangência que possuem em relação às concepções, práticas e princípios do jornalismo. A ideia é construir uma árvore que possa orientar a posição dessas dimensões de forma hierárquica, apontando, dessa forma, quais seriam mais relevantes para a definição da qualidade jornalística. A princípio, entendemos que essas dimensões podem estar incorporadas a pelo menos quatro momentos da produção jornalística: organização do trabalho, rotinas de trabalho, produto e relação com a audiência.

Outro achado em nossas reflexões é a constatação de que a qualidade da informação jornalística, embora esteja diretamente relacionada com as práticas produtivas do jornalismo, estaria também vinculada a instâncias exteriores a essa produção, como a cultura da organização jornalística e, de forma ainda mais ampla, à sociedade (ou o contexto social) – que seria um agente de influência para essas organizações, simultaneamente, ratificando Romero-Rodríguez e Aguaded (2016). Considerando as relações de influência entre esses agentes internos e externos, e também o caráter das dimensões de qualidade encontradas, percebemos que a qualidade no jornalismo poderia ser separada entre aquelas dimensões

relacionadas, primeiramente, com a atividade jornalística e, por conseguinte, com o produto. Assim, haveria uma qualidade percebida a partir da prática do jornalismo e uma qualidade vinculada diretamente à produção – que é o resultado concreto da atuação jornalística. Ademais, seja qual for a dimensão ou categoria em que se analisa a qualidade do jornalismo, ela pode apresentar características distintas, conforme a perspectiva de vários públicos. As rotinas de trabalho, por exemplo, podem ser avaliadas de uma forma por profissionais jornalistas, mas apresentar características de qualidade diferentes, a partir da visão da fonte, da audiência, do dono do veículo ou da gestão organizacional, entre outros públicos.

Com as primeiras dimensões de qualidade definidas, voltamos a discutir as possibilidades metodológicas para a aplicação da nossa pesquisa empírica, e decidimos aplicar um questionário (*survey*) para sondar quais dessas dimensões seriam consideradas mais relevantes, dentro da percepção da qualidade jornalística. A pesquisa realizada por meio de *survey*, segundo Gerhardt e Silveira (2009), é aquela que busca informações diretamente com um grupo de interesse. Ela é útil principalmente em trabalhos exploratórios e descritivos. A situação de pandemia, é claro, também limitou a possibilidade de aplicação de outros métodos de coleta de dados. Esse instrumento, então, pareceu mais viável para alcançar nosso público.

O questionário foi elaborado com dez questões abertas e de múltipla escolha, em formulário da plataforma Google. As perguntas iniciais são relativas ao perfil do respondente (nome, e-mail e idade), incluindo a categoria em que se enquadram (estudante de jornalismo em universidade/centro de ensino superior público; estudante de jornalismo em universidade/centro de ensino superior privado; profissional jornalista; docente de jornalismo) e seus dados profissionais (ocupação; ambiente de trabalho/estágio; função exercida no trabalho/estágio; tempo de experiência). As duas últimas questões são referentes às dimensões a serem avaliadas quanto a sua importância para a percepção da qualidade do jornalismo. A proposta é capturar visões diferentes e tecer cruzamentos sobre o que constitui a qualidade da informação jornalística, conforme o nível de experiência, formação, vínculo de trabalho e faixa etária dos grupos de respondentes.

Ainda que paralelamente tenhamos prosseguido em um caminho metodológico voltado para as especificidades do nosso objeto de pesquisa, que é a

dimensão da presencialidade na qualidade do jornalismo, os procedimentos iniciais desta monografia são os mesmos realizados pelo projeto de iniciação científica, no âmbito do Pibic. Por isso, considerando a contribuição mútua entre ambos os trabalhos, utilizamos o mesmo instrumento para a coleta de dados que dará subsídio a nossa análise, inserindo uma questão específica sobre a dimensão presencialidade. Essa questão apresenta alguns fatores relativos à presencialidade, que poderiam de alguma forma contribuir para a qualidade da informação jornalística. Esses fatores foram identificados a partir da nossa revisão bibliográfica e referencial teórico, já apresentados em capítulos anteriores, e que foram fundamentais para a definição e percepção do que seria a presencialidade.

O *survey* foi submetido a um pré-teste que permitiu ajustes na redação das questões e na precisão dos perfis a serem alcançados pela pesquisa. Após as alterações no questionário, ele foi lançado para o público em 24 de agosto de 2021. A nossa amostragem é classificada como não-probabilística, em razão de não ser representativa de toda uma população ou grupo, conforme elucida Freitas et al. (2000): “a **amostra não-probabilística** é obtida por algum tipo de critério, e nem todos os elementos da população têm a mesma chance de ser selecionados, o que torna os resultados não generalizáveis” (p. 106, grifo do autor). A principal forma de divulgação do nosso instrumento de pesquisa foi o compartilhamento entre redes de contatos dos grupos envolvidos na pesquisa, que contemplam os principais perfis de interesse: profissionais jornalistas, estudantes e docentes de jornalismo. Também divulgamos por meio das redes sociais e contato direto com universidades e centros de ensino superior de jornalismo, pelo envio de informativos. Salientamos que o âmbito da mobilização para as respostas ao questionário se circunscreveu ao estado do Ceará. Até a conclusão desta monografia, o formulário permanece aberto para respostas. Porém, em razão da curta disponibilidade de tempo para a consolidação deste trabalho monográfico, fechamos a planilha com a seleção da nossa amostra em 20 de setembro de 2021, totalizando 112 respondentes.

A metodologia a ser utilizada no tratamento dos dados será de natureza quanti-qualitativa. Segundo Sampieri, Collado e Lucio (2013), “as análises quantitativas são interpretadas de acordo com as previsões iniciais (hipóteses) e os estudos anteriores (teoria). A interpretação é uma explicação sobre como os resultados se encaixam no conhecimento existente” (p. 31). Os autores ressaltam

que o objetivo desse tipo de estudo é "explicar e prever os fenômenos pesquisados, buscando regularidades e relações causais entre elementos" (p. 31). Desse modo, se a análise seguir um processo rigoroso e lógico, os dados gerados terão padrões de validade e confiabilidade. Enquanto a pesquisa qualitativa, "proporciona profundidade aos dados, dispersão, riqueza interpretativa, contextualização do ambiente ou entorno, detalhes e experiências únicas" (SAMPIERI, COLLADO e LUCIO, 2013, p. 45), assim como flexibilidade.

Apresentados os procedimentos iniciais, partimos para a exposição das especificidades da pesquisa realizada nesta monografia, com seus objetivos, questões e hipóteses particulares.

3.2 Análise da presencialidade

Nossa pesquisa tem como objetivo principal compreender como a redução da presencialidade pode afetar a qualidade da informação jornalística veiculada para o público. Os objetivos específicos são 1) identificar em quais dimensões a presencialidade se encontra dentro da cadeia de produção do jornalismo; 2) identificar quais fatores contribuem para a noção de presencialidade; e 3) examinar quais desses fatores são considerados mais importantes para profissionais jornalistas, docentes e estudantes de jornalismo. A partir desses procedimentos, tentaremos responder às nossas questões de pesquisa: até que ponto as limitações provocadas pela pandemia podem afetar o processo de produção da notícia? Em que dimensões a presencialidade é percebida dentro das dinâmicas produtivas do jornalismo? De que maneira é possível produzir informação jornalística de qualidade com restrições de presencialidade?

Inicialmente, pretendemos estabelecer como as categorias base (profissionais jornalistas, docentes e estudantes de jornalismo) avaliam a presencialidade quanto à sua importância para a qualidade da informação jornalística. Entendemos que há uma possibilidade de distinção entre elas, tendo em vista que 1) estudantes estão iniciando sua experiência profissional e podem ter pouca ou nenhuma proximidade com a prática do jornalismo fora do ambiente da graduação e/ou do contexto remoto; 2) docentes de jornalismo podem ter uma visão menos pragmática, devido a sua experiência e reflexão sobre o jornalismo, distante daquela de quem atua apenas no mercado; e 3) profissionais jornalistas atuam diretamente com as práticas do

jornalismo e possuem uma visão de dentro. Esse caminho pode oferecer perspectivas mais amplas, inclusive no âmbito geracional.

Outra proposta é a análise dos resultados de avaliação da dimensão presencialidade para a qualidade do jornalismo, conforme o tempo de experiência do profissional, tendo em vista que profissionais mais novos podem ter iniciado a carreira em um contexto de maior inserção tecnológica, e por isso podem ser mais favoráveis à redução da presencialidade. Enquanto profissionais com maior tempo de experiência podem ter uma resistência maior, por terem uma formação que preza mais pela interação social não mediada pela tecnologia. Visto que as categorias com maior tempo de experiência estão em menor representatividade, consideramos a bloqueagem desses perfis da seguinte maneira: menos de um ano até 3 anos de experiência (45), 4 a 10 anos de experiência (35) e acima de 11 anos de experiência (19).

Também propomos uma observação sobre como os perfis atuantes em diferentes funções percebem a presencialidade e sua relação com a qualidade da informação jornalística. Levando em consideração que cada tipo de atividade profissional irá exigir níveis diferentes de presencialidade. Dentre alguns exemplos, imaginamos que um repórter seria mais requisitado para cumprir pautas na rua ou fora da redação, do que um produtor ou um editor. Nesse recorte, então, optamos por funções que tivessem um número maior de respondentes e/ou estivessem diretamente relacionadas aos processos de produção da informação – tendo em mente que nossa pesquisa está fundamentada especificamente nas rotinas de trabalho do jornalismo. Por isso, a categoria de respondentes que atuam como professores ficou de fora desta seleção, ainda que seja representativa no quadro de respondentes do *survey*. O grupo representado pelos jornalistas de dados também ficou de fora, por ter apenas três respondentes ligados a este perfil. Outras funções que não foram selecionadas para essa análise, considerando os critérios definidos anteriormente, são: social media, marketing, proprietária(o), freelancer, CEO, redator(a), podcaster, atendimento, produtor(a) de conteúdo e analista de comunicação. Vale ressaltar que a questão referente à função exercida pelos respondentes permitia múltipla escolha. Portanto, há a possibilidade de um mesmo participante se enquadrar em diversas funções profissionais. Os resultados serão apresentados no capítulo seguinte.

4 QUALIDADE E A DIMENSÃO DA PRESENCIALIDADE

A descrição dos resultados está dividida em três partes. A primeira tem como foco o perfil dos participantes e os dados gerais sobre a percepção dos respondentes sobre as dimensões de qualificação do jornalismo. Em seguida, serão detalhados os dados sobre a dimensão “presencialidade”, destacando algumas considerações sobre as categorias base (profissionais, docentes e estudantes de jornalismo). E concluiremos o capítulo com alguns cruzamentos, elaborando os principais achados da pesquisa, conforme o tempo de experiência dos respondentes (menos de um a 3 anos; 4 a 10 anos; e acima de 11 anos) e as funções exercidas por eles (assessores de comunicação, assessores de imprensa, gestores, repórteres, produtores, editores).

Elaboramos a planilha com dados de 112 respondentes. A primeira observação é que nossa amostra consiste em uma proporção significativa de profissionais jornalistas, em atuação no mercado. A maioria dos respondentes atuam em empresas de comunicação/jornalismo e tem até 10 anos de experiência profissional. As principais funções exercidas são: assessor(a) de comunicação, repórter e social media. O perfil dos participantes é de maioria jovem, concentrada especialmente entre a faixa etária dos 20 aos 29 anos, conforme a tabela a seguir:

Quadro 2 – Faixa etária dos respondentes

Idade	Contagem	%
Até 19	8	7.1%
20 a 29	67	59.8%
30 a 39	26	23.2%
40 a 49	8	7.1%
Mais de 50	3	2%

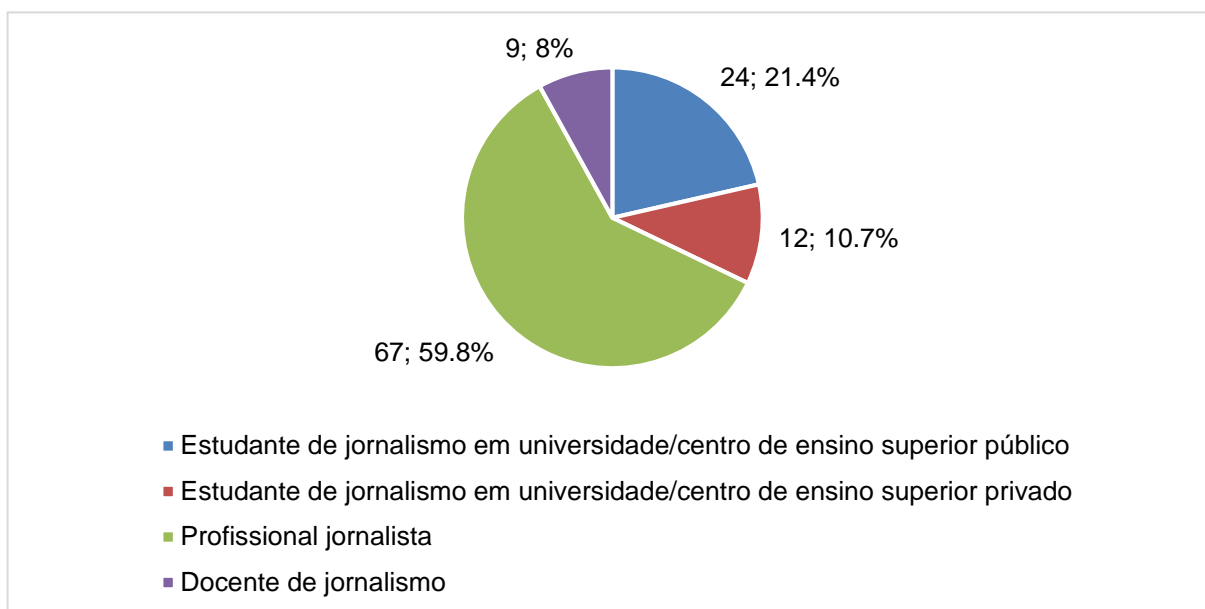
Fonte: elaborado pela autora

*O respondente mais jovem tem 17 anos e a idade mais alta registrada foi de 61.

Outra parte considerável da nossa amostra é constituída de estudantes. Ao todo, foram 36 participantes nessa categoria, divididos entre estudantes de jorna-

lismo em universidade ou centro de ensino superior público (21%), e oriundos de universidades ou centros de ensino superior privado (11%). Em seguida, estão os docentes de jornalismo, que correspondem a 8% dos 112 participantes:

Gráfico 1 – Categoria em que se enquadram os respondentes



Fonte: elaborado pela autora

Quanto à ocupação, a maioria é de jornalistas em atuação no mercado (54), com destaques também para estudantes de jornalismo em estágio (12) e estudantes que nunca estagiaram (13):

Quadro 3 – Ocupação dos respondentes

Ocupação	Contagem	%
Jornalista EM atuação no mercado	54	48.2%
Estudante de jornalismo que NUNCA estagiou	13	11.6%
Estudante de jornalismo EM estágio	12	10.7%
Jornalista SEM atuação no mercado	9	8%
Estudante de jornalismo que JÁ estagiou, mas NÃO está estagiando agora	8	7.1%
Jornalista ou docente sem trabalho atual	7	6.3%
Docente em jornalismo E COM atuação no mercado	6	5.4%
Docente em jornalismo E SEM atuação no mercado	3	2.7%

Fonte: elaborado pela autora

Ainda sobre o perfil dos respondentes, o questionário reservou dois itens para aqueles que possuem atuação profissional, incluindo estágio. O primeiro contempla o ambiente de trabalho ou estágio em que os participantes atuam, e o segundo a função que eles exercem. Apenas 75 pessoas foram encaminhadas para essas questões, por corresponderem a parcela do total de respondentes que estão atualmente no mercado. Além disso, por serem questões de múltipla escolha, alguns dos participantes selecionaram mais de uma opção de ambiente de trabalho e função exercida.

Em relação ao ambiente de trabalho, há uma concentração de profissionais que atuam em empresas de comunicação/jornalismo (32), órgão público (17) e freelancer (11). Empresas de assessoria de comunicação/jornalismo e empresa privada sem ser de comunicação/jornalismo têm igualmente 9 respondentes cada. Curso de comunicação/jornalismo de universidade ou centro de ensino superior privado é ambiente de trabalho de 6 dos 75 participantes que responderam à questão, enquanto o curso de jornalismo de universidade ou centro de ensino superior pública(o) contabiliza 4. Já as iniciativas de jornalismo independente e a área de produção de podcast têm 2 representantes cada. Restando organização não governamental, organização social, freelancer, agência publicitária e SEBRAE/CE, cada ambiente com um dos 75 respondentes. Organização de movimentos sociais, cursos de jornalismo de universidade ou centro superior comunitário e confessional não contabilizaram respostas.

Quanto às funções exercidas pelos participantes em seu trabalho, identificamos uma maior participação de assessores de comunicação (27), repórteres (23) e social media (22). Seguidos por editores (19), produtores (15), marketing (13), assessores de imprensa (12) e gestores (11). As funções menos exercidas são: proprietário (6), direção de redação (4), jornalista de dados (3), redator (2), CEO (1), produtor de conteúdo (1), analista de comunicação (1), atendimento (1) e podcaster (1).

Outro aspecto abordado pelo questionário trata-se do tempo de experiência profissional dos respondentes. A maioria acumula até 10 anos de experiência profissional, destacando-se 1 a 3 anos de experiência para 31.3% dos respondentes e 4 a 10 anos para 35.4%, como exposto no Gráfico 2.

Gráfico 2 – Experiência profissional dos respondentes

Fonte: elaborado pela autora

O grande número de respondentes com pouco tempo de experiência justifica-se pela quantidade de estudantes que participaram da pesquisa, como parte do nosso perfil de interesse. Além disso, considerando que a maioria é composta por jovens na faixa etária dos 20 a 29 anos, é esperado que boa parte desse grupo seja iniciante no mercado.

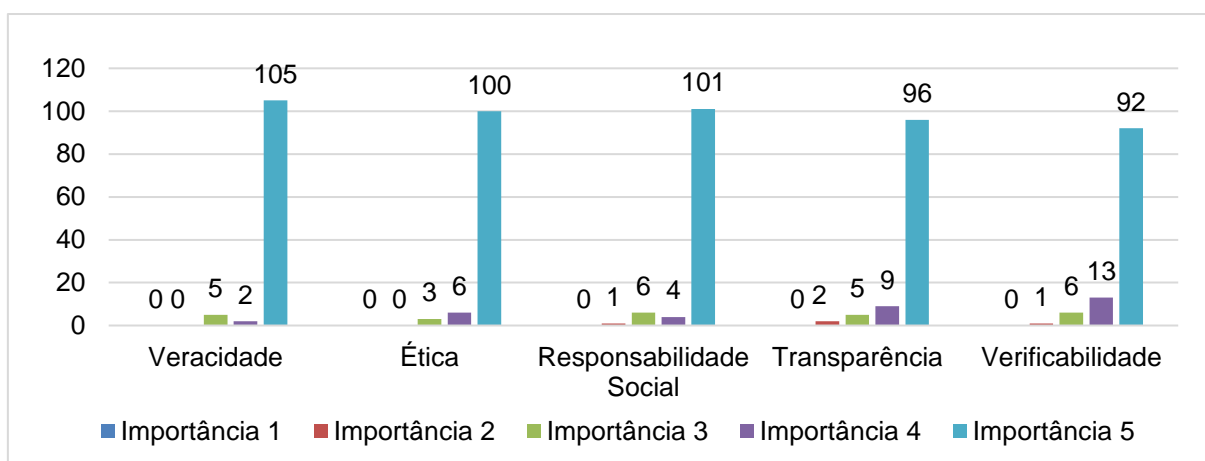
4.1 Dimensões de qualificação do jornalismo

O questionário aplicado entre o mês de agosto e setembro de 2021 propôs aos participantes um processo de valoração de 17 dimensões de qualificação do jornalismo. São elas: objetividade, subjetividade, pluralidade, veracidade, interesse público, transparência, responsabilidade social, independência, apartidarismo, imparcialidade, verificabilidade, precisão, proximidade, atualidade, diversidade, presencialidade e ética. Essas dimensões foram classificadas pelos respondentes segundo o nível de importância que elas teriam para a qualidade no jornalismo, em que 1 significa o mais baixo nível de importância e 5 o mais alto nível de importância.

A partir dos dados, detalhados no Gráfico 3, percebemos que as dimensões consideradas mais relevantes pelos respondentes são veracidade (107), ética (106), transparência (105), responsabilidade social (105) e verificabilidade (105),

classificadas como acima da média – ou seja, com nível de importância 4 e 5 – para mais de 82% dos 112 respondentes. Se compararmos essas dimensões segundo a atribuição de importância, elas se classificam da seguinte maneira:

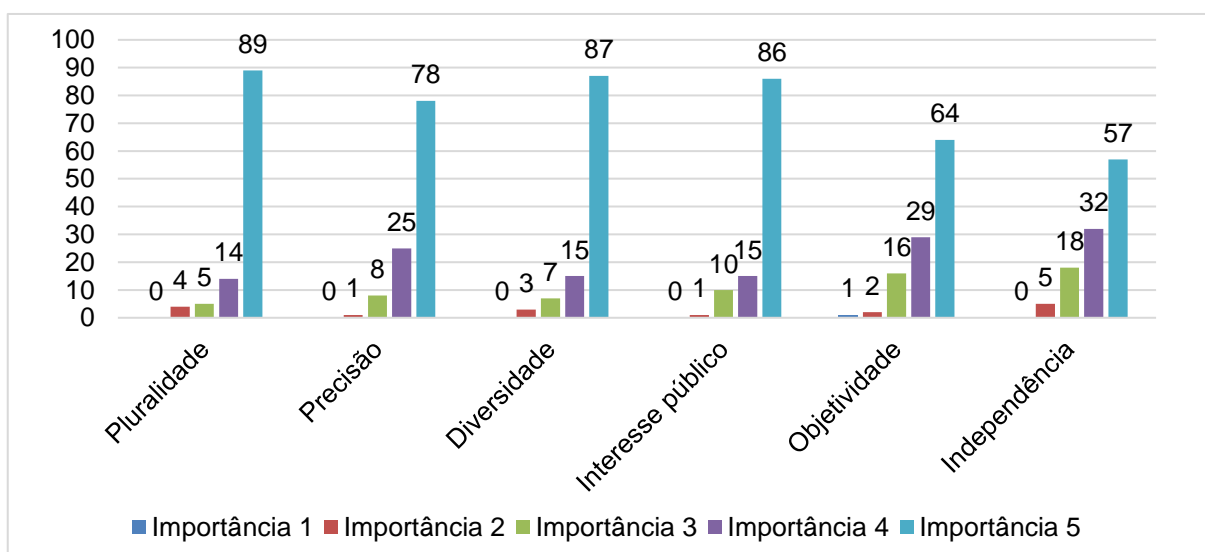
Gráfico 3 – Dimensões (veracidade, ética, transparência, responsabilidade social, verificabilidade)



Fonte: elaborado pela autora

Não muito atrás estão pluralidade (103), precisão (103), diversidade (102), interesse público (101), objetividade (93) e independência (89), consideradas acima da média para mais de 79% dos respondentes. Quando olhamos para o Gráfico 4, entretanto, já percebemos uma leve mudança na classificação.

Gráfico 4 – Dimensões (pluralidade, precisão, diversidade, interesse público, objetividade e independência)

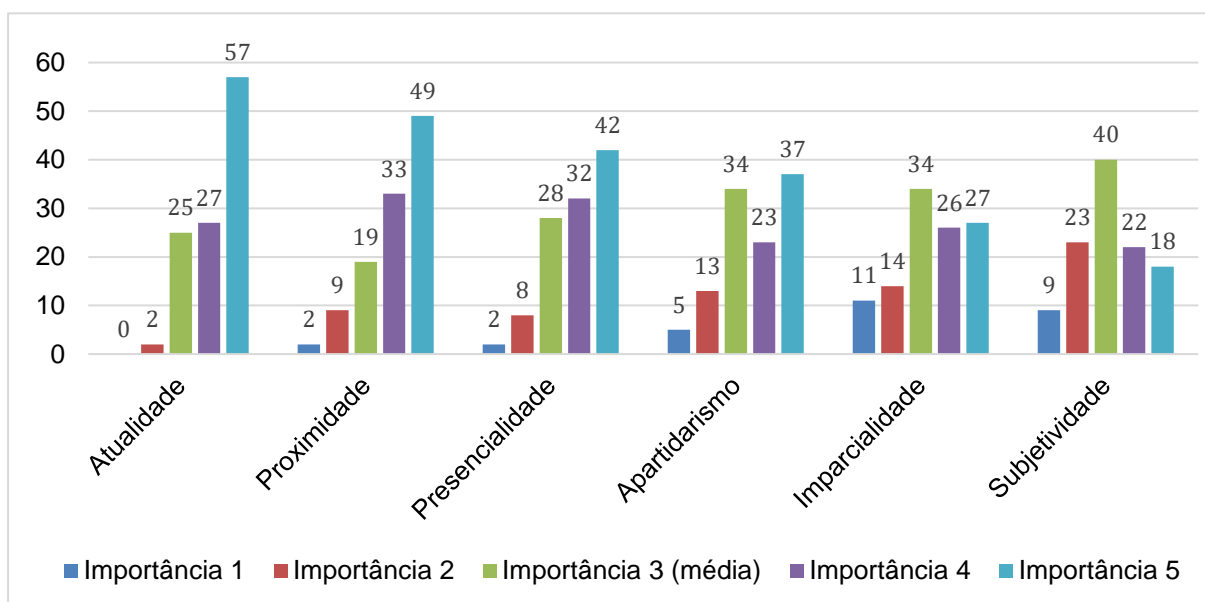


Fonte: elaborado pela autora

No Gráfico 4 vemos que há uma distribuição maior entre as atribuições dadas pelos respondentes, ainda que permaneça evidente a classificação majoritária da importância nível 5, que é a mais alta entre as opções. Embora 79% dos respondentes considerem as dimensões “pluralidade”, “precisão”, “diversidade”, “interesse público”, “objetividade” e “independência” acima da média, aqui eles já passam a distribuir um pouco mais de peso ao nível 4 ao classificá-las, de forma diferente do que vemos na avaliação das dimensões “veracidade”, “ética”, “transparência”, “responsabilidade social” e “verificabilidade”. Ainda assim, podemos perceber a preferência pela importância máxima (valor 5) em todas elas.

Na verdade, essa preferência é percebida em quase todas as dimensões avaliadas em nossa pesquisa. Poucas foram as classificações de importância 1 e 2 conferidas pelos respondentes. As dimensões que causaram maior divergência de opinião são subjetividade, imparcialidade e apartidarismo, como podemos ver no Gráfico 5.

Gráfico 5 – Dimensões (atualidade, proximidade, presencialidade, apartidarismo, imparcialidade e subjetividade)



Fonte: elaborado pela autora

Aqui, nota-se um aumento na classificação de importância 3 e uma redução na atribuição de importância 4 e 5. Isso significa que, embora essas dimensões estejam classificadas com maior nível de importância para os respondentes, elas estão em grau de importância abaixo daquelas primeiras dimensões apresentadas.

Entretanto, a tendência de classificação acima da média permanece, se considerarmos mais uma vez que o nível 3 seria a média e, por isso, os níveis 4 e 5 corresponderiam a valores “acima da média”.

Seguindo esta lógica, chamamos a atenção para a dimensão “subjetividade”, a que mais dividiu opiniões entre todas as 17 avaliadas. Embora 40 dos 112 respondentes tenham definido sua importância como de nível 3 (35.7%), ao considerarmos que esta é a média, podemos afirmar que outros 40 a consideraram com relevância “acima da média” (35.7%) e 32 a teriam considerado com relevância “abaixo da média” (28.5%). Assim, também podemos estabelecer que apartidarismo tem importância média para 34 dos respondentes (30%), abaixo da média para 18 (16%) e acima da média para 60 dos respondentes (53%). Enquanto imparcialidade tem nível de importância média para 34 (30.3%), abaixo da média para 25 (22.3%) e acima da média para 57 dos respondentes (50.8%). Os princípios de imparcialidade e apartidarismo surgem no jornalismo devido ao caráter empresarial adquirido pela imprensa na metade do século XX, também relacionados à adoção da objetividade como técnica jornalística (RANGEL, 2004). Essas dimensões se destacam por estarem intimamente ligadas à redução de pessoalidade, opinião ou posicionamento político-ideológico no jornalismo. Entretanto, ao observarmos a própria divergência de opinião dos participantes em relação a essas dimensões, ou o aumento das iniciativas de jornalismo independente voltadas para segmentos políticos, movimentos sociais e identitários, nos últimos anos²⁸, chegamos a ponderar se as dimensões de subjetividade, parcialidade e partidarismo poderiam contribuir para o jornalismo de qualidade.

Já presencialidade, a dimensão que mais nos interessa nesta pesquisa, foi considerada de importância acima da média para 66% dos participantes (74), de importância média para outros 25% (28) e abaixo da média para 8.9% (10). Entre os que as consideraram acima da média, 42 definiram presencialidade com importância máxima (5). “Atualidade” e “Proximidade” seguiram a tendência das demais, correspondendo a uma classificação acima da média para mais de 72% dos respondentes. A seguir, no Quadro 4, listamos os resultados gerais para cada dimensão:

²⁸ Conforme levantamento da agência de jornalismo investigativo Pública. Disponível em <https://apublica.org/2016/11/o-que-descobrimos-com-o-mapa-do-jornalismo-independente/>. Acesso em 8 out 2021.

Quadro 4 – Conjunto dos resultados das dimensões de qualidade

Dimensão de qualidade	Nível de importância 1 (%)	Nível de importância 2 (%)	Nível de importância 3 (%)	Nível de importância 4 (%)	Nível de importância 5 (%)
Veracidade	0%	0%	4.4%	1.7%	93.7%
Responsabilidade social	0%	0.8%	5.3%	3.5%	90.1%
Ética	0%	0%	5.3%	5.3%	89.2%
Transparência	0%	1.7%	4.4%	8.0%	85.7%
Verificabilidade	0%	0.8%	5.3%	11.6%	82.1%
Pluralidade	0%	3.5%	4.4%	12.5%	79.4%
Diversidade	0%	2.6%	6.2%	13.3%	77.6%
Interesse público	0%	0.8%	8.9%	13.3%	76.7%
Precisão	0%	0.8%	7.1%	22.3%	69.6%
Objetividade	0.8%	1.7%	14.2%	25.8%	57.1%
Independência	0%	4.4%	16.0%	28.5%	50.8%
Atualidade	0%	2.6%	22.3%	24.1%	50.8%
Proximidade	1.7%	8.0%	16.9%	29.4%	43.7%
Presencialidade	1.7%	7.1%	25%	28.5%	37.5%
Apartidarismo	4.4%	11.6%	30.3%	20.5%	33.0%
Imparcialidade	9.8%	12.5%	30.3%	23.2%	24.1%
Subjetividade	8.0%	20.5%	35.7%	19.6%	16.0%

Fonte: elaborado pela autora.

4.2 Resultados gerais sobre a dimensão “presencialidade”

A última questão do nosso *survey* distingue dez fatores relacionados a dimensão presencialidade. São eles: 1) a(o) jornalista ser testemunha ocular dos fatos; 2) a(o) jornalista entrevistar pessoalmente as fontes; 3) a(o) jornalista realizar entrevista no ambiente das fontes; 4) a(o) jornalista ir às ruas em busca de personagens e dados exteriores para as matérias; 5) a(o) jornalista ter contato rotineiro com a cidade; 6) a(o) jornalista estar atento aos gestos, falas, olhares e expressões da fonte e os sentidos que eles produzem; 7) a(o) jornalista entregar-se à experiências e relatos da fonte, sem estar fixo a ideias preestabelecidas; 8) o tratamento da informação ser realizado pela(o) jornalista que apurou as informações nas ruas e/ou diretamente com as fontes; 9) a(o) repórter interagir presencialmente com (a)o editor(a); 10) a(o) jornalista estar no ambiente físico da redação.

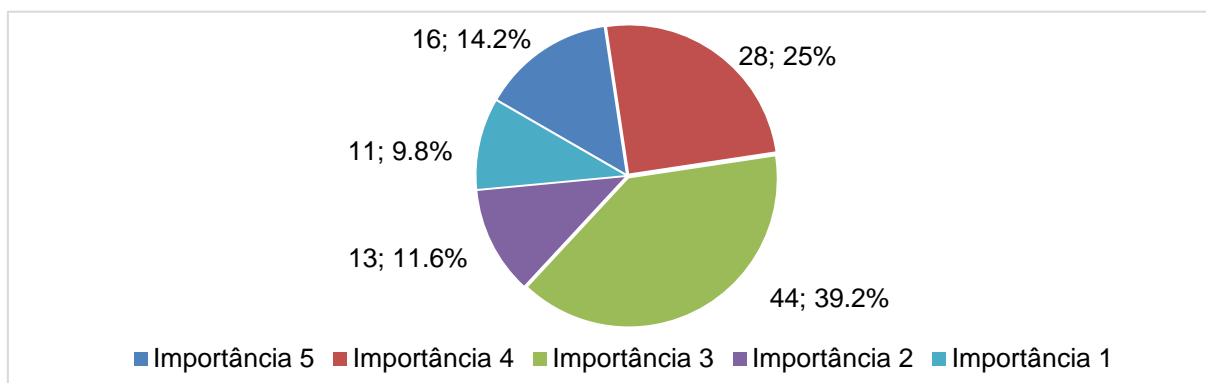
Assim como na questão anterior, ela pede aos respondentes que atribuam valor de importância a esses fatores, tendo em mente a sua contribuição para a qualidade da informação jornalística. O valor 1 seria o mais baixo nível de importância e o valor 5 o mais alto nível de importância, dentre as opções de classificação. A partir dos resultados, tentamos compreender em que medida a redução ou ausência desses fatores podem afetar a qualidade do produto jornalístico, tendo como base as discussões realizadas nos capítulos anteriores.

4.2.1 A(o) jornalista ser testemunha ocular dos fatos

O primeiro item, ‘a(o) jornalista ser testemunha ocular dos fatos’, foi considerado com valor de importância 3 para 44 dos 112 respondentes (39.2%), se consolidando como o item com maior número de avaliação de importância 3 dentre todos os fatores relacionados à presencialidade, que podem de alguma forma contribuir para a qualidade da informação jornalística. Outros 25% o consideraram no meio termo (valor 4) entre a importância média (valor 3) e a máxima (valor 5), sendo essa última representada por 14.2%. Há ainda 22% que apontaram baixa importância – ou seja, atribuíram valor 1 e 2 – ao jornalista ser testemunha ocular dos fatos. Os resultados indicam que, embora tenha uma certa relevância, o jornalista ser testemunha ocular dos fatos não chega a ser um fator decisivo para a qualidade da informação. Afinal, existem outros meios de conhecer e relatar os fatos, sem que o

jornalista os tenha experimentado em primeira mão (PERES, 2021), movimento que nosso grupo de interesse pode estar familiarizado.

Gráfico 6 – A(o) jornalista ser testemunha ocular dos fatos



Fonte: elaborado pela autora

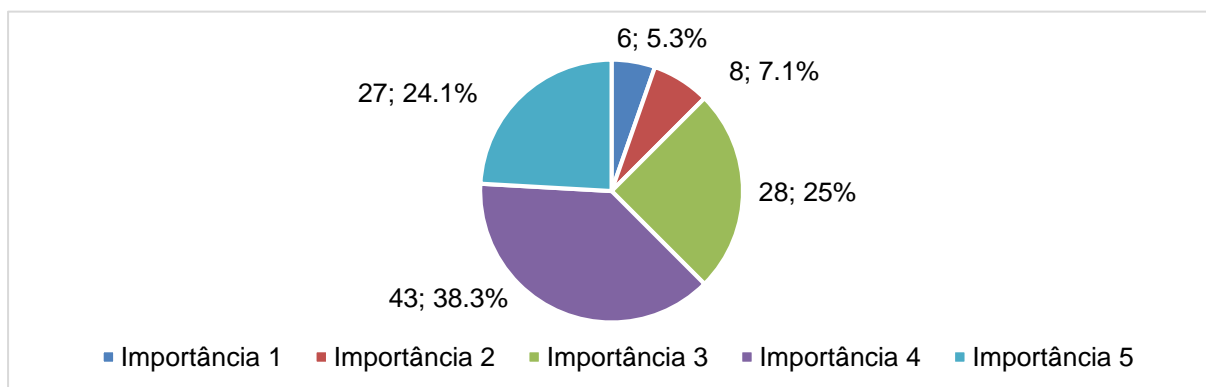
Ao examinarmos a opinião específica do grupo de profissionais jornalistas, docentes e estudantes de jornalismo, percebemos a mesma tendência verificada nos resultados gerais. Quatro (44.4%) dos 9 docentes consideraram de média importância (valor 3) o jornalista ser testemunha ocular dos fatos para a qualidade da produção jornalística, dois apontaram o valor mais baixo de importância (valor 1), e outros dois atribuíram valor 4, restando apenas um respondente que conferiu importância 5. Nenhum dos docentes atribuiu valor 2. Em relação aos 67 profissionais jornalistas, 27 considera de média importância (valor 3) para qualidade da informação o jornalista ser testemunha ocular dos fatos. Esse número corresponde a 40.2% do total de participantes dessa categoria, que também teve uma representatividade significativa daqueles que atribuíram importância acima da média (38.8%). Embora, é importante ressaltar, 17 (25.3%) deles conferiram valor 4 a esse fator e 9 (13.4%) conferiram valor 5, o que também está de acordo com os resultados gerais. Ainda entre a categoria de profissionais jornalistas, temos igualmente sete que apontaram valor 1 e 2. A preferência pelos valores 3 e 4 também se mantém no caso da categoria de estudantes, com respectivamente 13 (36.1%) e 9 (25%) do total de 36 respondentes; tendo ainda seis (16.6%) respondentes que atribuíram valor 5, seis (16.6%) que atribuíram valor 2, e dois (5.5%) que atribuíram valor 1.

4.2.2 A(o) jornalista entrevistar pessoalmente as fontes

'A(o) jornalista entrevistar pessoalmente as fontes' é um fator que já tem maior atribuição (43) de valor 4, se comparado com o anterior, embora uma parcela considerável dos respondentes tenham valorado com nível 3 (28), como podemos ver no Gráfico 7. Se considerarmos o conjunto dos valores 4 e 5 (27), podemos afirmar que 62.5% dos respondentes consideram que o jornalista entrevistar pessoalmente as fontes tem uma importância acima da média para a qualidade da informação jornalística. Há, então, uma valorização maior desse elemento, ressaltando uma tendência para o primeiro grau de importância acima da média (com 38.3% destacando o valor 4). A entrevista é considerada o principal instrumento de coleta de informações para o jornalista. Assim, não surpreende que boa parte dos respondentes tenha conferido importância acima da média para este fator. Avaliamos, contudo, um achado importante, tendo em vista a distinção relacionada à presencialidade.

A princípio, supomos que a inserção da tecnologia nas rotinas do jornalismo teria enfraquecido esse fator presencial, sobretudo para os grupos mais jovens, e diante de um contexto de intensificação da prática do jornalismo sentado (WALTZ, 2015). Porém, ao olharmos para os resultados específicos das categorias, em especial de estudantes, percebemos uma tendência de valorização desse fator semelhante aos resultados gerais: 15 (41.6%) dos 36 estudantes conferiram valor 4 e 10 (27.7%) conferiram valor 5 ao jornalista entrevistar pessoalmente as fontes. Outros 10 (27.7%) atribuíram valor 3, um (2.7%) respondente atribuiu valor 2 e nenhum indicou importância 1. Assim, mesmo entre os iniciantes no jornalismo, a entrevista realizada pessoalmente é considerada de relevância acima da média para a qualidade da informação jornalística, ainda que não seja uma necessidade irrestrita.

Gráfico 7 - A(o) jornalista entrevistar pessoalmente as fontes



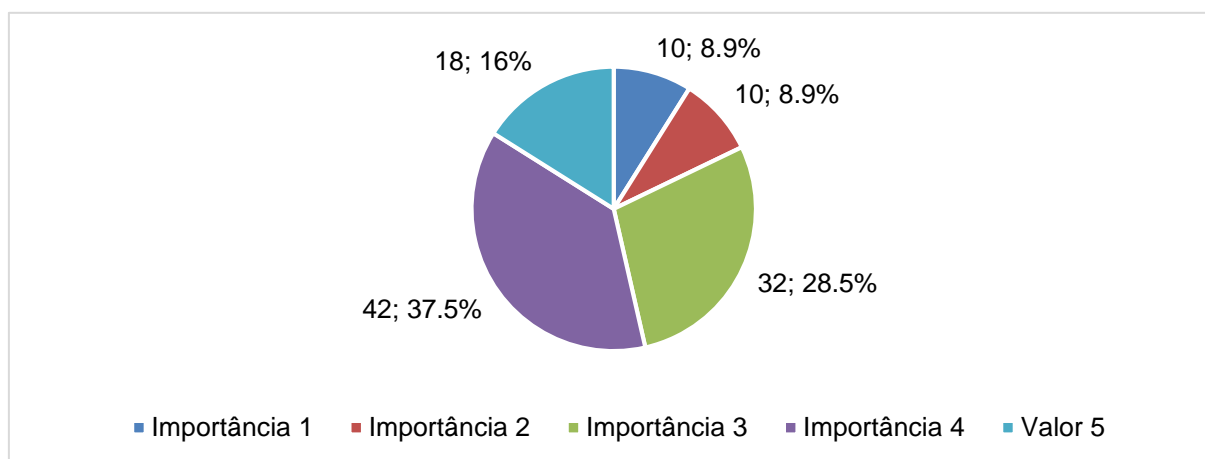
Fonte: elaborado pela autora

Os profissionais jornalistas também seguiram a tendência dos resultados gerais, com 23.8% (16) dos 67 atribuindo valor 5 e 34.2% atribuindo valor 4 de importância para esse fator. Para outros 16 (23.8%) esse fator tem importância média (valor 3). Já os valores 1 e 2 tiveram respectivamente 5 (7.4%) e 7 (10.4%) correspondentes. Em relação aos docentes, o peso maior foi dado ao valor 4, com 44.4% dos 9 respondentes (4). Há ainda dois que conferiram valor 3 ao fator de o jornalista entrevistar pessoalmente as fontes. Os valores 5 e 1 tiveram igualmente um representante. Não há respostas para o valor 2, entre os docentes.

4.2.3 A(o) jornalista realizar entrevista no ambiente das fontes

O item 'A(o) jornalista realizar entrevista no ambiente das fontes' também foi marcado por um grande número de avaliações 3 e 4, como ilustra o Gráfico 8. Respectivamente, esses valores contabilizaram 28.5% e 37.5% das respostas. Dos 112 respondentes, 60 avaliaram o fator de o jornalista realizar entrevista no ambiente das fontes com importância acima da média, enquanto a segunda maior parcela (32) atribuiu média importância a esse item.

Gráfico 8 - A(o) jornalista realizar entrevista no ambiente das fontes



Fonte: elaborado pela autora

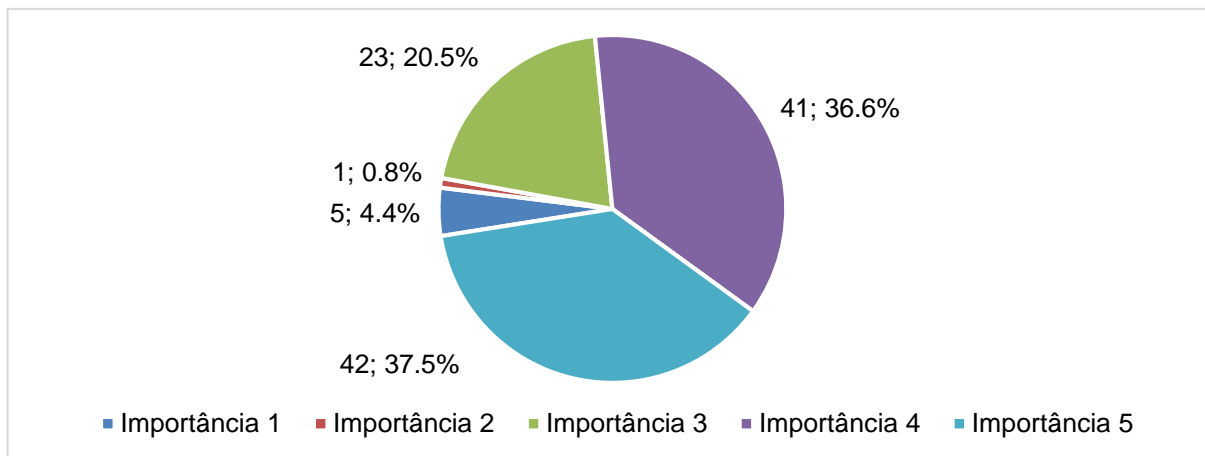
Dentre as categorias base dos nossos respondentes, os estudantes foram os que proporcionalmente atribuíram valor mais alto de importância ao 'jornalista realizar entrevista no ambiente das fontes'. 30.5% dos 36 estudantes conferiram valor 5 (11) e 36.1% conferiram valor 4 a esse fator (13), sobrando 9 que deram importância 3 e três que deram importância 2; o valor 1 não contabilizou respostas. Essa

leve diferença talvez esteja relacionada ao incentivo que esses estudantes recebem, durante a graduação, para atuar “fora da zona de conforto” e encontrar a fonte em seu próprio ambiente. Isto é, praticar o jornalismo de forma a adquirir o que for possível dessa experiência antes de se inserir no mercado de trabalho. Ao verificarmos os resultados da categoria de docentes, percebemos que a maioria (quatro de 9 respondentes) atribuiu valor 4 ao mesmo fator, com dois atribuindo valor 5 e igualmente um respondente atribuindo valor 1, 2 e 3. Assim, percebemos uma relação com os resultados apresentados pelos estudantes, também supondo que os próprios docentes sejam um de seus principais incentivadores no processo de adquirir experiência jornalística. Já entre a categoria de profissionais jornalistas tivemos 32.8% (22) e 37.3% (25) que conferiram, respectivamente, valor 3 e 4 ao fator da entrevista ser realizada no ambiente das fontes. Para esses valores, especificamente, observamos uma semelhança com os dados gerais. Também cinco dos 67 participantes dessa categoria atribuíram valor 5 de importância a esse fator, nove apontaram valor 1 e seis apontaram valor 2. Os jornalistas, então, podem ver uma importância acima da média (44.7%), mas abaixo daquela conferida por estudantes (66.6%) e docentes (66.6%), quando somado o conjunto de resultados dos valores 4 e 5. Esses dados podem evidenciar cenário já apresentado por Waltz (2015) e Júnior (2020), quanto às práticas do jornalismo sentado e da virtualização das atividades jornalísticas, que distanciam os profissionais do contato pessoal com as fontes.

4.2.4 A(o) jornalista ir às ruas em busca de personagens e dados exteriores para as matérias

Esse fator já se mostra mais relevante na opinião dos respondentes, em comparação com os primeiros que analisamos até aqui. Pelo Gráfico 9, observamos um acúmulo maior de respondentes que atribuíram valor 4 e 5 ao ‘jornalista ir às ruas em busca de personagens e dados exteriores para as matérias’. Somados, são 83 (ou 74.1%) dos 112 respondentes, com uma parcela também significativa (20.5%) que conferiu valor 3 (23). Esse resultado apoia algumas das discussões realizadas anteriormente, sobre como a relação dos jornalistas com a rua é necessária para moldar sua percepção sobre a vida cotidiana; e aguçar seu olhar para os diferentes aspectos da cidade e para os perfis que se relacionam com o espaço urbano e entre si (RIO, 2012; MEDINA, 2016; PERES, 2015).

Gráfico 9 – A(o) jornalista ir às ruas em busca de personagens e dados exteriores para as matérias



Fonte: elaborado pela autora

Também em relação a esse fator, os estudantes se destacaram por conferir, em sua maioria, o mais alto número de valorização de importância 5: 18 (50%) dos 36 estudantes afirmam que o jornalista ir às ruas em busca de personagens e dados exteriores para as matérias é um fator de importância máxima para a qualidade da informação jornalística. Entre eles, sete consideram que esse valor é de nível 4 (19,4%) e nove (25%) consideram ter uma importância média (valor 3), restando um respondente que atribuiu valor 2 e outro que atribuiu valor 1. Esse resultado é interessante, tendo em consideração a probabilidade de a maioria destes estudantes estarem iniciando sua experiência no jornalismo de forma remota, dado o contexto de pandemia que se prolonga a quase dois anos.

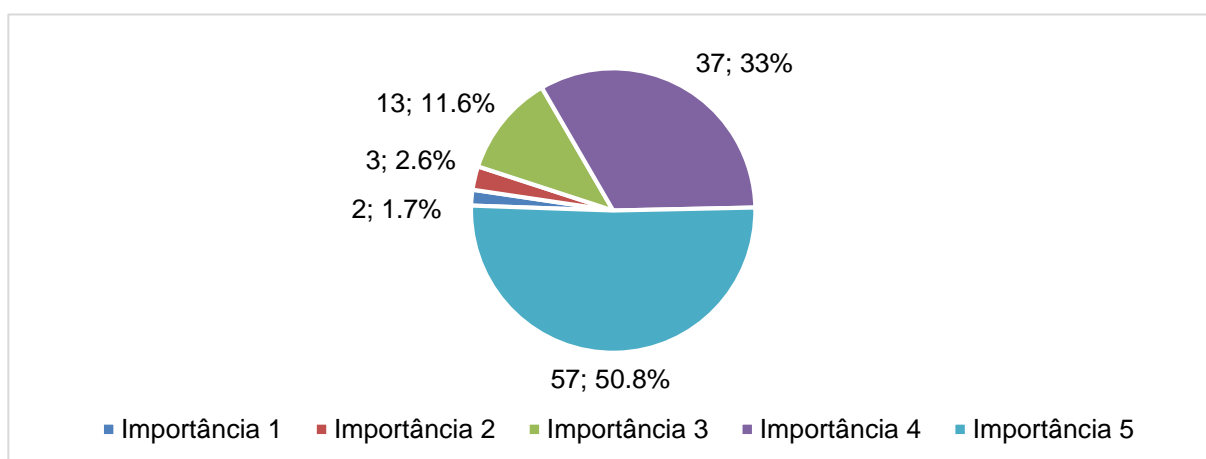
Para os profissionais jornalistas, no entanto, o peso maior foi dado ao valor 4, que teve 46,2% dos 67 respondentes (31). Também 20 (29,8%) dos profissionais atribuíram valor 5 para a contribuição desse fator para a qualidade da informação jornalística. Somando ambos os dados, temos 76,1% que consideram essa contribuição acima da média. Há também 13 que consideram de valor 3 (19,4%) e três que consideram de valor 1 (4,4%). O valor 2 não acumulou respostas entre os profissionais jornalistas. Em relação aos docentes, 77,7% consideram esse fator acima da média, com três atribuindo valor 4 de importância e quatro atribuindo valor 5, sobrando um que conferiu valor 3 e outro que conferiu valor 1. Nenhum dos docentes atribuiu valor 2.

O resultado nesse item atinge valorações superiores às observadas no item 'a(o) jornalista realizar entrevista no ambiente da fonte', apesar da proximidade que há entre eles. Afinal, ir até as ruas em busca de personagens, por vezes, pode ser o mesmo que ir até o ambiente onde as fontes estão. Há, contudo, uma distinção quanto as rotinas de trabalho e produção do jornalismo, que, embora mantenha relevante, restringiu o fator de contato com o espaço fora da redação para a produção de matérias. Assim, ir às ruas em busca de personagens e dados pode ser uma necessidade, mas nem sempre uma decisão consciente do que esse contato com o ambiente das fontes pode agregar ao produto jornalístico.

4.2.5 A(o) jornalista ter contato rotineiro com a cidade

Mais um fator que apoia a relevância dos profissionais jornalistas estarem em contato com a cidade para produzirem melhor o conteúdo jornalístico. A cidade é o palco dos eventos da vida cotidiana, então é lá que o jornalista deve encontrar suas histórias (SALGADO, 2006). Os respondentes parecem perceber essa importância, considerando que 50.8% atribuíram valor máximo (5) para a qualidade da informação ter influência ao 'jornalista ter contato rotineiro com a cidade'. Outra parcela de 33% atribuiu valor 4, somando 83.8% que consideram esse fator acima da média, segundo vemos no Gráfico 10.

Gráfico 10 – A(o) jornalista ter contato rotineiro com a cidade



Fonte: elaborado pela autora

As nossas categorias base de respondentes seguiram a tendência dos resultados gerais. Para 49.2% dos profissionais (33), esse fator tem importância 5, e para 35.8% (24) dos 67 participantes dessa categoria, ele tem importância 4, so-

mando 85% dos profissionais jornalistas que percebem uma relevância acima da média para a qualidade da informação jornalística, 'o jornalista ter contato rotineiro com a cidade'. Seis (8.9%) dos participantes dessa categoria apontaram uma importância 3, e igualmente dois (2.9%) atribuíram valor 2 e 1 a esse fator. Quanto aos docentes, 6 (66.6%) dos 9 respondentes dessa categoria atribuíram valor 5 ao fator de o jornalista ter contato rotineiro com a cidade, dois destacaram média importância (valor 3) e um atribuiu valor 2; nenhum docente indicou importância 4 e 1. Os estudantes também identificam importância máxima desse fator para a qualidade da informação jornalística, com 50% dos 36 respondentes atribuindo valor 5 para esse fator (18). 30.5% também apontaram valor 4, representando um total de 80.5% que consideram de importância acima da média o jornalista ter contato rotineiro com a cidade. Para seis (16.6%) respondentes esse valor corresponde à média (valor 3), e um considera abaixo da média, conferindo valor 2. Não há respostas para o valor 1 entre os estudantes.

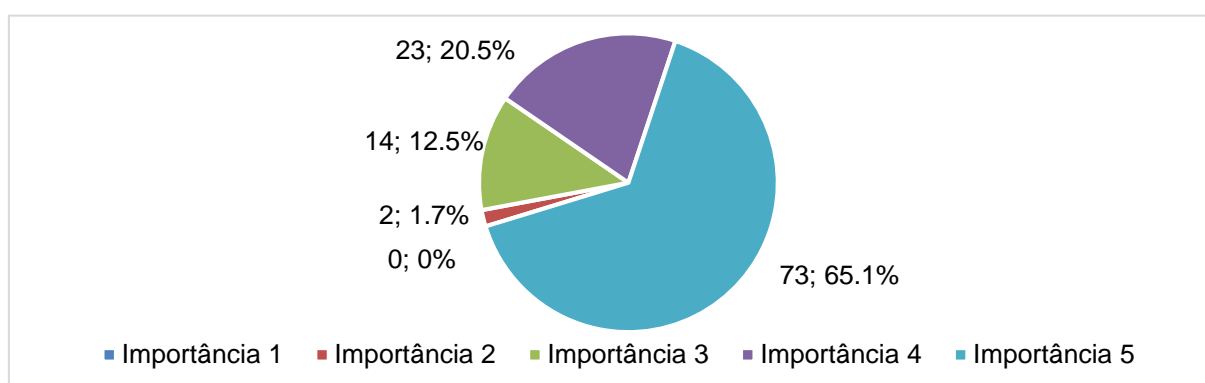
4.2.6 A(o) jornalista estar atento aos gestos, falas, olhares e expressões da fonte e os sentidos que eles produzem

Dentre todos os 10 fatores relacionados à presencialidade que elencamos para avaliação, esse é o que acumula maior número de atribuição de importância 5. Esse valor foi conferido por 65.1% (73) dos 112 participantes, como ilustra o Gráfico 11. Se somarmos este dado com os resultados acumulados pelo valor 4, temos 85.7% dos respondentes que consideram esse fator acima da média de importância. Além disso, o fator de 'o jornalista estar atento aos gestos, falas, olhares e expressões da fonte e aos sentidos que eles produzem' é o único a receber zero respostas para o nível 1 de importância. Esse fator está diretamente relacionado aos cinco sentidos na apuração e na entrevista, mencionados por Medina (2016), e considerados por ela essenciais para o desenvolvimento da sensibilidade de um bom entrevistador e repórter. A máxima avaliação desse fator pode sugerir a influência que a entrevista tem como técnica de apuração jornalística.

Na Universidade Federal do Ceará, onde se concentra parte dos nossos respondentes, a entrevista jornalística é uma disciplina obrigatória, e Cremilda Medina (2008) faz parte da bibliografia básica. Talvez por isso, com o recorte dos resultados entre os estudantes de universidades públicas, percebemos um valor igual-

mente positivo. Entre os 24 participantes deste perfil, 17 (70.8%) avaliaram esse fator com importância nível 5. Somando outros três que indicaram importância 4, há um total de 83.3% que o avaliaram com importância acima da média, restando apenas um que indicou importância 2 e nenhum que indicou importância 1. Voltando a incluir os estudantes das universidades privadas, vemos que uma parcela significativa (25 ou 69.4%) do total de 36 estudantes participantes, atribuíram valor 5 de importância para a qualidade da informação, o jornalista estar atento aos gestos, falas, olhares e expressões da fonte e os sentidos que eles produzem. Dentre eles, quatro atribuíram valor 4, seis atribuíram valor 3 e um atribuiu valor 2 a esse fator; sem resultados para o valor 1.

Gráfico 11 – A(o) jornalista estar atento aos gestos, falas, olhares e expressões da fonte e os sentidos que eles produzem



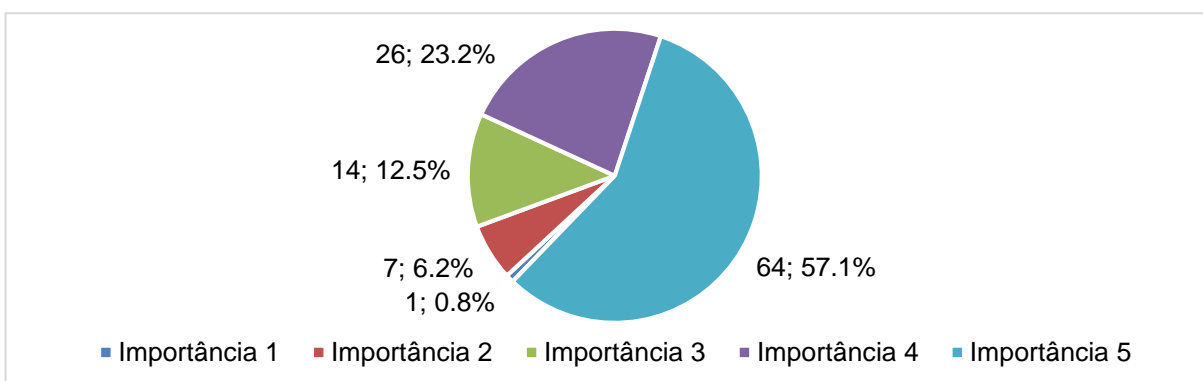
Fonte: elaborado pela autora

Ao olharmos os resultados específicos das demais categorias, vemos que 64.1% (43) dos 67 profissionais jornalistas concordam que esse fator tem importância máxima para a qualidade da informação jornalística, número aproximado dos resultados gerais. Se incluirmos outros 23.8% (16) que atribuíram valor 4, temos um total de 87.9% que o consideram acima da média de importância, restando 7 que atribuíram valor 3 e um que atribuiu valor 1. Não há respostas para o valor 2 entre os profissionais jornalistas. Os docentes também atribuíram peso maior ao valor 5, que tem cinco representantes (55.5%) entre os 9 respondentes dessa categoria; seguido de três que atribuíram valor 4 e um que atribuiu valor 3; sem contabilizar respostas para os valores 2 e 1. Portanto, essa categoria também avalia o fator de 'o jornalista estar atento aos gestos, falas, olhares e expressões da fonte e os sentidos que eles produzem' com importância acima da média para a qualidade da informação jornalística.

4.2.7 A(o) jornalista entregar-se à experiência e relatos da fonte, sem estar fixo a ideias preestabelecidas

O segundo fator a alcançar maior número de atribuição de importância 5, 'a(o) jornalista entregar-se à experiências e relatos da fonte, sem estar fixo a ideias preestabelecidas', está diretamente vinculado à construção do diálogo voltado para a interação social transformadora – conceito sustentado por Medina (2016). Esse fator, como sugere Medina, é rico para a humanização do jornalismo. E nossos respondentes também o observam de forma positiva, com 57.1% (64) atribuindo importância máxima para a qualidade da informação jornalística, o jornalista entregar-se à experiências e relatos da fonte, sem estar fixo a ideias preestabelecidas. Dos 112 participantes, 26 (23.2%) também atribuíram valor 4 a esse fator, totalizando 80.3% que o identificaram como acima da média de importância.

Gráfico 12 – A(o) jornalista entregar-se à experiências e relatos da fonte, sem estar fixo a ideias preestabelecidas



Fonte: elaborado pela autora

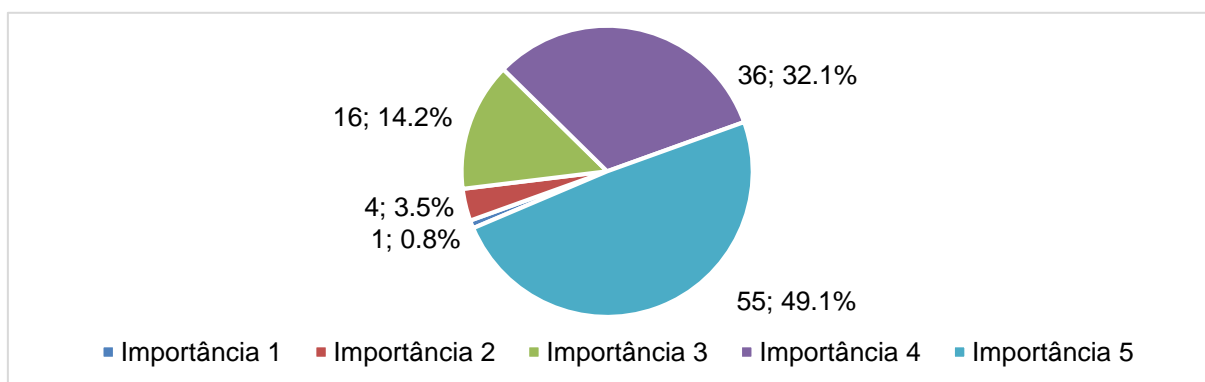
Ele também é considerado de importância máxima para a qualidade da informação, por 55.2% (37) dos 67 profissionais jornalistas participantes da pesquisa. A segunda maior parcela (17 ou 25.3%) desses respondentes atribuiu valor 4; restando respectivamente sete e seis profissionais que conferiram valor 3 e 2 de importância; sem resultados para o valor 1. Os docentes também manifestaram opinião positiva quanto ao fator de o jornalista entregar-se à experiências e relatos da fonte, sem estar fixo a ideias preestabelecidas. Cinco (55.5%) dos 9 respondentes apontaram valor 5 de importância, três atribuíram valor 4 e um atribuiu valor 3; nenhum dos docentes atribuiu valor 1 e 2. Já os estudantes, se destacaram um pouco mais que os docentes e jornalistas, com 61.1% (22) dos 36 participantes dessa categoria que atribuíram valor 5 de importância a esse item; seguido de seis que atribuíram valor

4, seis que atribuíram valor 3, e igualmente um participante que atribuiu valor 1 e valor 2 cada.

4.2.8 O tratamento da informação ser realizado pela(o) jornalista que apurou as informações nas ruas e/ou diretamente com as fontes

O item faz contraponto a prática do jornalismo sentado, ao ressaltar o ato de o próprio jornalista que apurou as informações, fora do ambiente de trabalho, realizar o tratamento do material coletado. Partindo das reflexões que os itens anteriores proporcionaram, podemos supor que o jornalista que esteve em contato direto com a fonte, fora da redação, terá uma apreensão melhor do universo apresentado por ela e/ou descoberto nas ruas (MEDINA, 2016; SALGADO, 2006; WALTZ, 2015). Aqui, também tivemos um grande número de avaliação correspondente à importância 5, que registrou 49.1% das respostas, como ilustra o Gráfico 13. A importância 4 teve 32.1%, consolidando esse item com importância acima da média para 81.2% dos 112 respondentes.

Gráfico 13 – O tratamento da informação ser realizado pela(o) jornalista que apurou as informações nas ruas e/ou diretamente com as fontes



Fonte: elaborado pela autora

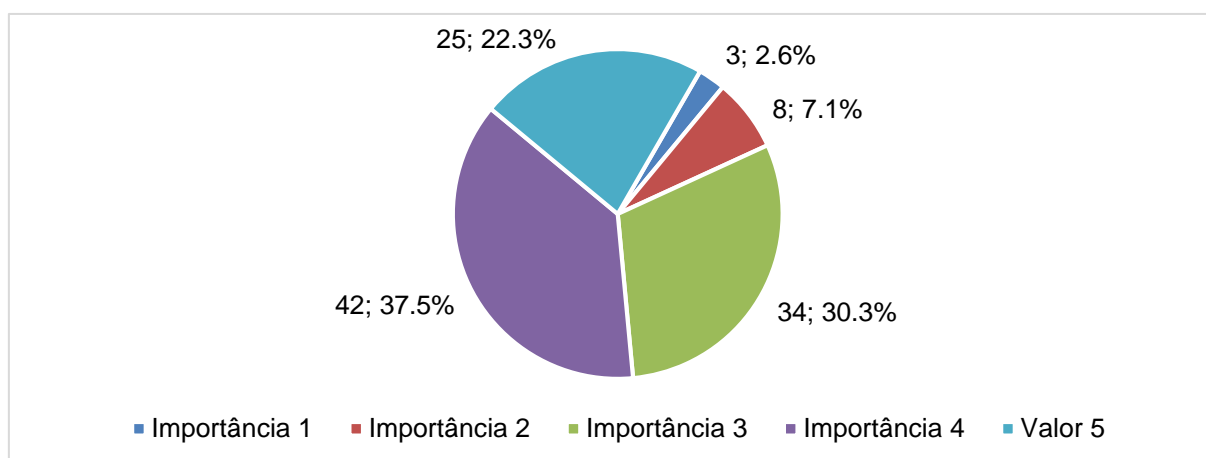
Os resultados das categorias específicas para esse item também se mostraram positivos, especialmente entre o grupo de estudantes. Dos 36 participantes dessa categoria, 20 (55.5%) apontaram relevância 5 para o fator de 'o tratamento da informação ser realizado pela(o) jornalista que apurou as informações nas ruas e/ou diretamente com as fontes'. Há ainda oito que atribuíram valor 4 (22.2%), sete que atribuíram valor 3 (19.4%) e um que atribuiu valor 2 (2.7%); sem respostas para o valor 1 entre os estudantes. Os profissionais jornalistas, embora tenham proporcionalmente acumulado menor número de avaliação 5, se comparado com os estudan-

tes, eles também aumentaram a atribuição de valor 4. Respectivamente, esses valores foram conferidos por 32 (47.7%) e 24 (35.8%) dos respondentes. Além disso, oito profissionais (11.9%) atribuíram valor 3 a esse fator, restando três que atribuíram valor 2 (4.4%). Nenhum dos profissionais jornalistas atribuíram importância ao valor 1. Quanto aos docentes, três (33.3%) dos 9 participantes atribuíram valor 5 de importância para a qualidade da informação jornalística, que o tratamento dos dados seja feito pelo profissional que apurou as informações na rua e/ou diretamente com as fontes. Também quatro apontaram valor 4 (44.4%), restando um que atribuiu valor 3 e outro que atribuiu valor 1 de importância. Nenhum docente atribuiu importância ao valor 2.

4.2.9 A(o) repórter interagir presencialmente com (a)o editor(a)

No passo das transformações das rotinas do jornalismo e diante do contexto de maior consolidação do trabalho remoto, o fator de interação presencial entre o repórter e o editor pode se tornar uma mera formalidade; ou, como indica Margalit (2020), se tornar um elemento que fará falta para a cultura e as relações profissionais do jornalismo. Para os nossos respondentes, contudo, o ‘repórter interagir presencialmente com (a)o editor(a)’ ainda tem sua relevância, mesmo que divida opiniões. A maioria (37.5%) considerou esse fator com importância 4 para qualidade da informação jornalística. Também temos uma parcela significativa (30.3%) que atribuiu valor 3, de média importância, como demonstra o Gráfico 14.

Gráfico 14 – A(o) repórter interagir presencialmente com (a)o editor(a)

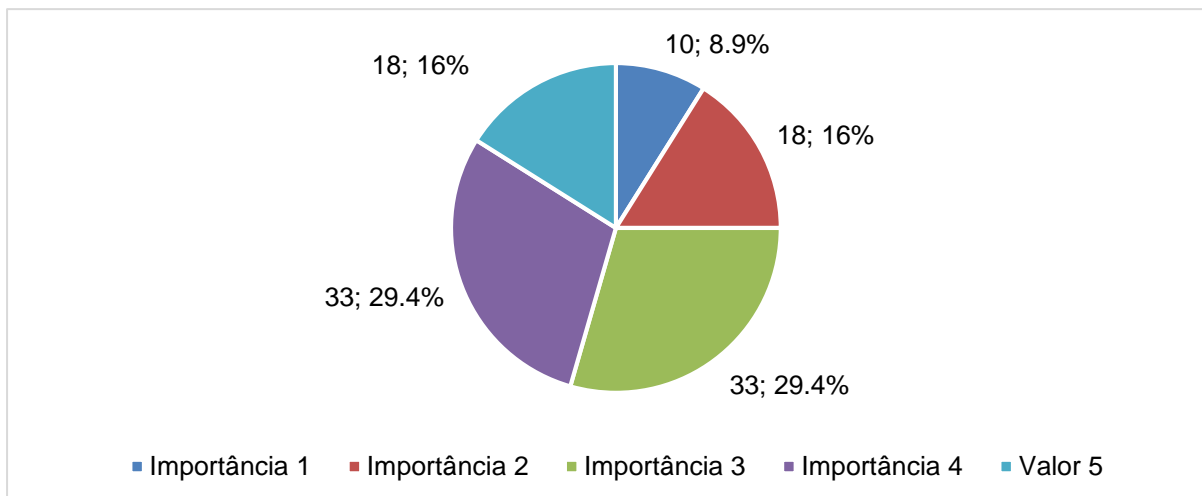


Fonte: elaborado pela autora

Em relação a esse item, estudantes e docentes foram os que mais indicaram importância 5 para a qualidade da informação, o 'repórter interagir presencialmente com (a)o editor(a)'. Três (33.3%) dos 9 docentes apontaram o valor máximo de importância, três (33.3%) conferiram valor 4, dois (22.2%) conferiram valor 3 e um indicou importância 1; sem resultados para o valor 2 entre os docentes. Dentre os 36 estudantes, 27.7% (10) indicaram importância 5, enquanto 33.3% (12) atribuíram valor 4. Também nesse grupo, outros 33.3% (12) atribuíram média importância, com o valor 3; restando um último respondente que conferiu valor 1 a esse fator. Nenhum estudante atribuiu valor 2 de importância para esse item. No caso dos profissionais jornalistas, entretanto, percebemos uma leve diferença. A maioria desse grupo indicou importância 4 para a qualidade da informação, que o repórter realize interação presencial com o editor. Esse é o caso de 40.2% (27) dos 67 respondentes dessa categoria. Em seguida, 29.8% (20) conferiu valor 3 de importância para esse item. A importância máxima, representada pelo valor 5, foi conferida por 12 (17.9%) dos participantes dessa categoria, seguidos por seis que atribuíram valor 2 e um que atribuiu valor 1. Essa diferença, em relação as categorias de docentes e estudantes com as dos profissionais jornalistas, talvez encontre justificativa no fato de os profissionais estarem vivenciando essas mudanças na rotina do jornalismo de forma direta, o que pode ter mudado sua percepção sobre as relações presenciais no trabalho.

4.2.10 A(o) jornalista estar no ambiente físico da redação

O último item, 'a(o) jornalista estar no ambiente físico da redação', é o que apresentou maior divergência de opinião entre os respondentes e um dos itens que teve maior número de avaliação de importância nível 1 e 2. A partir do Gráfico 15, podemos ver que o peso está mais distribuído entre os valores. O valor 3 e 4 se destacam por acumularem igualmente 33 dos 112 respondentes em sua classificação. Ao mesmo tempo, se somarmos os dados referentes aos valores 1 e 2, temos 25% de respondentes que afirmaram que o jornalista estar no ambiente físico da redação tem uma relevância abaixo da média para a qualidade da informação jornalística. Esses dados são interessantes, pois indicam uma tendência para os jornalistas se desvincularem de um certo tipo de cultura profissional que requer o contato não mediado pela tecnologia. Os profissionais, em alternativa, podem entender que é mais necessário para o jornalista que ele esteja em movimento, indo até o local onde as informações estão "à espera" para serem colhidas.

Gráfico 15 – A(o) jornalista estar no ambiente físico da redação

Fonte: elaborado pela autora

Assim, talvez não seja por acaso que apenas seis dos 67 (8.9%) profissionais jornalistas tenham atribuído a esse fator valor 5 de importância para a qualidade da informação jornalística. Também 20 (29.8%) deles indicaram importância 4 e 22 (32.8%) atribuíram valor 3. Com isso, restaram 19 participantes que conferiram valor abaixo da média, sendo 11 que apontaram valor 2 e oito que indicaram valor 1. Os docentes também ressaltaram importância maior para o valor 4, com 44.4% (4) dos 9 respondentes. O valor 5 acumulou apenas uma avaliação, da mesma forma que os valores 1 e 2; restando apenas o valor 3 com dois dos participantes dessa categoria. Os estudantes foram os que mais atribuíram valor 5, contabilizando 11 (30.5%) de 36 respondentes, seguido dos valores 4 e 5 que tiveram igualmente 9 (25%) respondentes cada, enquanto os valores 1 e 2 tiveram respectivamente seis e uma avaliação.

É importante considerar que o próprio contexto de pandemia tenha influenciado a avaliação dos respondentes neste fator. Ainda que o processo de valorização das interações não mediadas seja anterior ao período pandêmico, muitos dos profissionais podem ter experimentado pela primeira vez o trabalho remoto. Nesses casos, se sobressaem as vantagens do sistema. A partir da continuidade do teletrabalho, é que os pontos negativos começam a se fortalecer. Tendência a ser verificada em próximas pesquisas. No Quadro 5 apresentamos os resultados gerais referentes aos fatores de presencialidade:

Quadro 5 – Conjunto dos resultados dos fatores de presencialidade.

Dimensão de qualidade	Nível de importância 1 (%)	Nível de importância 2 (%)	Nível de importância 3 (%)	Nível de importância 4 (%)	Nível de importância 5 (%)
A(o) jornalista estar atento aos gestos, falas, olhares e expressões da fonte e os sentidos que eles produzem	0%	1.7%	12.5%	20.5%	65.1%
A(o) jornalista entregar-se à experiências e relatos da fonte, sem estar fixo a ideias preestabelecidas	0.8%	6.2%	12.5%	23.2%	57.1%
A(o) jornalista ter contato rotineiro com a cidade	1.7%	2.6%	11.6%	33.0%	50.8%
O tratamento da informação ser realizado pela(o) jornalista que apurou as informações nas ruas e/ou diretamente com as fontes	0.8%	3.5%	14.2%	32.1%	49.1%
A(o) jornalista ir às ruas em busca de personagens e dados exteriores para as matérias	4.4%	0.8%	20.5%	36.6%	37.5%
A(o) jornalista entrevistar pessoalmente	5.3%	7.1%	25.0%	38.3%	24.1%

te as fontes					
A(o) repórter interagir presencialmente com (a)o editor(a)	2.6%	7.1%	30.3%	37.5%	22.3%
A(o) jornalista realizar entrevista no ambiente das fontes	8.9%	8.9%	28.5%	37.5%	16.0%
A(o) jornalista estar no ambiente físico da redação	8.9%	16.0%	29.4%	29.4%	16.0%
A(o) jornalista ser testemunha ocular dos fatos	9.8%	11.6%	39.2%	25.0%	14.2%

Fonte: elaborado pela autora.

4.3 Alguns cruzamentos

4.3.1 Tempo de experiência profissional

Outra proposta que despertou nosso interesse, durante a análise dos dados, trata-se da relação entre o tempo de experiência profissional dos respondentes com a sua percepção sobre o valor da presencialidade para a qualidade do jornalismo. Assim, separamos o grupo de respondentes entre aqueles que têm ‘menos de um ano a 3 anos’, ‘4 a 10 anos’ e ‘acima de 11 anos’ de experiência, para termos uma distribuição mais adequada entre aqueles iniciantes no jornalismo e aqueles que já acumulam um tempo maior. Nossa observação se deteve a identificar se há alguma distinção entre as categorias quanto ao valor que atribuem à presencialidade para a qualidade do jornalismo, de forma mais geral.

Inicialmente, cogitamos que os profissionais com maior tempo de experiência iriam avaliar a presencialidade com maior nível de importância. No entanto, ao avaliarmos nossos resultados, constatamos que os participantes que acumulam mais de 11 anos de experiência foram aqueles que menos atribuíram importância 5

para a dimensão presencialidade na qualidade do jornalismo. Nesse caso, apenas dois (10.5%) dos 19 correspondentes dessa categoria atribuíram valor 5 à essa dimensão. Mesmo ao adicionarmos as atribuições dadas a importância de nível 4 (com oito respondentes ou 42.1% dos 19 representantes), essa categoria continua atrás das demais, com 52.6% avaliando a presencialidade com relevância acima da média. Enquanto para as categorias de '4 a 10 anos' e 'menos de um a 3 anos' de experiência, esse valor é respectivamente 60% (21 de 35 respondentes) e 72% (31 de 43 respondentes). Ainda entre o grupo de participantes com experiência acima de 11 anos, há 36.8% (7) que consideram a presencialidade de média importância, com atribuição de valor 3; e dois (10.5%) que atribuíram valor 2. Nenhum dos respondentes desse grupo indicou importância 1.

Já os outros grupos, tiveram uma aproximação maior quanto a porcentagem dos respondentes que atribuiu valor 5 para a presencialidade. Foram 17 (39.5%) dos 43 participantes com 'menos de um a 3 anos de experiência' e 15 dos 35 (42.8%) com '4 a 10 anos' de experiência, que atribuíram esse valor. Assim, a grande diferença entre eles se dá na atribuição de valor 4. Nesse caso, os profissionais com menos de um a 3 anos de experiência foram os que mais indicaram esse nível de importância, com 32.5% (14) dos seus 43 representantes; restando 18.6% (8) que conferiram valor 3, 9.3% (4) que conferiram valor 2. Nenhum dos respondentes desse grupo indicou importância 1. Enquanto o grupo com '4 a 10 anos' de experiência teve 17.1% (6) dos seus 35 representantes que atribuíram valor 4; 34.2% (12) que indicaram importância média, com valor 3, sobrando 5.7% (2) que atribuíram valor 1. Nenhum dos respondentes desse grupo indicou importância 2.

Nota-se, então, que os profissionais com menor tempo de experiência são aqueles que mais valorizaram positivamente a presencialidade para a qualidade do jornalismo. Considerando os tempos de pandemia e o pouco tempo de experiência desses participantes, é possível supor que toda ou boa parte da experiência que eles tiveram com o jornalismo se deu em situação de pouca ou nenhuma presencialidade. Assim, essas restrições podem ter tido um peso maior na sua percepção da prática jornalística, se comparado com aqueles profissionais que tiveram mais experiência com as rotinas fora de situações extremas, como a provocada pela pandemia.

4.3.2 Função no trabalho

Nossa última proposta, considerando o tempo disponível para a consolidação deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), é relacionar alguns dos fatores de presencialidade com funções exercidas pelos respondentes em seu trabalho. A depender do tipo de atividade, entendemos que elas irão exigir mais ou menos desses fatores. E, por isso, espera-se que os representantes de cada função os valorizem de forma distinta. Aqui, trabalharemos com seis funções com papel mais direto na rotina de produção da informação: assessores de comunicação e assessores de imprensa, que são participantes ativos nessa cadeia de produção informativa das empresas jornalísticas; gestores, produtores e editores pelo seu papel de gerenciamento e atribuição de funções, monitoramento e planejamento das atividades da redação; e os repórteres pelo seu contato direto com as fontes e no tratamento de conteúdos informativos. Além disso, tentamos aproximar aquelas funções que tivessem um envolvimento maior com os fatores de presencialidade abordados em nosso *survey*.

Nossa primeira preocupação foi examinar como editores e repórteres avaliam os fatores 'a(o) jornalista ser testemunha ocular dos fatos'; 'a(o) jornalista ter contato rotineiro com a cidade'; 'a(o) repórter interagir presencialmente com o editor' e 'o tratamento da informação ser realizado pela(o) jornalista que apurou as informações nas ruas e/ou diretamente com as fontes'. O primeiro, porque exige do repórter a espontaneidade de estar no lugar e na hora certa em que os eventos acontecem, e ao editor por seu papel de direcionar os repórteres para cumprir pautas, o que pode gerar essa oportunidade de testemunhar os fatos. O segundo, por não estar restrito a uma demanda funcional, mas cooperar para a fruição do jornalista (seja ele repórter ou editor), levando-o a pensar novas pautas e direcionamentos para matérias futuras ou em andamento. O terceiro, por tratar dos dois agentes de forma explícita. O jornalista interagir presencialmente com o editor pode ser importante para clareza nas atribuições, para desenvolver uma relação de confiança e cooperação no trabalho, para compartilhamento de saber, entre outros. E o quarto, por tratar-se de uma atribuição de atividade dada pelo editor ao repórter, que pode ou não ser indicado para o tratamento da informação coletada. Isso, é claro, a depender das circunstâncias e natureza da informação. Algumas exigem curto tempo para divulgação, outras são realizadas com tempo mais adequado etc.

Conforme observamos, ser testemunha ocular dos fatos é fator valorizado positivamente para os dois grupos. Para ambos os casos, vemos se destacar o valor de importância média (nível 3): 42,1% (8) dos 19 editores e 39,1% (9) dos 23 repórteres atribuíram esse valor. A maior diferença, portanto, está no número de atribuições de importância 4 e 5 conferidas pelos editores e repórteres. O primeiro grupo foi o que proporcionalmente indicou mais o nível 4, com 36,8% dos 19 participantes da categoria. Somando com outros 15,8% que indicou nível 5, temos 52,6% que consideram o fator como acima da média. Há ainda um (5,3%) que atribuiu valor 2, e nenhum atribuiu valor 1. Os repórteres, por outro lado, atribuíram valor equiparado de 21,7% (5) para os níveis 4 e 5, cada; ou seja, 43,4% consideram o fator como acima da média de importância; restando 8,7% que apontou valor 1 e 8,7% que apontou valor 2. Desse modo, percebemos que há uma divergência maior de opinião entre os repórteres quanto à importância do testemunho ocular para a qualidade da informação jornalística, enquanto entre os editores há um maior consenso, além de considerarem em maior porcentagem que esse fator seja acima da média para a qualidade da informação.

A proporção de repórteres e editores que valoram positivamente 'a(o) jornalista ter contato rotineiro com a cidade' é semelhante. Respectivamente 52,6% (10) dos 19 editores e 52,2% (12) dos 23 repórteres indicaram a importância máxima (nível 5) para a qualidade da informação jornalística; e também de forma respectiva, 31,6% (6) e 34,8% (8) atribuíram valor 4. Assim, mais 84,2% dos editores e 87% dos repórteres consideraram esse valor acima da média. As diferenças, por outro lado, foram pontuais e pouco significativas, com dois (10,5%) participantes da categoria de editores que indicou valor 3 e um (5,3%) que indicou valor 2. No caso dos repórteres, restou um repórter que indicou valor 1, um que indicou valor 2 e outro que indicou valor 3 de importância.

A interação presencial entre repórter e o editor também foi considerada de forma positiva. Proporcionalmente 69,5% dos editores e repórteres indicaram importância acima da média para esse fator. Contudo, os repórteres foram os que mais avaliaram com o nível 5 de relevância, com 30,4% ou sete dos 23 participantes do grupo. A importância 4 foi conferida por 39,1% (9), seguida de 26,1% (6) que indicou valor 3 e 4,3% (1) que indicou valor 2; sem resultados para o valor 1. Já os editores indicaram importância máxima com 21,1% (4) dos 19 respondentes da categoria. A

maioria atribuiu importância 4, correspondendo a 47,4% (9) dos editores. Outros quatro (21,1%) indicaram importância 3 e dois (10,5%) indicaram valor 2; sem resultados para o valor 1. Portanto, podemos considerar que os repórteres percebem uma importância mais significativa da interação presencial com o editor para a qualidade do jornalismo.

O item 'o tratamento da informação ser realizado pela(o) jornalista que apurou as informações nas ruas e/ou diretamente com as fontes' foi o de maior destaque para os repórteres. Dos 23 participantes desse grupo, 65,2% (16) atribuíram importância máxima para a qualidade da informação, e igualmente 17,4% (4) atribuíram valor 3 e 4. Nenhum dos participantes indicou valores abaixo da média. Ou seja, se considerarmos a soma dos dados de nível 4 e 5, temos um total de 82,6% que atribuíram valor acima da média para a qualidade da informação jornalística, que o jornalista que apurou as informações realize o tratamento do material coletado. Os editores também avaliaram esse fator de forma positiva, embora em menor grau de importância se comparado ao grupo de repórteres. Nesse caso, nove (47,4%) dos 19 editores atribuíram importância 5 a esse fator, seis (31,6) atribuíram valor 4, e igualmente dois editores indicaram importância 2 e 3; sem resultados para o valor 1. A partir desses resultados, podemos supor que os repórteres podem ter um senso maior de responsabilidade com as fontes e o material coletado; ou prezam pela autoria no processo de criação, como elabora Medina (2016).

Em relação aos itens 'a(o) jornalista estar atento aos gestos, falas, olhares e expressões da fonte e os sentidos que eles produzem' e 'a(o) jornalista entregar-se à experiência e relatos da fonte, sem estar fixo a ideias preestabelecidas e juízo de valores', consideramos o cruzamento do grupo de assessores de imprensa e o grupo de repórteres. Essa decisão tem como base o fato de ambos os grupos atuarem diretamente com as fontes ou personagens envolvidos no produto informativo. O assessor de imprensa, com a prioridade de defender os interesses do seu assessorado; e o jornalista, com o propósito de obter as informações mais importantes. Por isso, no processo de alcançar o universo desses personagens, tanto repórteres quanto assessores devem estar dispostos a ouvir com entrega e atenção (MEDINA, 2008; 2016).

No caso do item 'a(o) jornalista estar atento aos gestos, falas, olhares e expressões da fonte e os sentidos que eles produzem', os assessores de imprensa se destacam por ter 66,7% dos 12 participantes do grupo que avaliam esse fator com importância máxima para a qualidade da informação jornalística. Há ainda 25% (3) que indicou importância 3 e um assessor que indicou importância 2; sem resultados para os valores 1 e 4. Os repórteres também avaliaram de forma positiva esse fator para a qualidade da informação jornalística, com 56,5% dos 19 participantes do grupo atribuindo valor 5. Os repórteres também dão peso aos valores 4 e 3, com respectivamente 13% (3) e 30,4% (7) do total de participantes repórteres. O grupo não atribuiu importância aos valores 1 e 2

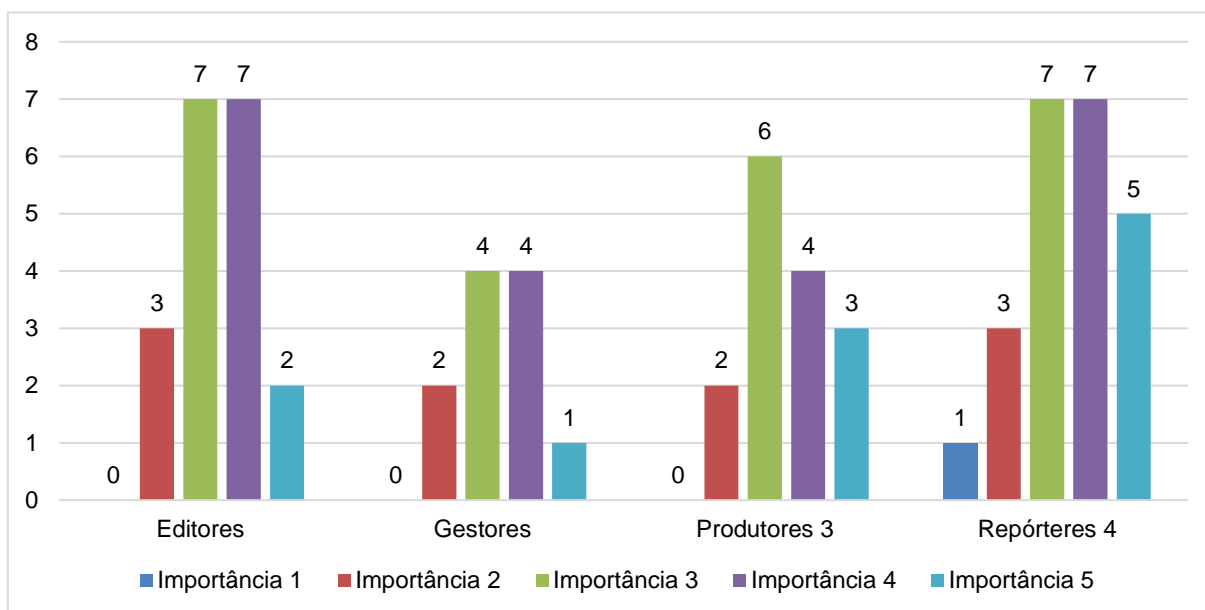
Quanto 'a(o) jornalista entregar-se à experiência e relatos da fonte, sem estar fixo a ideias preestabelecidas e juízo de valores', mais uma vez os assessores de imprensa se destacam: 58.3% dos 13 respondentes desse grupo o indicaram com a importância máxima para a qualidade da informação jornalística, incluindo outros 25% (3) que indicaram valor 4, um respondente que apontou valor 3 e outro que apontou valor 2. Nenhum respondente desse grupo indicou importância 1.

Ainda entre os fatores, destacamos o item 'a(o) jornalista estar no ambiente da redação' como aquele diretamente relacionado ao ambiente de uma empresa jornalística. Desse modo, consideramos avaliar como os profissionais que atuam nesse ambiente valoram esse fator, em relação a qualidade da informação jornalística. Especialmente porque gestores, produtores e editores costumam trabalhar mais "em escritório" do que os repórteres, que são enviados às ruas para realizar atividades em campo. Nosso primeiro achado revela um nível de importância equilibrado entre o valor 3 e o 4 para todos os grupos, com exceção dos produtores, que indicaram uma maior importância para o nível 3, considerada como a média de relevância. O Gráfico 16 ilustra a classificação.

Nota-se pelo Gráfico 16 que os repórteres atribuem valor mais alto ao item 'a(o) jornalista estar no ambiente da redação', com 25% dos 23 participantes da categoria. Enquanto 40% dos produtores indicaram importância média para a qualidade da informação jornalística. O ambiente da redação deve ter uma importância maior para os repórteres pela oportunidade de interagir com os colegas e compartilhar saberes e experiências, um dos valores considerados mais relevantes na cultura

profissional (NICOLETTI, 2019; SENNET, 2009; 2015). Também diante do contexto de pandemia, devemos considerar o que sugere Margalit (2020), de que o trabalho remoto ainda precisa avançar para dar conta daquilo que se perde na relação. E os repórteres que participaram da nossa pesquisa talvez percebam isso.

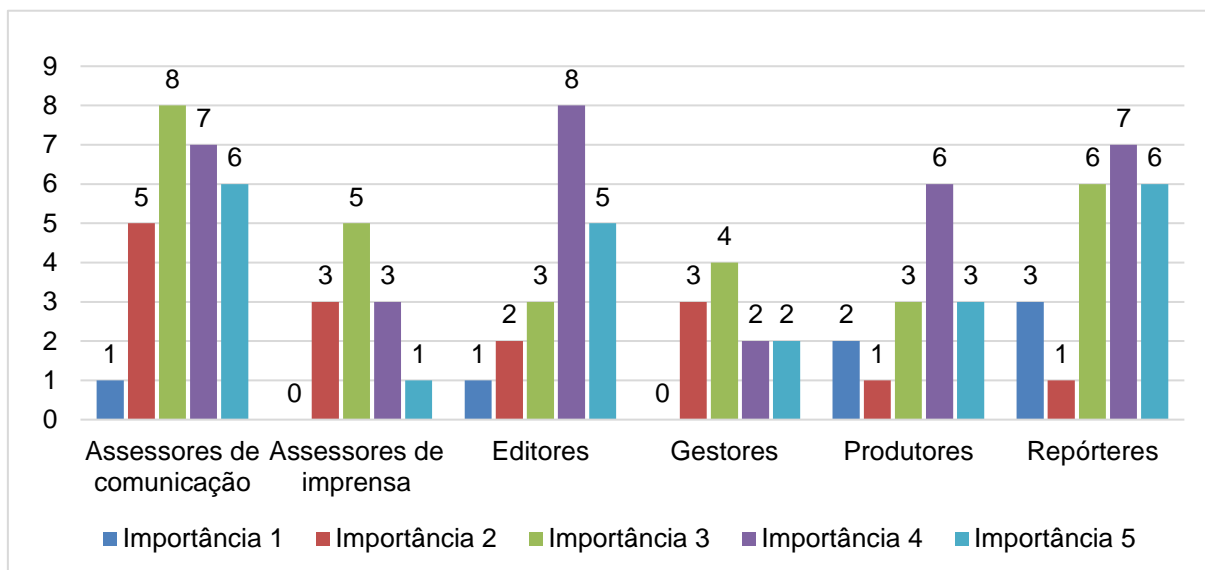
Gráfico 16 – Cruzamento entre funções. A(o) jornalista estar no ambiente da redação.



Fonte: elaborado pela autora

Já os últimos três itens, ‘a(o) jornalista entrevistar pessoalmente as fontes’, ‘a(o) jornalista realizar entrevista no ambiente das fontes’ e ‘a(o) jornalista ir às ruas em busca de personagens e dados exteriores para as matérias’, foram examinados a partir dos seguintes grupos de respondentes: assessores de comunicação, assessores de imprensa, editores, gestores, produtores e repórteres. Essa decisão leva em conta que a disposição para ir até esses lugares e encontrar pessoalmente as fontes, depende muito da própria percepção dos agentes que atuam diretamente na produção de informação, ou dependem da permissão ou orientação daqueles que estão em posição de liderança. Por isso, pensamos ser interessante avaliar como esses grupos classificam esses fatores para a qualidade da informação jornalística.

Gráfico 17 – Cruzamento entre funções. A(o) jornalista entrevistar pessoalmente as fontes.



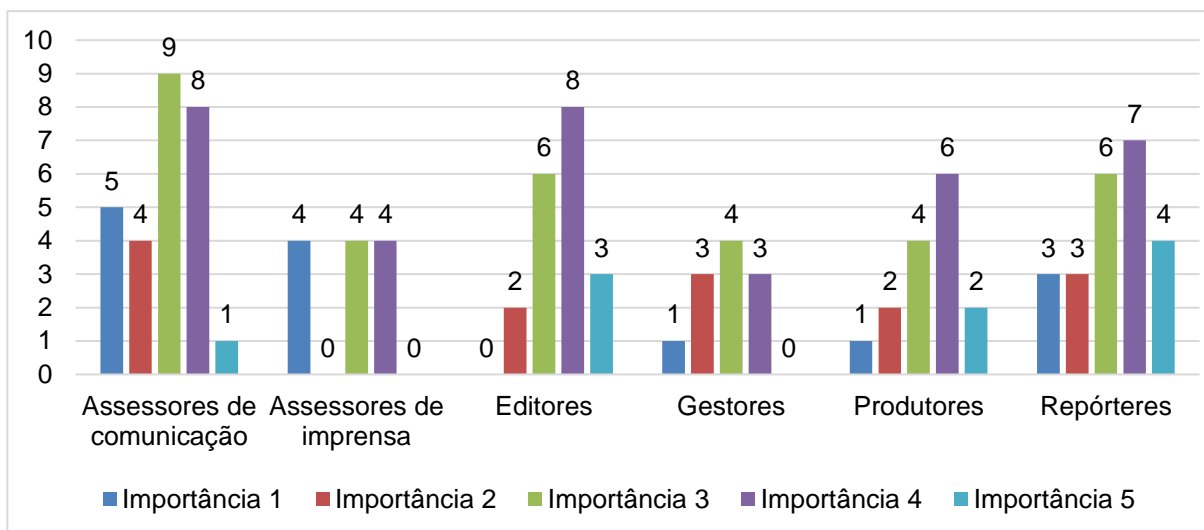
Fonte: elaborado pela autora

A partir do Gráfico 17, vemos que editores, produtores e repórteres foram os que deram melhor avaliação para o fator de o jornalista entrevistar pessoalmente as fontes. Os editores indicaram principalmente o valor 4, com 42,1% dos 19 representantes do grupo; seguido de 26,3% que atribuiu valor 5. Os produtores também atribuíram mais importância ao valor 4, correspondendo a 37,5% dos 15 participantes do grupo. Eles também indicaram número igual de importância para o valor 3 e 5, com 18,75% do total de produtores. Os repórteres, por outro lado, apresentaram um pouco mais de divergência, ainda que sua avaliação tenha sido positiva: 26% indicaram importância 5, 30,4% indicaram importância 4 e 26% indicaram importância 3. Os gestores, por outro lado, apontaram maior relevância ao nível 3, com 36,3% dos respondentes desse grupo. E ainda 27,7% atribuíram importância 2. Essa tendência de classificação na média e abaixo da média pode encontrar justificativa no fato de os gestores estarem mais próximos dos interesses empresariais, o que pode afetar a percepção da importância da entrevista pessoal para a qualidade da informação jornalística. Sobretudo, por serem responsáveis por atividades como manutenção de despesas e gerenciamento financeiro. Enquanto os editores, produtores e repórteres estão menos envolvidos nessas decisões mercadológicas, ainda que haja certa submissão a esses preceitos.

Os assessores de comunicação também tiveram opinião divergente. A maioria dos respondentes do grupo indicaram importância 3 (29.6%) ao fator de o jornalista entrevistar pessoalmente as fontes; enquanto 22.2% atribuíram importância 5, 25.9% atribuíram importância 4 e 18.5% atribuíram importância 3. Já os assessores de imprensa, também indicaram maior importância para o nível 3, correspondendo a 41.6% dos 12 respondentes do grupo; restando 25% que indicaram importância abaixo da média, com valor 2; e 4 que indicaram importância acima da média, com três atribuindo valor 4 e um atribuindo valor 1. Considerando a natureza da atuação dos assessores, podemos supor que essa importância média se dá pelo fato de que em entrevistas a distância, os assessores podem ter maior controle sobre as informações repassadas para os jornalistas, o que favorece a preservação da imagem de seus assessorados.

O item 'a(o) jornalista realizar entrevista no ambiente das fontes' foi bem avaliado por editores, repórteres, produtores e assessores de comunicação – embora este último tenha apresentado mais divergência de opinião entre seus respondentes. Esse fator também apresenta mais avaliações negativas, se comparado com o item anterior. No caso do grupo de assessores de comunicação, temos 33,3% que consideram o jornalista realizar entrevista no ambiente das fontes com importância abaixo da média para a qualidade da informação. Isso, é claro, somando os resultados dos itens 1 e 2. Ao mesmo tempo, notamos que 33,3% consideram a média de importância e outros 33,3% consideram acima da média – o que revela o baixo consenso entre esse grupo. Vale ressaltar, no entanto, que o peso maior permanece entre a importância 3 e 4, o que evidencia a tendência para a classificação positiva desse fator em sua contribuição para a qualidade da informação jornalística. Essa mesma tendência é percebida entre os assessores de imprensa, que distribuíram importância igual (33,3% dos respondentes) para os valores 1, 3 e 4, conforme ilustra o gráfico 18.

Gráfico 18 - Cruzamento entre funções. A(o) jornalista realizar entrevista no ambiente das fontes.



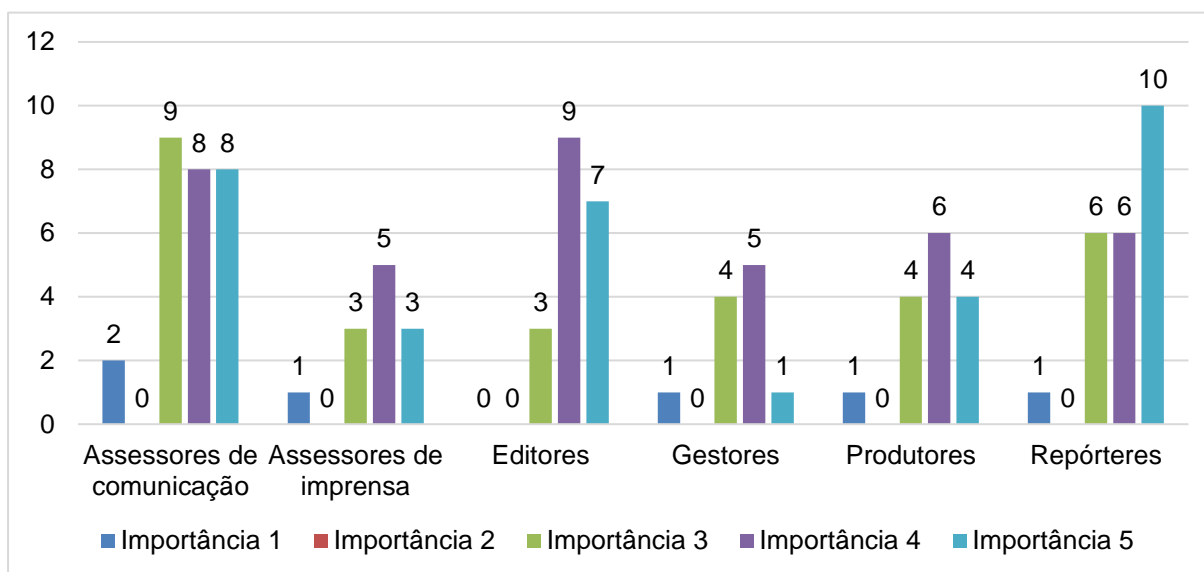
Fonte: elaborado pela autora

Os editores se destacam com 42.1% que atribuíram importância 4 a esse fator, incluindo outros 31.5% que indicaram importância 3. Enquanto 40% dos produtores indicaram importância 4 e 26% atribuíram importância 3 para o jornalista realizar entrevista no ambiente das fontes. Os gestores também apresentaram opiniões divergentes, com a maioria (36.3%) valorizando a importância 3 e igualmente 27.2% atribuindo importância 2 e 4. Já a maioria (30.4%) dos repórteres indicou relevância de nível 4, seguida de 26% que atribuíram valor 3 e 17.3% que indicaram importância 5. Assim, mais uma vez os gestores se distanciam dos resultados apresentados pelos demais, o que reforça a hipótese de que essa percepção se dá pela aproximação com a lógica mercadológica da empresa.

Por fim, como demonstra o Gráfico 19, o item 'a(o) jornalista ir às ruas em busca de personagens e dados exteriores para as matérias' foi o melhor avaliado entre os grupos que destacamos, especialmente entre os repórteres. As atribuições dadas ao valor 1 foram pouco significativas, e o valor 2 não contabilizou respostas entre os grupos. Além disso, apenas os assessores de comunicação deram maior importância ao valor 3, com 33.3% dos representantes do grupo. E mesmo assim, foi percebida divergência de opinião, com outros 29.6% que atribuíram valor 4 e também 29.6% que apontaram importância 5. Assim, temos uma média de 59,2% que consideraram acima da média. Já 43.4% dos repórteres consideraram importância máxima para a qualidade da informação, que o jornalista vá as ruas em busca de

personagens e dados exteriores para as matérias. E ainda 26% do grupo indicou importância média e outros 26% indicaram importância 4. Considerando a própria natureza da função de um repórter, que atua em coberturas diversas, esse resultado era esperado.

Gráfico 19 – Cruzamento entre funções. A(o) jornalista ir às ruas em busca de personagens e dados exteriores para as matérias.



Fonte: elaborado pela autora

Quanto aos demais grupos, de assessores de imprensa, editores, gestores e produtores, todos indicaram maior importância de nível 4. Uma parcela significativa dos editores, contudo, atribuiu valor 5 a esse fator, com 36.8% de representantes do grupo. O valor 4 foi atribuído por 47.3%, restando apenas 15.7% que indicou importância 3. Em relação aos produtores, 40% indicaram 4 e 26.6% indicaram valor 5, consolidando 66.6% que atribuíram importância acima da média, enquanto outros 26.6% atribuíram valor médio, de importância 3. Também com valor aproximado, os assessores de imprensa indicaram importância 4, com 41.6% dos respondentes do grupo; tendo ainda 25% que destacaram importância 5 e 25% que apontaram importância 3. No caso dos gestores, 45.4% atribuíram valor 4 e 36.3% atribuíram valor 5 de importância para a qualidade da informação, 'a(o) jornalista ir às ruas em busca de personagens e dados exteriores para as matérias'. Com isso, percebemos que eles percebem um valor maior, embora ainda coloquem peso sobre a importância média, sendo o grupo que menor indicou importância 5 em relação a esse fator.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da presencialidade como dimensão da qualidade do jornalismo é oportuna e essencial para avaliar os impactos provocados pela pandemia da Covid-19 sobre a instituição jornalística – ou, mais especificamente, sobre a produção jornalística. Afinal, um jornalismo produzido com excelência pode dar subsídio à sociedade para lidar com situações extremas como essa incitada pela doença, ao organizar o caos informativo e servir de ponte entre os diversos grupos sociais e os principais agentes que atuam em combate à crise. Assim, considerando que o primeiro impacto sobre as rotinas do jornalismo foi a restrição da presencialidade, esse estudo se propôs a observar como essa redução da presença pode afetar a qualidade da informação.

Por meio do nosso referencial teórico, identificamos que a presencialidade atravessa diversos momentos da produção jornalística, seja de forma concreta, ao simples estar ou não de corpo presente no ambiente da redação ou no local dos eventos e em contato com as fontes; seja de forma simbólica, por meio da entrega na interação dialógica, da atenção dedicada, ou da construção da presença por meio da narrativa. Esses fatores, portanto, posicionam a presencialidade de uma forma que, mesmo diante da restrição do elemento físico, é possível encontrá-la. Dessa forma, a redução da mobilidade por si só não seria um elemento de completa desvalorização da qualidade da informação jornalística, visto que há outras formas de construir essa presencialidade. Embora, da perspectiva da responsabilidade social, outras questões devam ser levadas em consideração. Sem a mobilidade, ou o elemento físico da presencialidade, e dependendo ainda mais dos recursos tecnológicos, como o jornalismo iria alcançar as classes sociais que ainda não possuem acesso a essas tecnologias de mediação? Há ainda preocupações sobre o “estar presente” quando se trata da cobertura. Ou seja, sobre o que se fala, sobre quem se fala e para quem se fala.

O nosso instrumento de coleta de dados, que se constituiu de um *survey*, foi útil para construir o perfil dos nossos respondentes. Ele também possibilitou uma primeira avaliação sobre quais dimensões são consideradas mais relevantes para a qualidade do jornalismo; e quais fatores são mais relevantes para a dimensão da presencialidade, em relação a qualidade da informação jornalística. Recapitulando

alguns dos nossos achados: A maioria dos nossos respondentes são profissionais jornalistas, em atuação no mercado, sobretudo em empresas de comunicação/jornalismo. Eles também correspondem a uma maioria que acumula até 10 anos de experiência profissional e está concentrada na faixa etária de 20 a 29 anos. Além disso, as principais funções exercidas pelos participantes da pesquisa são: assessor(a) de comunicação, repórter e social media. A partir dos dados coletados, constatamos que 66% dos 112 participantes consideram a dimensão presencialidade com importância acima da média para a qualidade do jornalismo.

Ao examinarmos a importância da dimensão presencialidade para a qualidade do jornalismo, conforme o tempo de experiência, percebemos uma valorização maior entre os grupos que acumulam menos tempo de experiência profissional. Quanto aos fatores de presencialidade, os grupos de profissionais jornalistas, docentes e estudantes de jornalismo seguiram a tendência dos resultados gerais, com divergências pontuais em um ou outro fator específico. Embora, se levamos em consideração apenas a atribuição de importância máxima (representada pelo valor 5), os estudantes se destacaram com maior número de atribuições em nove dos dez fatores de presencialidade avaliados. Esse resultado pode indicar que os estudantes ainda alimentam uma percepção romantizada da profissão, ou talvez ainda não estejam desiludidos com as práticas de produção jornalísticas.

Os fatores que apresentaram maior positividade são, em ordem decrescente: 'A(o) jornalista estar atento aos gestos, falas, olhares e expressões da fonte e os sentidos que eles produzem' e 'a(o) jornalista entregar-se à experiência e relatos da fonte, sem estar fixo a ideias preestabelecidas'. As maiores divergências na avaliação dos fatores de presencialidade, foram percebidas ao distinguirmos a função exercida pelos respondentes em seu trabalho.

Considerando o tempo e espaço delimitado para a construção desse Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), nossos cruzamentos e análises foram bem específicos. Como desdobramento desta pesquisa, outras avaliações podem ser realizadas. Utilizando os dados já coletados, podemos fazer cruzamentos entre as próprias categorias base, de profissionais jornalistas, docentes e estudantes de jornalismo, que se dividem entre ocupações diversas. Há ainda mais funções que podem ter sua percepção sobre a presencialidade avaliada, seja em relação aos

ambientes em que atuam, ao tempo de experiência e relação com o mercado etc. Uma possibilidade seria a aplicação de entrevistas semiestruturadas com essas mesmas categorias, também incluindo a audiência, para repercutir as considerações e achados desta pesquisa. Também seria interessante a aplicação da pesquisa em intervalos regulares, de modo a perceber como essas dimensões se adaptam ao longo do tempo e como elas podem indicar futuras transformações do jornalismo. Essas definições devem ficar para próximos trabalhos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMO, Cláudio. **A regra do jogo - o jornalismo e a ética do marceneiro**. São Paulo, Companhia das Letras, 1988.

ALMEIDA, Juliana Correia; NETO, Josafá Bonifácio da Silva. Gestão da Qualidade Editorial: aplicação do software Q-Avalia para análise de jornais do Nordeste. São Paulo, SBPJor, 2018. Anais, 16º. **Congresso Brasileiro de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor)**. Disponível em: <http://sbpjour.org.br/congresso/index.php/sbpjour/sbpjour2018/paper/view/1546>. Acesso em: 30 jan. 2021.

ANDERSON, Christopher W.; BELL, Emily; SHIRKY, Clay. Jornalismo pós-industrial: adaptação aos novos tempos. **Revista de Jornalismo ESPM**, v. 5, n. 3, p. 30-89, 2013.

ANGIOLILLO, Francesca. **Baudelaire chega aos 200 anos na hora em que flunar pode levar à morte por Covid**. 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2021/04/audelaire-chega-aos-200-anos-na-hora-em-que-flunar-pode-levar-a-morte-por-co-vid.shtml#:~:text=Baudelaire%20chega%20aos%20200%20anos,04%2F2021%20%2D%20ilustrada%20%2D%20Folha>. Acesso em: 22 maio 2021.

CAMPOS, Belén Galletero; ECHEZARRETA, Vanesa Saiz. Estudio exploratorio de la calidad en el periodismo digital en Castilla-La Mancha. **Barataria. Revista Castellano-Manchega de Ciencias Sociales**, [S.L.], n. 24, p. 173-189, 14 out. 2018. Asociação Castellano-Manchega de Sociologia (ACMS). Disponível em: <https://doi.org/10.20932/barataria.v0i24.403>. Acesso em: 27 jan. 2021.

CHARAUDEAU, Patrick. Visadas discursivas, gêneros situacionais e construção textual. **Gêneros: reflexões em análise do discurso. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG**, p. 13-41, 2004.

CHRISTOFOLETTI, R. Indicadores da qualidade no jornalismo: políticas, padrões e preocupações de jornais e revistas brasileiros. **Série Debates CI N. 3**. Unesco Representação no Brasil, 2010.

DANTAS, Juliana Bulhões Alberto; PINHEIRO, Elton Bruno Barbosa; SILVA, Vinícius Pedreira Barbosa da; BELTRAME, Vanessa; DAVID, Hadassa Ester. Crise, Precarização e Mudanças Estruturais no Jornalismo: reflexões sobre tendências teóricas. **Mediapolis – Revista de Comunicação, Jornalismo e Espaço Público**, [S.L.], n. 5, p. 39-49, 1 mar. 2018. Coimbra University Press. http://dx.doi.org/10.14195/2183-6019_5_3. Acesso em: 13 jan. 2021.

FERNÁNDEZ-SANDE, Manuel; CHAGAS, Luã; KISCHINHEVSKY, Marcelo. Dependencia y pasividad en la selección de fuentes informativas en el periodismo radiofónico en España. **Revista Española de Documentación Científica**, [S.L.], v. 43, n. 3, p. 270, 22 set. 2020. Editorial CSIC. <http://dx.doi.org/10.3989/redc.2020.3.1712>.

FIGARO, Roseli. **Como trabalham os comunicadores no contexto de um ano da pandemia de Covid-19**. 2021. Disponível em: http://www2.eca.usp.br/comunicacaoetrabalho/publicacoes_cpct/como-trabalham-os-comunicadores-no-contexto-de-um-ano-da-pandemia-de-covid-19-1-ano-e-500-mil-mortes/ Acesso em: 20 de agosto de 2021.

FREITAS, Guaciara Barbosa de. **Periferia midiaticizada – midiaticização da periferia**. 2008. Disponível em: www.cult.ufba.br/enecult2008/14175.pdf. Acesso em: 27 de agosto de 2021.

FREITAS, Henrique et al. O método de pesquisa survey. **Revista de Administração da Universidade de São Paulo**, v. 35, n. 3, 2000. Disponível em: http://www.clam.org.br/bibliotecadigital/uploads/publicacoes/1138_1861_freitashenriquerausp.pdf. Acesso em: 2 de outubro de 2021.

FÜRST, Silke. In the Service of Good Journalism and Audience Interests? How Audience Metrics Affect News Quality. **Media And Communication**, [S.L.], v. 8, n. 3, p. 270-280, 24 ago. 2020. Cogitatio. <http://dx.doi.org/10.17645/mac.v8i3.3228>.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Plagueder, 2009.

GIL, Antônio Carlos. Metodologia da pesquisa. **São Paulo: Atlas**, 2002.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. Editora Atlas SA, 2008.

GUERRA, Josenildo. Ranking Q-Avalia da qualidade jornalística Brasil-Portugal 2018: uma avaliação experimental. São Paulo, SBPJor, 2018. Anais, 16º. **Congresso Brasileiro de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor)**. Disponível em: <http://sbpjour.org.br/congresso/index.php/sbpjour/sbpjour2018/paper/view/1546>. Acesso em: 30 jan. 2021.

GUERRA, Josenildo. Qualidade editorial: proposta de um ambiente e de uma ferramenta para avaliação de qualidade. Palhoça, SBPJor, 2016. Anais, 14º. **Congresso Brasileiro de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor)**. Disponível em: <http://sbpjour.org.br/congresso/index.php/sbpjour/sbpjour2016/paper/viewFile/184/156>. Acesso em: 30 jan. 2021.

GUERRA, Josenildo; FEITOZA, Liliâne; GONÇALVES, Jussara. Qualidade em jornalismo: avaliação experimental dos requisitos pluralidade e relevância em três veículos brasileiros. Goiânia, SBPJor, 2019. Anais, 17º. **Congresso Brasileiro de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor)**. Disponível em: <http://sbpjour.org.br/congresso/index.php/sbpjour/sbpjour2019/paper/view/1980>. Acesso em: 30 jan. 2021.

GUERREIRO NETO, Guilherme. O jornalismo como instituição social. **Intercom**. Fortaleza, p. 1-15. set. 2012. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2012/resumos/R7-1793-1.pdf>. Acesso em: 13 nov. 2020.

HENRIQUE, Samaisa dos Anjos Xavier; PATRÍCIO, Edgard. A PERCEPÇÃO DE 'PERIFERIA' NA PRODUÇÃO AUDIOVISUAL DE GRUPOS COMUNITÁRIOS EM FORTALEZA. *Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación*, v. 14, n. 26, 2017.

HICKMANN, Taliana. **Técnicas de apuração e checagem no jornalismo investigativo e sua relação com a credibilidade e a qualidade da informação jornalística**. 2017. 127 f. Monografia (Especialização) - Curso de Jornalismo, Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2017. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11624/2308>. Acesso em: 25 fev. 2021.

JENKINS, Joy; NIELSEN, Rasmus Kleis. Proximity, Public Service, and Popularity: a comparative study of how local journalists view quality news. *Journalism Studies*, [S.L.], v. 21, n. 2, p. 236-253, 1 jul. 2019. Informa UK Limited. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/1461670x.2019.1636704>. Acesso em: 27 jan. 2021.

JÚNIOR, Antônio Melquíades; MEDINA, Cremilda; PATRÍCIO, Edgard; SALGADO, Ronaldo. In: **Pauta.Jor #1 - O presencial na produção do jornalismo**. Live promovida pelo Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Ceará. 14 ago. 2020. 1 vídeo (1h 46min 27s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=b5RcvDmrfeo>. Acesso em: 25 out. 2020.

KORMELINK, Tim Groot; MEIJER, Irene Costera. What clicks actually mean: Exploring digital news user practices. *Journalism*, v. 19, n. 5, p. 668-683, 2018.

LACY, Stephen; ROSENSTIEL, Tom. **Defining and measuring quality journalism**. New Brunswick, NJ: Rutgers School of Communication and Information, 2015.

MARGALIT, Ruth. **Out of Nowhere**: what's lost and won as newsrooms close their offices for good. What's lost and won as newsrooms close their offices for good. 2020. Disponível em: https://www.cjr.org/special_report/out-of-nowhere.php. Acesso em: 22 maio 2021.

MEDINA, Cremilda. **Ato presencial**: mistério e transformação. São Paulo: Casa da Serra, 2016. 336 p.

MEDINA, Cremilda. **Entrevista**: o diálogo possível. 5. ed. São Paulo: Ática, 2008. 96 p. (Princípios; 105).

MEDINA, Cremilda. **Notícia, um produto à venda – jornalismo na sociedade urbana e industrial**. 3ª edição. Summus Editorial, 1978.

MEIJER, Irene Costera. Valuable journalism: a search for quality from the vantage point of the user. *Journalism: Theory, Practice & Criticism*, [S.L.], v. 14, n. 6, p. 754-770, 30 ago. 2012. SAGE Publications. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1177/1464884912455899>. Acesso em 27 jan. 2021.

MEIJER, Irene Costera; BIJLEVELD, Hildebrand P.. Valuable Journalism. *Journalism Studies*, [S.L.], v. 17, n. 7, p. 827-839, 13 maio 2016. Informa UK Limited. <http://dx.doi.org/10.1080/1461670x.2016.1175963>. Acesso em: 31 jan. 2021.

MERID, Feven. **Remote Possibilities**. 2021. Disponível em: https://www.cjr.org/the_media_today/pandemic-office-return-work-from-home.php. Acesso em: 22 maio 2021.

NICOLETTI, Janara; MICK, Jacques. INFLUÊNCIAS DA PRECARIZAÇÃO NA QUALIDADE JORNALÍSTICA: construção de uma matriz de indicadores. **Passagens**, Fortaleza, v. 9, n. 1, p. 127-141, 2018. Semestral

NICOLETTI, Janara. **Reflexos da precarização do trabalho dos jornalistas sobre a qualidade da informação**: proposta de um modelo de análise. 2019. 296 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/215446?show=full>. Acesso em: 24 nov. 2021.

NONATO, Cláudia; PACHI FILHO, Fernando Felício; CAMARGO, Camila Acosta. Periferia: um lugar para a identidade no discurso de jornalistas. **E-Compós**, [S.L.], p. 1-24, 10 set. 2020. E-compos. Disponível em: <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/2024/2016>. Acesso em: 13 ago. 2021.

ODRIOZOLA-CHÉNÉ, Javier; RODRIGO-MENDIZÁBAL, Iván. Hacia un periodismo de calidad en Ecuador: perspectivas de periodistas y audiencia. **Cuadernos de Información**, [S.L.], v. 41, p. 175-192, 24 abr. 2018. Pontificia Universidad Católica de Chile. Disponível em: <https://doi.org/10.7764/cdi.41.1100>. Acesso em: 28 jan. 2021.

PANTTI, Mervi Katriina et al. Journalism and witnessing. **The Handbook of Journalism Studies**, 2019.

PATRÍCIO, Edgard. Jornalismo e pandemia – Impactos da Covid-19 nas rotinas de produção do jornalismo independente. **Pauta Geral-Estudos em Jornalismo**, v. 7, n. 1, p. 1-18, 2020.

PELLEGRINI, Silvia; PUENTE, Soledad; GRASSAU, Daniela. La calidad periodística en caso de desastres naturales: cobertura televisiva de un terremoto en Chile. **Estudios Sobre El Mensaje Periodístico**, [S.L.], v. 21, p. 249-267, 26 nov. 2015. Universidad Complutense de Madrid (UCM). Disponível em: <https://revistas.ucm.es/index.php/ESMP/article/view/50678>. Acesso em: 28 jan. 2021.

PERES, Ana Cláudia. Cidades visíveis: a esquina da experiência urbana com o jornalismo. **Rumores**, S. I, v. 9, n. 18, p. 150-168, dez. 2015. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/Rumores/article/view/85629/107018>. Acesso em: 13 jul. 2021.

PERES, Ana Claudia. Jornalismo: testemunha lacunar da história. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, S.I, v. 18, n. 1, p. 25-37, jun. 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/77158/46833>. Acesso em: 9 jul. 2021.

PICARD, Robert G. Commercialism and Newspaper Quality. **Newspaper Research Journal**, vol. 25, nº 1, 2004, p. 54-65.

POSETTI, Julie; BELL, Emily; BROWN, Pete. **Journalism and the pandemic: a global snapshot of impacts.** a global snapshot of impacts. 2021. Disponível em: <https://www.icfj.org/our-work/journalism-and-pandemic-survey>. Acesso em: 21 maio 2021.

PRAZERES, Michelle; RATIER, Rodrigo. O fake é fast? Velocidade, desinformação, qualidade do jornalismo e media literacy. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, [S.L.], v. 17, n. 1, p. 86-95, 18 jun. 2020. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Disponível em: <https://doi.org/10.5007/1984-6924.2020v17n1p86>. Acesso em: 28 jan. 2021.

RANGEL, Monique Benati. A construção da autoridade jornalística: onisciência e onipresença fundamentando o poder simbólico do jornalista. In: **CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO**. 2004. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/8454043952825832648544678443295804024.pdf>. Acesso em: 8 out. 2021.

RESTREPO, Javier Darío. **Internet exige um jornalismo de melhor qualidade.** 2013. Disponível em: http://www.observatoriodaimprensa.com.br/imprensa-em-questao/_ed751_internet_exige_um_jornalismo_de_melhor_qualidade/. Acesso em: 10 ago. 2021.

RIO, João do. **A alma encantadora das ruas.** Nova Fronteira, 2012.

RIVAS-DE-ROCA, Rubén; CARO-GONZÁLEZ, Francisco J.; GARCÍA-GORDILLO, Mar. Indicadores transnacionales de calidad informativa basados en la experiencia de periodistas locales: estudios de caso en medios digitales de alemania, españa y reino unido. **Congreso Internacional de La Asociación Española de Investigación de La Comunicación**, [S.L.], p. 39-50, 25 set. 2020. Ediciones Profesionales de la Información SL. Disponível em: <https://doi.org/10.3145/AE-IC-epi.2020.e03>. Acesso em: 27 jan. 2021.

ROCHA, Gabriela Alves Santos. **A Prática do Jornalismo Declaratório na Cobertura de Educação e Consequências na Qualidade das Notícias.** 2020. Disponível em: <https://www.fapcom.edu.br/revista/index.php/revista-comfilotec/article/view/395/361>. Acesso em: 9 jul. 2021.

ROLNIK, Raquel. **O que é cidade.** Coleção Primeiros Passos, volume 203. São Paulo, Editora Brasiliense, 1988.

ROMERO-RODRÍGUEZ, Luis M; AGUADED, Ignacio. Toward a taxonomy of newspaper information quality: an experimental model and test applied to venezuela dimensions found in information quality. **Journalism**, [S.L.], v. 18, n. 10, p. 1327-1345, 11 ago. 2016. SAGE Publications. <http://dx.doi.org/10.1177/1464884916663596>

ROTHBERG, Danilo; GARRIDO, Bibiana Alcântara. Por uma agenda de pesquisa em qualidade no jornalismo. São Paulo, SBPJor, 2018. Anais, 16^o. **Congresso Brasileiro de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor)**. Disponível em: <http://sbpjour.org.br/congresso/index.php/sbpjour/sbpjour2018/paper/view/1546>. Acesso em: 30 jan. 2021.

ROUANET, Sérgio Paulo. É a cidade que habita os homens ou são eles que moram nela? – História material em Walter Benjamin. In: **Dôssiê Walter Benjamin**. São Paulo, Revista USP nº 15, Coordenadoria de Comunicação Social da USP, set/out/nov de 1992.

SALGADO, Ronaldo. **A crônica reporteira de João do Rio**. Fortaleza: Laboratório de Estudos da Oralidade / Expressão Gráfica e Editora Ltda., 2006.

SAMPIERI, R. H.; COLLADO, C. F.; LUCIO, P. B. Metodologia de pesquisa. Porto Alegre: Amgh. **Série Métodos de Pesquisa**, 2013.

SANTOS et al. Qualidade e transparência editorial: um estudo exploratório dos jornais do centro-oeste. São Paulo, SBPJor, 2018. Anais, 16º. **Congresso Brasileiro de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor)**. Disponível em: <http://sbpjour.org.br/congresso/index.php/sbpjour/sbpjour2018/paper/view/1546>. Acesso em: 30 jan. 2021.

SANTOS, Ebida; GUAZINA, Liziane Soares. QUALITY ISSUES IN NEWS COVERAGE OF DILMA ROUSSEFF'S IMPEACHMENT: an analysis of six brazilian newspapers. **Brazilian Journalism Research**, [S.L.], v. 16, n. 2, p. 342-367, 31 ago. 2020a. Associação Brasileira de Pesquisadores de Jornalismo. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.25200/bjr.v16n2.2020.1265>. Acesso em: 27 jan. 2021.

SANTOS, Ébida; GUAZINA, Liziane. Qualidade no jornalismo: percursos estrangeiros, problemas brasileiros. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, [S.L.], v. 17, n. 1, p. 32-42, 18 jun. 2020b. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). <http://dx.doi.org/10.5007/1984-6924.2020v17n1p32>.

SANTOS, Jeana Laura da Cunha. As novas configurações do tempo e do espaço e seus efeitos para o labor jornalístico. **Revista Famecos**, [S.L.], v. 23, n. 3, p. 22607, 7 jul. 2016. EDIPUCRS. <http://dx.doi.org/10.15448/1980-3729.2016.3.22607>.

SENNETT, Richard. **A corrosão do caráter**: As conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo. Rio de Janeiro: Record, 2015.

SENNETT, Richard. **O Artífice**. Rio de Janeiro: Record, 2009.

SILVA, José Borzachiello da. **Os incomodados não se retiram**. Fortaleza: Multigraf Editora, 1992.

SILVEIRA, Ada Cristina Machado; HARTMANN, Camila; KEGLER, Bruno. Pandemia x pandemônio: o cotidiano da periferia no noticiário. **Cidade, Mídias, Memória e Cotidiano em Tempos de Pandemia**, p. 37, 2021.

Schulz, Winfried. **Preconditions of journalistic quality in an open society**. International Conference News Media and Politics–Independent Journalism, Budapest, Hungary. 2000. Disponível em: <https://europatarsasag.hu/en/blog/preconditions-journalistic-quality-open-society>. Acesso em: 10 fev. 2021.

TAVARES, Frederico; VAZ, Paulo Bernardo Ferreira. Cidades em “Cidade”. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 2, n. 2, p. 51-61, 2005. Disponível em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/2142>. Acesso em: 10 ago. 2021.

WALTZ, Igor. **O “Jornalista sentado” e condições de produção: considerações sobre práticas profissionais na comunicação em rede**. 2015. Disponível em: <https://www3.faac.unesp.br/leiturasdojornalismo/index.php/leiturasdojornalismo/article/view/69/65>. Acesso em: 13 jul. 2021.

ZANETTI, Daniela. Narrativas das Periferias para o Discurso do Reconhecimento. **Comunicação, XX COMPÓS**, p. 1-15, 2011.

APÊNDICE A – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

QUESTIONÁRIO	
SEÇÃO 1	
PERGUNTAS	RESPOSTAS
1. Nome/nome social	Questão aberta
2. E-mail	Questão aberta
3. Idade (escreva apenas o numeral)	Questão aberta
4. Categoria em que você se enquadra	<input type="checkbox"/> Estudante de jornalismo em universidade/centro de ensino superior público <input type="checkbox"/> Estudante de jornalismo em universidade/centro de ensino superior privado <input type="checkbox"/> Profissional jornalista <input type="checkbox"/> Docente de jornalismo
5. Ocupação em que você se enquadra	<input type="checkbox"/> Estudante de jornalismo que NUNCA estagiou <input type="checkbox"/> Estudante de jornalismo que JÁ estagiou, mas NÃO está estagiando agora <input type="checkbox"/> Estudante de jornalismo EM estágio <input type="checkbox"/> Jornalista ou docente sem trabalho atual <input type="checkbox"/> Jornalista EM atuação no mercado <input type="checkbox"/> Jornalista SEM atuação no mercado <input type="checkbox"/> Docente em jornalismo E COM atuação no mercado <input type="checkbox"/> Docente em jornalismo E SEM atuação no mercado
SEÇÃO 2	
PERGUNTAS	RESPOSTAS

<p>6. Ambiente em que trabalha/estágia (pode selecionar mais de um)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <input type="checkbox"/> Empresa de comunicação/jornalismo <input type="checkbox"/> Empresa de assessoria de comunicação/jornalismo <input type="checkbox"/> Empresa privada sem ser de comunicação/jornalismo <input type="checkbox"/> Iniciativa de jornalismo independente <input type="checkbox"/> Organização não governamental (ONG) <input type="checkbox"/> Organização de movimentos sociais <input type="checkbox"/> Órgão público <input type="checkbox"/> Curso de Comunicação/Jornalismo de universidade/centro de ensino superior pública(o) <input type="checkbox"/> Curso de Comunicação/Jornalismo de universidade/centro de ensino superior privado <input type="checkbox"/> Curso de Comunicação/Jornalismo de universidade/centro de ensino superior comunitária(o) <input type="checkbox"/> Curso de Comunicação/Jornalismo de universidade/centro de ensino superior confessional <input type="checkbox"/> Freelancer <input type="checkbox"/> Influencer digital <input type="checkbox"/> Produção de podcast
<p>7. Indique a função que você exerce no trabalho/estágio (pode selecionar mais de uma)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <input type="checkbox"/> Professor <input type="checkbox"/> Assessor(a) de comunicação <input type="checkbox"/> Assessor(a) de imprensa <input type="checkbox"/> Gestor <input type="checkbox"/> Proprietária(o) <input type="checkbox"/> Repórter <input type="checkbox"/> Produtor(a) <input type="checkbox"/> Editor(a) <input type="checkbox"/> Social media

	<input type="checkbox"/> CEO <input type="checkbox"/> Jornalista de dados <input type="checkbox"/> Direção de redação <input type="checkbox"/> Marketing
SEÇÃO 3	
PERGUNTAS	RESPOSTAS
8. Experiência profissional no jornalismo, como estudante que já estagiou, jornalista ou docente	<input type="checkbox"/> Sem experiência profissional <input type="checkbox"/> Menos de um ano <input type="checkbox"/> 1 a 3 anos <input type="checkbox"/> 4 a 10 anos <input type="checkbox"/> 11 a 15 anos <input type="checkbox"/> 16 a 25 anos <input type="checkbox"/> Mais que 25 anos
SEÇÃO 4	
PERGUNTAS	RESPOSTAS
9. Identifique (numa escala a de 1 a 5) a importância de cada dimensão para a qualidade no jornalismo, em que 1 (UM) significa o mais baixo nível de importância e 5 (CINCO) o mais alto nível de importância	1. Objetividade 1. <input type="checkbox"/> 2. <input type="checkbox"/> 3. <input type="checkbox"/> 4. <input type="checkbox"/> 5. <input type="checkbox"/> 2. Subjetividade 1. <input type="checkbox"/> 2. <input type="checkbox"/> 3. <input type="checkbox"/> 4. <input type="checkbox"/> 5. <input type="checkbox"/> 3. Pluralidade 1. <input type="checkbox"/> 2. <input type="checkbox"/> 3. <input type="checkbox"/> 4. <input type="checkbox"/> 5. <input type="checkbox"/> 4. Veracidade 1. <input type="checkbox"/> 2. <input type="checkbox"/> 3. <input type="checkbox"/> 4. <input type="checkbox"/> 5. <input type="checkbox"/> 5. Interesse público 1. <input type="checkbox"/> 2. <input type="checkbox"/> 3. <input type="checkbox"/> 4. <input type="checkbox"/> 5. <input type="checkbox"/>

	<p>6. Transparência</p> <p>1. () 2. () 3. () 4. () 5. ()</p> <p>7. Responsabilidade social</p> <p>1. () 2. () 3. () 4. () 5. ()</p> <p>8. Independência</p> <p>1. () 2. () 3. () 4. () 5. ()</p> <p>9. Apartidarismo</p> <p>1. () 2. () 3. () 4. () 5. ()</p> <p>10. Imparcialidade</p> <p>1. () 2. () 3. () 4. () 5. ()</p> <p>11. Verificabilidade</p> <p>1. () 2. () 3. () 4. () 5. ()</p> <p>12. Precisão</p> <p>1. () 2. () 3. () 4. () 5. ()</p> <p>13. Proximidade</p> <p>1. () 2. () 3. () 4. () 5. ()</p> <p>14. Atualidade</p> <p>1. () 2. () 3. () 4. () 5. ()</p> <p>15. Diversidade</p> <p>1. () 2. () 3. () 4. () 5. ()</p> <p>16. Presencialidade</p> <p>1. () 2. () 3. () 4. () 5. ()</p> <p>17. Ética</p> <p>1. () 2. () 3. () 4. () 5. ()</p>
--	---

<p>10. Identifique (numa escala de 1 a 5) a importância de cada fator para a qualidade da informação jornalística, em relação à presencialidade, em que 1 (UM) significa o mais baixo nível de importância e 5 (CINCO) o mais alto nível de importância</p>	<p>1. A(o) jornalista ser testemunha ocular dos fatos 1. () 2. () 3. () 4. () 5. ()</p> <p>2. A(o) jornalista entrevistar pessoalmente as fontes 1. () 2. () 3. () 4. () 5. ()</p> <p>3. A(o) jornalista realizar entrevista no ambiente das fontes 1. () 2. () 3. () 4. () 5. ()</p> <p>4. A(o) jornalista ir às ruas em busca de personagens e dados exteriores para as matérias 1. () 2. () 3. () 4. () 5. ()</p> <p>5. A(o) jornalista ter contato rotineiro com a cidade 1. () 2. () 3. () 4. () 5. ()</p> <p>6. A(o) jornalista estar atento aos gestos, falas, olhares e expressões da fonte e os sentidos que eles produzem 1. () 2. () 3. () 4. () 5. ()</p> <p>7. A(o) jornalista entregar-se à experiência e relatos da fonte, sem estar fixo a ideias preestabelecidas e juízo de valores 1. () 2. () 3. () 4. () 5. ()</p> <p>8. O tratamento da informação ser realizado pela(o) jornalista que apurou as informações nas ruas e/ou diretamente com as fontes 1. () 2. () 3. () 4. () 5. ()</p> <p>9. A(o) repórter interagir presencialmente com a(o) editor(a) 1. () 2. () 3. () 4. () 5. ()</p> <p>10. A(o) jornalista estar no ambiente físico da redação 1. () 2. () 3. () 4. () 5. ()</p>
---	---

Fonte: elaborado pela autora